



INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO  
Universidade Técnica de Lisboa

# CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA

ESTRATÉGIAS DE ARTICULAÇÃO ENTRE *THANATOS* E *POLIS*

Patrícia Gonçalves Cabaço

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em

**ARQUITECTURA**

OUTUBRO 2009

## RESUMO

---

A presente dissertação tem como tema o estudo da arquitectura do espaço funerário. O objecto de estudo definido são os Cemitérios Municipais de Lisboa, que integram um conjunto formado por sete cemitérios, dos quais seis reportam ao século XIX, tendo sido o último edificado já no século XX. O objectivo é explorar as relações que estabelecem com a urbanidade, procurando compreender de que forma estas podem contribuir numa crescente dignificação do equipamento e da malha urbana envolvente.

A descrição dos objectos de estudo tem como suporte metodológico a análise morfológica dos espaços. A dissertação foi desenvolvida em 5 fases sequenciais: (1) levantamento genérico de bibliografia e recolha alargada de informação; (2) tratamento da informação recolhida; (3) identificação de procedimentos metodológicos a adoptar no estudo dos Cemitérios Municipais de Lisboa; (4) Estudo de caso: análise dos sete Cemitérios Municipais de Lisboa; (5) interpretação dos resultados obtidos na fase 4.

O trabalho está organizado em três capítulos. No Capítulo 1 procede-se à contextualização e fundamentação do objecto de estudo – Cemitérios Municipais de Lisboa – com primeiro enfoque sobre a temática da morte onde se integra as atitudes do homem perante a morte e posteriormente as materializações que foi dando à mesma, através da definição e composição dos espaços da morte. A investigação sobre ambos incide sobre a cultura ocidental, embora em arcos temporais distintos. O primeiro desde a Idade Média à Contemporaneidade e o segundo, mais alargado, desde a Pré-História à Contemporaneidade. Ainda no primeiro capítulo procede-se a análise reflexiva sobre os recintos cemiteriais, mas desta vez no âmbito urbanístico – arquitectónico, elucidando sobre a implantação do recinto, a organização espacial e ainda sobre a organização funcional. Esta abordagem reflecte uma gradação crescente em termos de escalas, desde a escala da urbanidade à escala dos elementos físicos que constituem o espaço, não sem antes passar pelo desenho do próprio espaço. No capítulo 2 é desenvolvido o estudo de caso. Justifica-se a escolha da amostra utilizada e caracteriza-se cada caso na generalidade. Procede-se à análise individual de cada recinto de acordo com os procedimentos definidos na metodologia de análise. A análise integra dois momentos, o primeiro alusivo à malha urbana envolvente aos recintos, e o segundo ao recinto cemiterial propriamente dito, e, assim como a apresentação, também é efectuada cada estudo de caso individualmente. Finalmente, o Capítulo 3 que enfatiza as conclusões identificadas no desenvolvimento do trabalho, procurando traçar orientações programáticas adaptáveis à crescente diversidade de realidades que se identificam, quer ao nível do local de implantação, quer ao nível da inclusão da diversidade de culturas e crenças que se identificam actuantes nas cidades, e que deverão ter lugar no espaço da morte, assim como o têm no espaço da vida.

A análise permitiu, além de identificar características comuns na configuração dos Cemitérios Municipais de Lisboa, assim como na malha urbana envolvente, efectuar uma reflexão sobre a espacialidade e modo de funcionamento relevante para a definição de orientações que contribuem para a sua definição e dignificação. Assim, crê-se na importância da disciplina arquitectónica cuja poética induz a reformulações no âmbito do espaço da morte, integrando-o.

**PALAVRAS CHAVE:** CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA; MALHA URBANA ENVOLVENTE; ANÁLISE MORFOLÓGICA; MORTE; ESPAÇOS DE MORTE;

## ABSTRACT

---

The central theme of this dissertation is the study of the funerary space architecture. The selected case study are the cemeteries of Lisbon, which form an ensemble of seven cemeteries, six of which relate to the nineteenth century and was the last built in the twentieth century. The aim is to explore the relationships they establish with the urbanity, seeking to understand how they can contribute in increasing the equipment and dignity of the urban environment.

The description of the case study is methodological supported by morphological analysis of the spaces. The study was unfolded in 5 sequential stages: (1) general survey of literature and wide gathering of information, (2) gathered information treatment, (3) identification of methodological procedures to be applied in the study of Lisbon cemeteries, (4) Case study: analysis of the seven Lisbon cemeteries, (5) interpretation of the results obtained on phase 4.

The work is organized in three chapters. In Chapter the case study - Lisbon cemeteries - is introduced and fundament, at first focusing on the theme of death which integrates attitudes towards death itself, and after the embodiments given to death, through the definition and composition of it's spaces. The research focuses both on Western culture, although in different time arcs. The first since the Middle Ages to the Contemporary and the second, broader, from Pre-history to the Contemporary. Also in the first chapter there shall be reflective analysis on the grounds cemeteries, but this time in urban – architectural ambit, elucidating on the deployment of enclosure, the spatial organization and on the functional organization. This reflects an increasing gradation in terms of scales, from the urban scale of the physical elements that make up the space, but not before going through the design of space itself. Chapter 2 develops the case study. The choice of the sample used is justified and then characterized each case in general. Proceed to the individual analysis of each enclosure according to the procedures defined in the methodology of analysis. The analysis includes two phases, the first relative to the urban environment surrounding the precincts, and the second relative to the cemetery space it self, the presentation is also made each case individually. Finally, Chapter 3, which emphasizes the findings identified in the development of the study, and intends to define clear guidelines for a program, also adaptable to the growing diversity of realities, both in terms of the site, and in the inclusion of the diversity of cultures and beliefs that are operating in cities, and that should take place in the space of death, just as they have in the space of life.

The analysis has, in addition to identifying common features in the configuration of the case study, as well as the urban environment, conduct a debate on the spatiality and operation, as well as the development of guidelines that contribute to its definition and dignity. Thus, it is believed in the importance of architectural discipline whose poetic induces reformulations in the space of death, integrating it.

**KEY WORDS:** LISBON CEMETERIES; URBAN ENVIRONMENT; MORPHOLOGICAL ANALYSIS; DEATH; DEATH SPACES;

## AGRADECIMENTOS

---

À minha avó Mimi, a quem dedico este trabalho, que me falou da vida em vida, que me fala da vida na morte.

À Professora Teresa Heitor, pelo acompanhamento sempre disponível que demonstrou e pelo rigor crítico e sinceridade que sempre reconheço nas suas palavras.

À Professora Maria Manuel Oliveira, com quem é uma alegria partilhar conversas. Pela sintonia e pelo acolhimento.

Ao Arquitecto Pedro Valagão, pelo entusiasmo que transparece, e pelo incentivo e confiança que sempre manifestou neste trabalho.

À Divisão de Gestão Cemiterial (DGC) da Câmara Municipal de Lisboa, particularmente à Arquitecta Ana Paula Ribeiro, Arq. Helena Cerejo e Arq. Carlos Casimiro, pelo tempo precioso e informação dispendida.

Às companheiras de Instituto, Madalena Mariz e Leonor Cício, depois de um árduo ano partilhado.

Ao Professor Pedro Ferreira, que me ensinou que pessoas privilegiadas têm responsabilidades acrescidas.

Aos amigos que aceitaram ausências e partilharam espaços de trabalho, inúmeras conversas, preocupações, mas sobretudo com quem é uma alegria partilhar a Vida, pelo fiel e constante apoio: Joana Viana Lopes, Maria da Glória Valle, Joana Costa e Silva, Mafalda Trigo da Roza, Isabel Lacerda, Maria Vaz Pinto, Leonor Franco, Helena Baltazar Costa, Sofia Vasconcelos, Carolina Vicente e Ricardo Amado.

Aos meus pais que edificaram a nossa casa em terreno firme, pelo exemplo de Vida e Amor. Aos meus irmãos, pela alegria e apoio, porque é uma bênção partilhar Vida e sangue convosco.

Ao António, porque vive-se para Ressuscitar. Para Ressuscitar é preciso morrer.

Tu sabes o quanto eu gosto de ti.

À vida, que é dom. Que eu saiba estar à altura.

À morte, que reinventa a Vida.

A Deus, que pacientemente me ensina e recorda que a vida é para ser Entregue.

*Eu não vim para ser servido, Eu vim para servir.*



## ÍNDICE GERAL

Resumo	
Abstract	
Agradecimentos	
Índice Geral	
Índice de Imagens	
<hr/>	
0. INTRODUÇÃO	1
0.1. Objectivo do estudo	2
0.2. Justificação do estudo	3
0.3. Revisão Bibliográfica	4
0.4. Desenvolvimento do trabalho	8
0.5. Organização do trabalho	9
<hr/>	
1. O CEMITÉRIO	10
1.1. Enquadramento	11
1.1.1. O Homem e a Morte	12
1.1.2. O Espaço e a Morte	15
1.2. Princípios Programáticos	25
1.2.1. Localização do Cemitério	26
1.2.2. Organização Espacial	29
1.2.3. Organização Funcional	30
<hr/>	
2. ESTUDOS DE CASO	34
2.1. Caracterização geral	35
2.2. Metodologia de análise – Cheio.Vazio	45
2.3. Análise Descritiva	48
2.3.1. Malha Urbana Envolvente	49
2.3.2. Recinto Cemiterial	68
<hr/>	
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
<hr/>	
4. BIBLIOGRAFIA	93
<hr/>	
5. ANEXOS	96
A. Malha urbana_Envolvente	97
B. Recinto Cemiterial	112
<hr/>	

## ÍNDICE DE FIGURAS

---

### 1. O CEMITÉRIO

FIG. 1.01	Stonehenge	<a href="http://www.edu.pe.ca">http://www.edu.pe.ca</a>	16
FIG. 1.02	Pirâmides Gizeh	<a href="http://upload.wikipedia.org">http://upload.wikipedia.org</a>	17
FIG. 1.03	Strada dei Sepolcri, Pompeia	<a href="http://upload.wikipedia.org">http://upload.wikipedia.org</a>	17
FIG. 1.04	Charnier des Saints-Innocents, Paris	<a href="http://www.landruclimeries.fr">http://www.landruclimeries.fr</a>	18
FIG. 1.05	Charnier des Saints-Innocents, Paris	<a href="http://www.landruclimeries.fr">http://www.landruclimeries.fr</a>	18
FIG. 1.06	Camposanto, Campanille, Pisa	<a href="http://upload.wikipedia.org">http://upload.wikipedia.org</a>	18
FIG. 1.07	Camposanto, Campanille, Pisa	<a href="http://cache.virtualtourist.com">http://cache.virtualtourist.com</a>	18
FIG. 1.08	Cemitério Sul de Estocolmo	<a href="http://whc.unesco.org">http://whc.unesco.org</a>	20
FIG. 1.09	Cemitério Norte de Hillversum	<a href="http://www.britishwargraves.co.uk">http://www.britishwargraves.co.uk</a>	20
FIG. 1.10	Cemitério de S.Cataldo	<a href="http://farm3.static.flickr.com">http://farm3.static.flickr.com</a>	20
FIG. 1.11	Cemitério de San Michele, Isola	<a href="http://padovacultura.padovanet.it">http://padovacultura.padovanet.it</a>	20
FIG. 1.12	Cemitério de Finisterra	<a href="http://2.bp.blogspot.com">http://2.bp.blogspot.com</a>	20
FIG. 1.13	Cemitério de Kortrijk	<a href="http://blogsimages.skynet.be">http://blogsimages.skynet.be</a>	20
FIG. 1.14	Finisterra	Google Earth	26
FIG. 1.15	Cemitério Finisterra	<a href="http://guerrilha.bloguesome.com">http://guerrilha.bloguesome.com</a>	26
FIG. 1.16	Hoog Kortrijk, Bélgica	Google Earth	27
FIG. 1.17	Hoog Kortrijk, Bélgica	<a href="http://www.kortrijk.be">http://www.kortrijk.be</a>	27
FIG. 1.18	Cemitério Monchique, Guimarães	Google Earth	27
FIG. 1.19	Parada, cemitério dos Prazeres	Google Earth	28
FIG. 1.20	Cemitério Père Lachaise, Paris	Google Earth	29
FIG. 1.21	Cemitério Mount-Auburn	Google Earth	29
FIG. 1.22	Cemitério La Valletta, Parma	Google Earth	29
FIG. 1.23	Pórtico funeral	Imagem de autor	29
FIG. 1.24	Inumação temporária, cemitério Benfica	Imagem de autor	30
FIG. 1.25	Inumação perpétua, cemitério Alto de São João	Imagem de autor	30
FIG. 1.26	Jazigo capela, cemitério Olivais	Imagem de autor	31
FIG. 1.27	Jazigos capela, cemitério Alto de São João	Imagem de autor	31
FIG. 1.28	Ossários e Jazigos municipais, cemitério Alto de São João	Imagem de autor	31
FIG. 1.29	Ossários, cemitério Benfica	Imagem de autor	31
FIG. 1.30	Jazigos municipais, cemitério Benfica	Imagem de autor	32
FIG. 1.31	Cendrário, cemitério Alto de São João	Imagem de autor	32



*Se acender a luz  
Não morrerei sozinho*

## 0.1. OBJECTIVO DO ESTUDO

A presente dissertação pretende analisar o espaço cemiterial como realidade urbana e o modo como se integra na sua estrutura - do passado à contemporaneidade. Assim pretende-se que sejam desenvolvidas reflexões e estratégias que incitem a uma devolução do espaço da *Thanatos* à cidade (*Polis*) e consequentemente à vida do Homem contemporâneo.

O objecto de estudo são os cemitérios existentes no concelho de Lisboa. Trata-se de um conjunto formado por sete cemitérios, onde seis reportam ao século XIX, tendo sido o último já edificado no século XX. Os espaços cemiteriais, também designados por espaços da morte deparam-se com uma alteração significativa, devido à laicização do campo sagrado, da qual resultam os estudos de caso definidos. Lisboa, que até meados do século XIX é detentora de uma malha sobreposta pela presença da morte, nas inúmeras igrejas e conventos, passa de cidade santuário a cidade sanitária. Primeiramente com dois pólos de enterramento principais extramuros, um no lado Ocidental e outro no lado Oriental. Esta ruptura leva a que tenham que ser desenvolvidas reflexões sobre o agora novo espaço dos mortos e o seu desenho. No entanto, não existiram projectos ambiciosos e edificados de raiz, apresentando-se muitas vezes as novas necrópoles iniciais como resposta demasiado simplista às exigências da lei, descuidando ao nível formal.

A par de toda a informação documental recolhida, a investigação alicerça-se na análise morfológica baseada em dois momentos distintos: o primeiro prende-se com a observação *in loco* dos objectos de estudo; o segundo com a manipulação de elementos gráficos, que contribuem para a descrição morfológica.

Cronologicamente é possível resumir os objectivos deste estudo, como uma sequência, na qual primeiramente se procura compreender a situação referente à contemporaneidade, com o intuito de responder concretamente, ainda que tendo sempre o pano de fundo da História. É objectivo o procurar seguir uma linha condutora idêntica à projectual, na qual se actua no presente, não descuidando do passado, mas antes tirando partido da sua riqueza.

## 0.2. JUSTIFICAÇÃO DO ESTUDO

O desejo de fazer incidir esta dissertação sobre o tema relativo aos espaços da morte em contexto urbano, prende-se com factores variados:

\_ entendimento dos espaços cemiteriais como locais à margem da vida activa e produtiva da cidade, na medida do uso que lhes correspondem, tornando-se e assumindo-se como espaços descuidados;

\_ também referir que o descuido leva a espaços mal tratados, contribuindo para este afastamento entre a vida e a morte;

\_ interesse em reflectir sobre o papel da morte na contemporaneidade e o modo como a arquitectura pode servir como veículo de alteração de atitudes face à sua inevitabilidade, através de estratégias a nível urbano que enalteam e remetam para o essencial destes ritos de passagem, em momento de extrema vulnerabilidade humana;

\_ assumir estes espaços como o que realmente são, sem estratégias que amenizem a presença da morte e a mascarem, numa tentativa de a aproximar às pessoas, de forma verdadeira, pelo que é. Independentemente daquilo em que se acredita, a morte assume-se sempre como um fim de algo;

No contexto do tema em questão importa explicitar que o espaço cemiterial e a própria problemática da morte é um assunto que se estende a diversas áreas da actualidade e de todos os tempos. De facto, a contemporaneidade tende a descuidar este tema e isso reflecte-se nos espaços que lhe estão associados. Hoje em dia há uma denegação da morte e uma dificuldade assumida nas sociedades ocidentais, modernas e urbanas em lidar com a mesma, encarar os acontecimentos que a envolvem e em viver o processo da fatalidade em relação a alguém que é próximo. Os espaços contribuem para esta atitude e vice-versa.

Assim, pretende-se explorar a melhor forma de reintegrar os espaços cemiteriais na malha urbana. Este aprofundamento é feito através da análise e compreensão da situação actual relativamente à problemática da morte, enquanto tema social, no que diz respeito às atitudes do Homem face à morte, por exemplo, assim como da História destes espaços, quer ao nível da estrutura formal adoptada quer ao nível da sua presença em contexto urbano.

Os estudos desenvolvidos advêm da leitura empírica do espaço cemiterial, com base em elementos do passado do mesmo e ainda com base nas questões socioculturais que lhes são também comuns. Opta-se assim pelos espaços, quer exteriores, ao nível da cidade envolvente, quer interiores, dentro do domínio do cemitério. Efectivamente, ao contrário do que seria de esperar, existem muitas áreas relacionadas com as necrópoles que poderiam ser alvo de estudo, e que em si, dariam outros temas de dissertação. A decisão sobre este tema específico recai também sobre a questão de entender o que já existe, como existe, e ainda o que poderá ser feito com o intuito de existir melhor.

### 0.3. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Existe uma vasta bibliografia sobre a temática da morte, procurando ora destrinçar este acontecimento de que todos seremos alvo embora não saibamos exactamente o que implica, ora apresentar perspectivas sobre a mesma, ora ainda descrevendo este momento e as implicações que tem nas vidas de outros. A bibliografia desta temática toca todas as áreas do saber, não fosse a morte, assim como a vida, a coisa que toda a humanidade tem mais em comum.

No entanto, denota-se neste tema uma certa desarticulação com a disciplina da Arquitectura, na qual a presente dissertação se inclui. Fazendo uso das palavras de OLIVEIRA (2007:4), *os estudos encontrados (...) revelam ao arquitecto, um discurso limitado no que se refere à interpretação da espacialidade inerente aos objectos estudados*. De facto os estudos são mais no âmbito da Antropologia, da Sociologia, da História, da Filosofia e da Teologia, encontrando-se também outros ainda, nomeadamente no campo da História de Arte, mais focalizados na iconografia destes espaços da morte. Assim, o papel do arquitecto na definição da espacialidade “reduz-se” quase exclusivamente à definição dos jazigos e sepulturas, definindo a última morad(i)a daqueles que já partiram.

De facto o único suporte teórico orientador da prática prende-se com a legislação. Desde o Decreto Lei de 21 de Setembro de 1835, por Rodrigo da Fonseca Magalhães, que se têm *publicado variadas disposições sobre cemitérios, umas em diplomas legais, outras em simples instruções dirigidas às entidades encarregadas da sua construção, manutenção ou polícia* (NORMAS PARA A CONSTRUÇÃO E POLÍCIA DE CEMITÉRIOS, 1962:3). No entanto, estes documentos vão sendo desenvolvidos por profissionais da área da higiene e saúde pública, assim como do direito. A par da regulamentação ao nível nacional, pelo Decreto Lei n.º 411/98, de 30 de Dezembro, na versão actualizada pela Lei n.º 30/2006, de 11/07, referente à inumação e trasladação de cadáveres, existe ainda o Regulamento dos Cemitérios Municipais, Edital n.º 60/84, em vigor desde 1984, concretamente na situação de Lisboa.

Num primeiro contacto com o tema houve uma grande necessidade de aprofundar a Morte. O que é e o que significa. Neste âmbito, e por forma a obter um quadro geral deste acontecimento último, desde a Idade Média até à contemporaneidade, consultaram-se diversas áreas de saber e autores. O primeiro contacto foi com **ARIÉS P.**, historiador francês, em *O homem perante a morte* (2000). Nesta obra o autor descreve o percurso histórico da morte, procurando perceber o modo como o homem se tem relacionado com ela ao longo dos tempos. Relativamente à contemporaneidade destaca-se a obra de **MORIN E.**, sociólogo e pensador francês, *O homem e a morte* (1988). O autor anuncia a existência de uma crise contemporânea de morte e expõe várias perspectivas de diferentes filósofos sobre a questão da morte e o seu significado.

Ainda nesta temática foram consultadas outras obras no campo da medicina e da bioética. Em *10 Palavras chave em Bioética e Cadernos de Bioética* (1996) - compilação de artigos sobre determinados temas - de **GAFO J.** são relevantes pela descrição e reflexão que fazem sobre a maneira de lidar com a morte, mais precisamente no contexto hospitalar, da presentemente tão comum e desumana, morte hospitalar. Inclusivamente, no primeiro, é interessante perceber a urgência que há no educar para a morte, propiciando um melhor acompanhamento do moribundo e contribuindo para a sua humanização, hoje em dia tão invisível e silenciosa.

Finalmente, e como literatura complementar recorreu-se a algumas publicações no âmbito da religião católica, por interesse e necessidade pessoal.

Num segundo momento, surge a indispensabilidade de perceber o modo como os espaços de morte se têm desenvolvido ao longo da história, não apenas ao nível formal, mas também ao nível das motivações sociais e políticas, muito concretamente em Portugal, e suas repercussões no âmbito do território cemiterial. Aqui entram também questões legislativas, pelas alterações que estes espaços sofreram que desencadearam numa necessidade de os organizar definindo-lhes características a respeitar em prol do seu bom funcionamento. Destaque para o trabalho de **DIAS V.M.**, *Cemitérios, jazigos e sepulturas* (1963). O autor apresenta uma monografia e estudo histórico, artístico, sanitário e jurídico, marcado pela diversidade de realidades que abarca sobre o mesmo tema, especialmente pela reflexão minuciosa sobre as questões jurídicas. O livro encontra-se dividido em cinco partes: evolução através dos tempos; arte tumular; higiene e salubridade; questões jurídicas especiais; e leis e regulamentos. Sendo as duas primeiras partes mais uma visão geral do que detalhada. *A luta contra os cemitérios públicos no século XIX* (1996), de **SÁ E MELO FERREIRA** também contribui significativamente no campo jurídico, sobre o qual a descrição do processo de interdição do sepultamento no interior dos espaços de culto, incide.

Pela necessidade de compreender mais a fundo a evolução histórica, neste caso relativamente à cidade de Lisboa em particular, consultou-se o livro *A morte em Lisboa: atitudes e representações* (1997), de **ARAÚJO A.**. Este livro tem uma abordagem essencialmente histórica e sociológica, assim como a publicação da Câmara Municipal de Lisboa, *Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário* (1993), de **FLORES F. M.**, embora neste último também surjam referências face à iconografia e à própria urbanidade dos espaços cemiteriais. Finalmente, mais direccionado para a capital, destaca-se a tese de Mestrado de **VIEIRA P.**, *Cemitérios de Lisboa no século XIX: pensar e construir o novo palco da memória* (1999), no qual se propõe investigar o modo como foram pensados e construídos os cemitérios públicos de Lisboa, no século XIX, assim como conhecer as opções formais tomadas. Esta dissertação foi efectuada no âmbito da História de Arte, sendo que a leitura que faz é ao nível da iconografia de interesse, nomeadamente no Cemitério dos Prazeres e, em menor incidência no Cemitério do Alto de São João.

Num terceiro momento, pretende-se explorar em maior profundidade a relação que o espaço cemiterial estabelece com a sua envolvente. Esta relação surge no âmbito arquitectónico – urbanístico, sentindo-se a necessidade de complementar a informação obtida nas obras supra citadas, cuja abordagem toca a pretendida muito superficialmente. Assim, são consultadas duas obras desenvolvidas no âmbito de trabalhos de dissertação de doutoramento em Arquitectura e em Teoria e História das Ideias respectivamente *In memoriam, na cidade* (2007), de OLIVEIRA M. e *Arquitectura para a Morte: A Questão Cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitectura* (2009) de SIMÕES FERREIRA J. M.. A primeira *pretende contribuir para a compreensão das transformações que o território da morte, nas suas expressões espaciais e arquitectónicas, tem sofrido no universo católico mediterrânico*. A autora não descuida do passado, reflectindo-o com o objectivo de obter *chaves de leitura* que enriqueçam, a par com a diversidade de áreas disciplinares consultadas, a abordagem arquitectónica. Outra questão de extrema pertinência é a análise *in situ* de territórios fúnebres, nacionais e internacionais, e os parâmetros seguidos no processo, o que permite como conclusão, objectivar as condições de reintegração dos espaços de morte na cidade dos vivos. A segunda obra referida reflecte a *arquitectura para a morte*, tendo sempre como pano de fundo a influência que esta tem na Teoria da Arquitectura, desde Vitruvius (século I) a Auzelle (meados dos anos 60). O autor procura entender o que tem sido dito sobre o *ordenamento urbanístico e arquitectónico* dos cemitérios identificando como fio condutor, os factores de salubridade, factores de culto e memória e factores ético – estéticos. De enaltecer é a descrição efectuada dos cemitérios ocidental e oriental da cidade de Lisboa, ao nível das características físicas do cemitério, como sejam os materiais utilizados, a iconografia, a hierarquia de espaços de acessibilidades ou de descompressão, factores a ter em conta aquando do processo de análise da presente dissertação. Em ambas as obras está patente, algo insistentemente, o papel diminuto que foi dado ao arquitecto no tratamento, quer dos espaços em si, quer da integração dos mesmos no território, na urbanidade que se lhes ia aproximando.

Finalmente e num ultimo momento, pretendeu-se elucidar mais incisivamente sobre possíveis parâmetros de análise morfológica do espaço cemiterial, e da sua relação com a cidade. Assim recorreu-se ao trabalho desenvolvido por PEREIRA A. V., *A forma urbana no planeamento físico* (1983). Embora esta publicação não se assuma como elemento de aplicação directa no âmbito da metodologia de análise da presente tese, mas antes como complemento à abordagem, uma vez que se quer reflectir espacialidades e relações no âmbito da cidade. Deste modo, considera-se que esta abordagem, assim como as análises efectuadas nas duas obras anteriormente referenciadas, funcionem como pistas para a definição de uma metodologia de análise morfológica adoptada à realidade dos cemitérios de Lisboa, objectos de estudo da dissertação.



Acrescenta-se, no âmbito da prática arquitectónica, os desenvolvimentos que se têm observado na reinvenção e reinterpretação das necrópoles portuguesas. *A urbanização progressiva do território e as hodiernas formas de relacionamento societário e familiar, os rituais adaptam-se e adoptam diferentes formas de expressão, assim como o multiculturalismo crescente que revela e autoriza práticas anteriormente desconhecidas e rejeitadas*, a par com opção pela cremação, constituem factores que exigem reflexão e resposta por parte da Arquitectura (OLIVEIRA, 2007:271). Neste campo destacam-se as necrópoles já finalizadas: de Monchique, em Guimarães, inaugurado em 2004 e da autoria dos arquitectos Maria Manuel Oliveira e Pedro Mendo; de Santa Catarina, em Abrantes, finalizado em 2005 embora ainda não se encontre em funcionamento, do arquitecto Paulo Girão; da Giesteira, na Póvoa do Varzim, terminada em finais de 2006, do atelier Vio Design; e ainda os cemitérios da Luz e da Estrela, de 2002 e 2004 respectivamente, ambos da autoria de Pedro Pacheco e de Marie Clément. Estes últimos *retomam a peculiar tradição cemiterial alentejana, reinterpretando-a sem nostalgia, e constroem um espaço em que a contemporaneidade se inscreve no seu cuidado desenho*, cuja *pesquisa sobre a tradição é reveladora de que esse não é um caminho esgotado* (OLIVEIRA, 2007:282). No âmbito académico é de referir a proposta de José Luís Cadilhe, em 2005, para o cemitério da Póvoa de Varzim.

Interessa ainda referir, como particularidade, os trabalhos jornalísticos sobre cemitérios desenvolvidos no âmbito do programa Caminhos do Património realizado pelo IGESPAR em colaboração com a TSF, em 2008. A primeira referente ao cemitério dos Prazeres, em Lisboa, contou com a presença da Dra. Paula André (*Cemitérios de Lisboa no século XIX: pensar e construir o novo palco da memória*) e do Dr. Pedro Prista, antropólogo. A segunda referente ao cemitério de Agramonte, no Porto, com o testemunho do Professor Francisco Queiroz e da Eng. Arnaldina Reisenberg.

Ambas as reportagens foram de extremo interesse para o presente trabalho, uma vez que incluíram a descrição da evolução da questão cemiterial em Portugal, a partir do século XVIII, com maior enfoque em cada uma das cidades referidas, mas também pelas questões que levantaram relativamente ao processo de musealização dos cemitérios oitocentistas, assim como questões relativas ao modo como será encarada a morte no futuro, e mesmo a novidades no âmbito cemiterial como sejam o cemitério – jardim e a cremação... muitas questões se levantam no tema da morte, o que revela, por um lado, curiosidade e vontade de aprofundar para responder e por outro, alguma falta de reflexão, necessária pelo curso natural da evolução das coisas.

No final da reportagem no cemitério de Agramonte, a equipa cruza-se com uma senhora a quem perguntam sobre a morte. A resposta simples vai ao cerne da verdade, *tudo o que nasce morre... nem que não queira... eu tenho que ir...*

#### 0.4. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

O presente trabalho é de natureza exploratória baseado em pesquisa documental e observação *in loco*. O seu desenvolvimento considerou 5 fases:

- 1) Levantamento genérico de bibliografia e recolha alargada de informação sobre:
  - a. atitudes do Homem perante a Morte na cultura Ocidental;
  - b. conceitos e evolução histórica dos espaços cemiteriais:
    - \_ na cultura Ocidental desde a Pré-história à Contemporaneidade;
    - \_ em Portugal a partir do século XVIII;
  - c. legislação nacional e municipal relativa à utilização dos espaços cemiteriais;
  - d. levantamento genérico: recolha de informação sobre espaços cemiteriais;
  - e. levantamento específico (estudos de caso): recolha orientada para a análise dos espaços cemiteriais em Lisboa;
  
- 2) Tratamento de informação relativa aos pontos a, b, c, d, e;
  
- 3) Identificação dos procedimentos metodológicos a adoptar no estudo dos recintos cemiteriais;
  
- 4) Análise dos sete casos de estudo definidos;
  
- 5) Tratamento dos resultados obtidos na fase da análise, fase 4;

## 0.5. ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho organiza-se em três capítulos. O Capítulo 1 trata do objecto de estudo, e respectivas áreas de interesse a ele associadas, enquadrando-o. Divide-se em dois grandes momentos. O primeiro alusivo ao enquadramento histórico, onde se pretende elucidar primeiramente sobre o motivo da existência destes espaços – a Morte –, discorrendo sobre as atitudes que o homem foi tendo face a esta inevitabilidade ao longo dos tempos. Depois do motivo, o espaço, e novamente a questão da sua evolução ao longo dos séculos, dando-se especial enfoque à situação em Portugal. Neste âmbito considerou-se apenas a cultura ocidental, balizando de igual modo os arcos temporais, por motivos óbvios de limitar o campo de incidência da presente dissertação. O segundo momento, referente à dimensão programática do objecto de estudo, procurando identificar princípios que orientam o seu tratamento sobre três vertentes, identificadas como relevantes. A primeira é alusiva à implantação destes espaços no território, no contacto com a envolvente, e conseqüente adequação ou não ao mesmo. A segunda refere-se ao desenho matricial do recinto cemiterial, apresentando três modelos matriciais. Finalmente uma terceira, relativa à constituição do espaço, apresentando as tipologias tumulares e o equipamento de apoio, que serve a gestão cemiterial. No âmbito dos princípios programáticos recorre-se à legislação em vigor, especificamente a relativa ao município de Lisboa e ainda a informação disponibilizada pela Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa, cujo trabalho incide sobre os casos de estudo em análise.

O Capítulo 2 incide sobre os casos de estudo definidos e divide-se em três partes distintas. Na primeira apresenta-se cada caso de estudo individualmente, caracterizando-os na generalidade. Num segundo momento apresenta-se a metodologia de análise, definida com base em três abordagens: uma primeira referente à informação recolhida no âmbito do Capítulo 1, uma segunda que compreende uma vivência *in loco* dos espaços em análise, e finalmente uma terceira, onde se determinam os parâmetros para análise morfológica que se pretende efectuar, com recurso à técnica de Cheio-Vazio. Consequentemente refere-se ainda que tipo de resultados se pretende obter a partir da definição desta metodologia. Finalmente, a análise, onde se descreve cada caso de estudo individualmente, de acordo com os parâmetros delineados, com recurso a esquemas ilustrativos. A análise integra dois momentos distintos, um primeiro ao nível da malha urbana envolvente e um segundo relativo ao espaço cemiterial em si. No final de cada um destes momentos apresenta-se uma síntese geral das conclusões que se foram retirando da análise, agrupando as informações retiradas ao nível individual.

O Capítulo 3 constitui o elemento conclusivo, de fecho do trabalho desenvolvido, apresentando as considerações finais. Aqui pretende-se dar resposta ao objectivo inicial da presente dissertação.



*Pai*

*Tenho medo de morrer depois da morte*

*Tenho medo de morrer antes da vida*

No âmbito do capítulo referente aos recintos cemiteriais interessa apresentar o objecto de estudo da presente dissertação, segundo duas vertentes. A primeira refere-se ao enquadramento histórico, não só ao nível dos recintos cemiteriais, mas inclusivamente da temática da Morte, aos quais dão resposta. A segunda vertente refere-se aos princípios programáticos que orientam a definição da espacialidade, interior e exterior, dos próprios recintos. A relevância de abordar o objecto sob ambas as perspectivas é relativa ao âmbito da disciplina da Arquitectura. Primeiramente é necessário conhecer, inteirando-se sobre passado e presente, por forma a dar uma resposta esclarecida, bem como explorar os documentos existentes que orientem o desenho projectual, ampliando o panorama das materializações que têm sido dadas aos recintos.

### 1.1. ENQUADRAMENTO

Na primeira parte do capítulo dedicado ao recinto cemiterial, faz-se o enquadramento histórico destes locais. A abordagem inicial passa pela compreensão dos motivos que levam à definição deste tipo de espaços, ou seja, a Morte. Seguidamente o enfoque passa para o espaço em si, a evolução que foi sofrendo ao longo dos tempos, produto de uma evolução das próprias atitudes do homem face à sua mortalidade. Em ambas as temáticas, quer do homem, quer do espaço, a incidência é a cultura ocidental, o que varia é o arco temporal. Na primeira é desde a Idade Média, na segunda, desde a Pré-história, no entanto em ambos os casos a opção está justificada e vai de encontro ao objectivo da dissertação.

Ainda no âmbito do recinto cemiterial dedica-se uma parte à situação em Portugal, por questões de compreensão da evolução deste tipo de espaços no contexto em que se integram os casos de estudo em análise. Neste caso o arco temporal é menor, tendo sido considerado a partir do século XVIII, uma vez que esta época surge como momento de charneira no tratamento e modo de actuar face aos espaços de morte.

De facto, atitudes perante a morte e espaço da morte, não se anulam, antes complementam-se. No entanto, por questões de organização do trabalho e também pelo interesse que a temática da morte em si despertou, optou-se pela divisão em subcapítulos independentes, permitindo um mais amplo leque de conhecimentos sobre a diversidade de áreas comuns a esta mesma temática que é a Morte.

### 1.1.1. O HOMEM E A MORTE

No desenvolvimento do trabalho efectuado no âmbito da presente dissertação, e pela densidade e mesmo incompreensão, que se prendem com o tema de base, sentiu-se necessidade de aprofundar a Morte. O que se tem escrito, pensado e expressado em relação a ela e consequentemente a forma como tem sido vivida pela sociedade ao longo dos tempos, com especial incidência sobre a contemporaneidade. Esta reflexão surge também para a abordagem arquitectónica com o intuito de criar uma resposta esclarecida face aos espaços da morte. Primeiramente a um nível mais social e antropológico relativo à morte em si e seguidamente a um nível mais factual, no âmbito da evolução histórica dos espaços da morte.

Deste modo foram consultados uma variedade de autores, com diferentes áreas de interesse e de incidência, valorizando o facto de a Morte ser um tema amplamente interdisciplinar e muito próximo de cada homem ou mulher, independentemente das suas características individuais, crenças e culturas. A morte é comum a todos os homens, assim como a vida. Desde sempre que a humanidade procura entender a morte, desmistificando-a. Esta busca tem sofrido variadas formulações sobre o seu sentido, representando as mais profundas expectativas do homem. Assim tem-se a perspectiva socrático – platónica com libertação da alma a par do acesso a um mundo de saber superior, a perspectiva de enfoque épico, reveladora de uma indiferença perante a morte e a sua condição de inexperimentável, o que leva ao calmo saborear da vida. A aceitação da morte como algo inevitável e parte de um *ciclo de geração e corrupção*, revela uma *atitude estóica* e, finalmente, a crença na ressurreição do homem e vida nova na cidade celeste, *onde se desfrutaria não apenas do verdadeiro conhecimento, mas de uma total plenitude, de corpo e alma, que é a perspectiva cristã e agostiniana acerca da morte, ou melhor, da vida em Cristo e união mística com Deus* (SIMÕES FERREIRA, 2009:821).

Consequentemente é alvo de diversas representações, desde a literatura, da pintura e da escultura, passando pelo cinema e pelo teatro, pela música - de referenciar os *Requiem*, missas fúnebres escritas pelos grandes compositores do passado. Tudo tentativas de a aproximar mais da linguagem do homem, aquela que tocamos e compreendemos, aquela de que nos apropriamos.

A existência do homem joga-se no campo do tempo. *Ainda que em si experimente o desejo de eternidade, ele é temporalidade num corpo próprio e num espaço. E não poderia experimentar esse desejo, ou outro, se assim não fosse*” (SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA, 2008). A morte é o fim deste tempo que nos define, que nos delimita, é a totalização da vida, quando se consuma. A mais moderna antropologia já compreendeu que *“es indispensable y urgente recuperar la muerte para ser una antropologia completa y objectiva*, uma vez que não é possível pensar a morte sem a vida e vice versa, assumindo mesmo que *la vida del Hombre se vacia de contenido si no se ingresa en ella la muerte* (TERRASA, 1996).

Muito têm evoluído as atitudes perante a morte, interessa por isso entender como se procedeu esta evolução, especificamente na cultura ocidental, da qual fazemos parte. Neste âmbito destaca-se o historiador francês Philippe Ariés, cujo trabalho incide sobre o trajecto da história da morte. Apresenta-se seguidamente e de modo sucinto este trajecto. *A partir do século XI começa uma nova situação, a chamada morte própria, em que se insiste mais no carácter pessoal que a morte traz* (in GAFO, 1996:143). A pessoa tinha consciência de que estava a morrer e uma morte lenta permitia a experiência desejada do morrer. A morte súbita é assim negada uma vez que priva a pessoa desta experiência de passagem. No século XVI surge uma outra atitude a que *Ariés classifica de morte longínqua e próxima*. O Iluminismo e o progresso da ciência levantam a possibilidade de afastar o *fantasma da morte*. Pretendia-se *inculcar nas mentalidades, que a partir do progresso científico seria possível preservar a vida e se não era possível sonhar a imortalidade física, estavam criadas as condições para aumentar a esperança média de vida* (in GAFO, 1996:143). Já no século XIX, com o Romantismo surge outra fase, o foco da morte incide sobre o outro, o ser querido. *A morte atinge grande dramatismo, inclusive uma grande beleza (...) a morte tornou-se comovedora* (in GAFO, 1996:143). Este século assinala de forma profunda uma mudança radical no modo de *ver, sentir e pensar a Morte* (in GAFO, 1996:143). *O discurso cristão que durante séculos assegurava a gestão das angústias e alimentara esperanças redentoras era confrontado com as várias correntes de pensamento que alimentadas pelo racionalismo iluminista provocavam a reavaliação entre o Sagrado e o Profano* (FLORES, 1993:39).

Até à contemporaneidade identificamos três fases, de acordo com a leitura do historiador: morte desejada consciente, morte retardada pelo progresso científico e morte embelezada, com foco no outro, no ser querido e num sofrimento profundo pela perda. A partir da segunda metade do século XIX, como refere Edgar Morin, inicia-se uma *crise de morte* (MORIN, 1988), alicerçada na sua denegação, *facto oculto, escamoteado, quase pornográfico, do qual não é bom falar, como se se tratasse de um tema de mau gosto* (in GAFO, 1996:143). A verdade é que, *a descristianização que se vinha desenvolvendo aceleradamente desde o Séc.XVIII, tinha abalado fortemente a crença de uma vida para além da morte, assim, se a morte já não dava acesso a nada, então o melhor seria esquecê-la, prolongando esta vida, e vivendo-a de um modo intenso* (SIMÕES FERREIRA, 2009:823).

A par da morte, também o sofrimento e a dor são outros aspectos da vida que são rejeitados, recusando-se também, todos os rituais funerários. O tabu da morte destrona o tabu da sexualidade e é curioso que no processo se usem *metáforas semelhantes às usadas no passado para impedir a sexualidade: hoje os recém-nascidos já não vêm de Paris, nem são trazidos por cegonhas, mas o avô falecido foi fazer uma viagem maravilhosa ou está a cuidar de um belo jardim* (in GAFO, 1996:143). Este silenciar a morte é indicador de que ela constitui de facto um problema real, e aliás *o único problema para o qual uma sociedade que se julga onipotente no domínio técnico-científico não tem solução* (ASSOCIAÇÃO MÉDICOS CATÓLICOS PORTUGUESES, 1988:273).

No entanto e apesar deste escamotear, a questão da morte torna a levantar-se pela necessidade de a igualar com a vida, isto é, se hoje se tem procurado desenvolver uma arte de bem viver não faz sentido não fazer o mesmo com a morte. A denegação cultural e social da morte contribuem para um bloqueio do homem face à sua morte e à morte dos outros, desumanizando o processo, nomeadamente quando este é mais moroso e longe dos confortos do lar, pela necessidade de acompanhamento médico. Assim reanima-se o termo *ars moriendi* com necessidade também de o reformular, adequando-o à contemporaneidade. Esta reelaboração da arte de morrer propicia um novo modo de saber enfrentar a morte e poder ser ajudado quando ela estiver próxima.

Ariés afirma ainda que *resta uma pequena "elite" que deseja "humanizar" a morte, assumir e aceitar este acontecimento como um facto não vergonhoso e pretende conciliar a morte com a felicidade humana, independentemente das diversidades culturais e religiosas entre indivíduos* (in GAFO, 1996:143).

*Este é o grande desafio da cultura actual: reintroduzir com naturalidade o acto da morte nos nossos esquemas mentais, e saber aceitar algo tão fundamental, que tanto certos povos primitivos como o homem medieval já assumiram: a consciência da nossa mortalidade e a necessidade de introduzir humanidade e compaixão no transe da morte* (in GAFO, 1996:143).

Para concluir, faço minhas as palavras de Luiz Cunha, na nota de apresentação que faz à edição da tese de doutoramento de Simões Ferreira J. M. (2009), *quanto a mim penso que a morte, sem uma perspectiva teológica, é algo de inevitavelmente frustrante*. Assim como Santa Teresa de Ávila, *não me move, Senhor para Te amar/ O Céu que me prometeste/ Nem me move o inferno tão temido/ Para deixar por isso de Te ofender*. O que me move é a vida vivida à maneira de Cristo, assim como a Sua morte. E nesta perspectiva cristã da vida, a morte é o culminar de uma peregrinação em direcção ao abraço do Pai.



### 1.1.2. O ESPAÇO E A MORTE

Após ter-se efectuado uma síntese no contexto das atitudes do Homem perante a sua mortalidade, procede-se agora a uma outra, desta vez no âmbito do culto dos mortos e à sua materialização arquitectónica. Mais uma vez o campo de enfoque é a cultura ocidental e o arco temporal desde a Pré-história à Contemporaneidade. Neste caso sentiu-se necessidade de alargar o arco temporal pela relevância que assume no âmbito da Arquitectura, assumindo como sua origem, as construções que assinalam os locais de enterramento.

Se primeiramente se confrontou a morte, logo depois emergem variadas questões relativas ao modo como representamos tal acontecimento. Deste modo surgem os cultos e as práticas funerárias, assim como a edificação ou não de elementos físicos, concretização que os vivos dão aos mortos, que dão à morte. Estas manifestações variam consoante crenças, culturas, civilizações, e apresentam-se como respostas dadas a este acontecimento, consoante as variantes anteriormente enumeradas. Como refere Oliveira (2007:10), *não existem categorias humanas globais de compreensão da morte.*

## CULTURA OCIDENTAL

Seguidamente apresentar-se-ão as materializações arquitectónicas que o espaço da morte tem sofrido ao longo dos tempos. Divide-se em sete partes, correspondentes às épocas/civilizações de maior relevância no âmbito da história, ilustrando a diversidade de manifestações.



FIGURA 1.01. Stonehenge  
<http://www.edu.pe.ca>

Iniciando o percurso histórico nos *mais antigos tempos do paleolítico, do paleolítico inferior, faltam elementos que permitam tirar conclusões seguras sobre práticas funerárias*. Nos tempos do paleolítico superior, as manifestações são admiravelmente significativas, apresentando-se como *objectos móveis(...), e em pinturas rupestres*. A deposição dos corpos variava entre o abandono e o enterramento, no interior de *grutas ou lugares de habitação*, sendo que ao nível da inumação o cadáver adoptaria variadas posições. Uma prática que se associava à da inumação era o canibalismo ou antropofagia, dado comprovado *através do aparecimento de ossos humanos inumados contendo evidentes sinais do descarnamento realizado* (DIAS, 1963:22). Supõe Mauduit que este costume do homem pré-histórico que, *ao comer o morto, pensava incorporar (literalmente) as suas qualidades*, serviria para o homenagear (DIAS, 1963:22).

Segue-se a época neolítica onde são atribuídas ao homem grandes conquistas, particularmente na *evolução de uma vida nómada para a pastorícia e a agricultura*, assim como o *desenvolvimento muito acentuado do culto pelos mortos* (DIAS, 1963:25). Interessante perceber o funcionamento díspar e antagónico dos espaços de vida e de morte. O primeiro *lidaria com o transitório(...)* devido ao *esgotamento dos recursos naturais, então processando-se muito rapidamente devido ao primitivismo das técnicas* utilizadas. O espaço dos mortos *lidava com outra dimensão do tempo(...), onde a transitoriedade já não tinha lugar* (SIMÕES FERREIRA, 2009:36). Surge deste modo um curioso confronto entre a perenidade da morte e a efemeridade da vida. Como referido anteriormente, *a afinidade entre a morte, com os seus cultos e rituais de celebração, e a arquitectura é bem antiga*, revelação enfatizada pela *medo que advém da morte, ou perante aquela parte do ser humano, a alma ou sombra, que abandonava o corpo* nesse momento (SIMÕES FERREIRA, 2009:36), uma vez que devolve à arquitectura o seu objectivo máximo, o de proporcionar melhores condições de vida. Finalizando, o sepultar os mortos erigindo os grandiosos monumentos da pré-história, como os dolméns, seria em favor de um ambiente mais favorável à vida, assegurado protecção para os mortos - *agradando-os* -, e dos próprios mortos - *revelando uma crença na vida para lá da morte*.



FIGURA 1.02. Pirâmides Gizeh  
<http://upload.wikimedia.org>

No Antigo Egito, depois da *unificação dos reinos (...)*, e durante as duas primeiras dinastias que vão de 3188 a 2815 anos a.C., praticou-se o enterramento arcaico (...), em simples covais abertos na superfície para todas as camadas sociais, qualquer que fosse a categoria de cada um (DIAS, 1963:30). Estas sepulturas foram sendo aperfeiçoadas por forma a responderem melhor à sua função, protegendo os cadáveres das alterações climáticas. Com a terceira dinastia é edificada a primeira pirâmide e assinala uma mudança de atitudes perante a morte, apresentando-se *como uma etapa de transição entre a vida mortal na terra (ou primeira vida) e a definitiva imortalidade (ou segunda vida) no além* (SIMÕES FERREIRA, 2009:38). A materialização desta passagem é reveladora da importância das necrópoles, e do seu franco domínio sobre as cidades dos vivos, levando a crer, dada a escala destas edificações e os recursos utilizados nas construções das mesmas, que a imortalidade era *algo que se começava construindo durante a própria vida* (SIMÕES FERREIRA, 2009:38). Primeiramente esta prática era exclusiva das classes mais importantes tornando-se posteriormente acessível a todas as classes, *garantindo a sua presença no Além* também (SIMÕES FERREIRA, 2009:41). A arquitectura assegura, *com as imensas necrópoles, as grandiosas mastabas, enigmáticas esfinges*, uma continuidade da vida (SIMÕES FERREIRA, 2009:41).

Contrariamente aos povos anteriormente apresentados, *os gregos, mais do que com o túmulo se preocupariam com os "ritos de passagem" que assegurariam uma transição digna e tranquila do estado de vida para o da morte, e com o cerimonial de homenagem em honra do falecido, que fazia parte desses ritos* (SIMÕES FERREIRA, 2009:43). A morte não se assumia como o fim último, considerada um aspecto da vida, e o assegurar uma passagem digna do morto libertaria os vivos da perturbação da sua alma. A não preocupação excessiva com a sepultura, *era contrabalançada com a rigorosa exigência de a todos dar sepultura, sendo tal considerado uma irrevogável prescrição divina, superior a quaisquer prescrições humanas* (SIMÕES FERREIRA, 2009:47).



FIGURA 1.03. Strada dei Sepolcri, Pompeia  
<http://upload.wikimedia.org>

Os romanos, assim como o gregos, crêem na morte enquanto passagem entre estados, o de vida e o de morte. No entanto, a densidade que lhe confere é maior, e isto denota-se ao nível da arte funerária, com *os grandiosos túmulos subterrâneos, autênticas necrópoles, urnas funerárias e sarcófagos dos etruscos, até, depois às construções tumulares ao longo das vias de acesso às cidades romanas, como as da Via Appia* (SIMÕES FERREIRA, 2009:48), estas últimas, podendo ser encaradas como *o primeiro exemplo de "planeamento formal do território"* (SIMÕES FERREIRA, 2009:49). Por questões sanitárias e de expansão do próprio Império assiste-se a uma deslocalização da morte, de propriedades familiares no interior das cidades para o exterior das mesmas, espelhando a civilização urbana em que o Império se tornava.



FIGURA 1.04. Charnier des Saints-Innocents  
<http://www.landrucimeteries.fr>



FIGURA 1.05. Charnier des Saints-Innocents  
<http://www.landrucimeteries.fr>



FIGURA 1.06. Camposanto, Campanille, Pisa  
<http://www.upload.wikipedia.org>



FIGURA 1.07. Camposanto, Campanille, Pisa  
<http://cache.virtualtourist.com>

A deslocalização da morte anteriormente referida, subverte-se na Idade Média, pela aproximação das pessoas ao Cristianismo, cuja prática e fé se revelam de maneira diferente no sepultamento. A morte não era definitiva, mas antes um caminho penitencial que teria que ser efectuado por forma a atingir-se a imortalidade da alma e do corpo, na Cidade Celeste. Este percurso assume a forma de um *trajecto linear ou tempo longitudinal*, onde se identifica um percurso, *de um principio para um fim, não só individual, não só da espécie, mas do universo* (OLIVEIRA, 2007:12).

A morte *passa a ser vista como um sono, de que um dia se acordaria, e seria encaminhado para junto de Deus*, até lá os corpos adormecidos estariam sob a protecção dos Santos (*ad sanctus*), o que determinou que os enterramentos fossem efectuados no interior das igrejas (*apud ecclesium*), erigidas sobre as sepulturas dos homens e mulheres santos. O demarcado sentido de comunidade desta época, a par da densidade que se atribuía à religião, fizeram destes locais de culto importantes focos de vida social, *tudo era feito à volta da Igreja, símbolo maior e esteio da organização social e cultural* (SIMÕES FERREIRA, 2009:49). Como exemplo de espaços de enterramento medievos existem o Charnier des Saints-Innocents, em Paris, e o Camposanto, em Pisa, sendo o primeiro representante mais comum do espaço da morte na Europa Cristã. São ambos espaços constituídos por *arcadas envolvendo um espaço de inumação a céu aberto*, muito idêntico aos claustros conventuais na sua espacialidade. A grande diferença entre estes espaços é relativa à sua autonomia (OLIVEIRA, 2007:37). O primeiro surge como *um espaço adossado e complementar à igreja*, enquanto o segundo se assume como um edifício independente e encerrado, contendo em si *todo o aparato católico medieval: catedral..., baptistério..., o campanille..., e o cemitério* (OLIVEIRA, 2007:39). Aparentemente o Camposanto assume-se como o *primeiro espaço do mundo cristão edificado e destinado exclusivamente ao sepultamento*, podendo-se considerar como o *precursor directo do futuro cemitério moderno* (OLIVEIRA, 2007:40).

*Se o Cosmos anterior rodara em torno da ideia de Deus, e um Deus pessoal, apreensível pela experiência (...), e sentido como um Deus justo e misericordioso (...), o Novo Mundo – já não Cosmos, propriamente -, que se começa gizando, irá rodar em torno doutras ideias ou representações que tendem a colocar o homem (...) no Centro do Mundo* (SIMÕES FERREIRA, 2009:51). Rejeita-se o morto, rejeita-se a imortalidade, e a par com isto *sucedem a reacção clerical de valorização emocional e esteticizante do funeral*, enchendo-o de pompas (SIMÕES FERREIRA, 2009:53). A par desta maquilhagem por exacerbação estética da morte surge a sua banalização, que advém das grandes mortandades derivadas das guerras. Assiste-se a uma dicotomia: enterro em fossa comum, lado a lado com enterro com direito a pompas fúnebres. Por um lado os pobres, por outro os poderosos.

Em fins de século XVII, princípios de século XVIII a morte é de novo extraditada para fora das cidades, são proibidos os enterramentos no interior das igrejas e por isso, e com a deslocalização, surge a necessidade de criar espaços que recebessem a morte. A racionalização do que anteriormente pertenceria à área do sensível, e *com os progressos do rigor analítico*, leva a uma *separação entre as esferas do sagrado e do profano*. Esta separação *permitiu à mentalidade contemporânea aceitar que os mortos perdessem a protecção imediata das relíquias e do templo*, surgindo a necessidade de reinventar estes espaços (OLIVEIRA, 2007:19).

De facto, a extradição da morte e dos mortos, *tendo como álibis as questões do decoro devido às igrejas, a par das da salubridade, que nas igrejas e na cidade deveria reinar*, leva a *legitimar os cemitérios pelo seu potencial estético e pedagógico, e como futuros museus de belas-artes*. O século XIX, procurando relançar *o culto dos mortos como maneira de apaziguar a morte, e até torná-la politicamente útil*, leva a que se edifiquem estátuas de louvor aos grandes homens do Poder, não mais do que para *expressarem a sua soberba e ilusões* (SIMÕES FERREIRA, 2009:822).

A morte da morte pela descrença numa vida para além da morte introduz a eliminação do sentido dos espaços cemiteriais, como *espaço de celebração da morte e de culto memorial dos mortos*. Um factor bem revelador desta eliminação, é a não incorporação de cemitérios nas propostas ideais e utópicas de Cidade e Arquitectura. Apenas a “Broadacre City” de F.L.Wright, *é a excepção a esta norma, com a previsão de um cemitério, junto à igreja, no limite Sul da cidade* (SIMÕES FERREIRA, 2009:827). Interessante reparar que *a omissão dos cemitérios é acompanhada pela das igrejas, esquadras de polícia, e lupanares, pois que padres, polícias, prostitutas, e os mortos, não teriam lugar nessa cidade ideal donde estariam banidos Deus, o Mal, o Pecado e a Morte* (SIMÕES FERREIRA, 2009:827). De facto a não consideração dos espaços cemiteriais como parte do Planeamento Urbanístico aparenta ser uma constante, nomeadamente na contemporaneidade, como se a Arquitectura se responsabilizasse apenas por aquilo que é considerado mais ou menos digno, e não pelo todo que integra uma Cidade.

No entanto, e apesar da desatenção que tem sido dada aos espaços da morte, identificam-se alguns cemitérios que se constituem como ícones da arquitectura cemiterial do século XX. Fazendo uso das palavras de Oliveira (2007:165), que agrupou estas obras consideradas de referencia, evidencia que *abandonaram o tema da representação social e da emulação – claramente oitocentista – e centraram-se em espacialidade que embora absolutamente diversas entre si em termos conceptuais, têm em comum uma leitura dramática e profundamente poética do espaço da morte*. No entanto a autora identifica uma distinção conceptual que surge em oitocentos, *os cemitérios das áreas de influência protestante recorrem a um desenho em que a componente vegetal é um factor intrínseco à sua concepção, os do sul prolongam a composição urbana e edificada da necrópole católica*.



FIGURA 1.08. Cemitério Sul de Estocolmo  
<http://whc.unesco.org>



FIGURA 1.09. Cemitério Norte de Hillversum  
<http://www.britishwar Graves.co.uk>



FIGURA 1.10. Cemitério de S. Cataldo  
<http://farm3.static.flickr.co>



FIGURA 1.11. Cemitério de San Michele, Isola  
<http://padovacultura.padovanet.it>



FIGURA 1.12. Cemitério de Finisterra  
<http://2.bp.blogspot.com>



FIGURA 1.13. Cemitério de Kortrijk  
<http://blogsimages.skynet.be>

A temática da morte, depois de um tempo longo silenciada, tem regressado à contemporaneidade, associada a questões que se têm levantado nomeadamente no campo da bioética e dos valores de que a nossa sociedade se quer fazer valer e que pretende enaltecer, inculcando na educação de cada indivíduo, como valores humanos. Matérias como a *eutanásia* e a *conservação criogénica*, bem como a *tanatopraxia* e a *medicalização da morte*. A par destas matérias *discutem-se os cemitérios e a forma como são usados, a sua arquitectura e a respectiva patrimonialização, os rituais em desaparecimento ou em transformação, e torna-se legível o multiculturalismo subjacente às práticas diferenciadas cuja livre expressão as sociedades cada vez mais tendem a promover* (Oliveira, 2007:25). De referir: o cemitério Sul de Estocolmo (Lewerentz e Asplund, 1915-40); o cemitério Norte de Hillversum (Dudock, 1927-30); o cemitério de S.Cataldo (Aldo Rossi, 1971-77); ampliação do cemitério de San Michele in Isola (Chipperfield, 1999-...); cemitério de Finisterra (Cesar Portela, 2000); e finalmente o cemitério de Kortrijk (Bernardo Secchi e Paola Viganò, 2000).

Sintetizando, o homem da pré-história, com a materialização do espaço dos mortos, confronta o transitório de uma vida nómada com a perenidade da edificação da morte. No Antigo Egipto, acredita-se numa imortalidade que se constrói ainda em vida e que se materializa na grande escala das pirâmides. Os gregos descuidam da sepultura preocupando-se antes com os ritos de passagem, enquanto que os romanos, com o intuito de proteger a urbanidade, constroem o espaço da morte ao longo das vias de acesso à cidade. Na época Medieval estendendo-se até à época Moderna, o espaço cemiterial emerge no âmago da cidade como espaço público multifuncional, actuante no quotidiano da mesma. No século XIX a morte é extraditada para a periferia da cidade, desarticulada da mesma. Na actualidade assume-se como espaço encerrado já integrado no tecido urbano que se foi expandindo.

Aceitando com Assmann, egptólogo alemão, que *a morte é a origem e o centro de toda a cultura* (SIMÕES FERREIRA, 2009:59), a leitura que tem sido feita de atitudes perante a morte que encontram diferentes modos de se revelar e de se formalizar, diferindo em época e contexto, são uma importante chave de leitura, não só para os espaços de morte, mas também para a própria Vida e o modo como a vamos vivendo. Apresentando-se *as suas manifestações (materiais e imateriais) enquanto emergências da cultura civilizacional em que se encontra imersa* (OLIVEIRA, 2007:25).

Interessante a perspectiva de Ariés que vem ao encontro do culminar deste subcapítulo, em que o autor afirma que, *conhecemos a Antiguidade em grande parte* - e de resto muito de outras épocas históricas - *graças aos túmulos e aos objectos que aí se acumularam*, isto deve-se ao facto de, *os homens, sobrepondo-se uns aos outros nos mesmos locais, apagaram os vestígios dos seus predecessores, mas deixaram subsistir, meio profanadas, as sepulturas que encerravam um condensado da cultura dos vivos* (in SIMÕES FERREIRA, 2009:2).



## PORTUGAL

Depois das referências à evolução das atitudes do homem perante a morte e, consequentemente, o modo como manifestou essas atitudes no espaço cemiterial, interessa agora, e no âmbito da presente dissertação, apresentar a evolução desta temática em Portugal, com especial enfoque na cidade de Lisboa.

Assim, o presente subcapítulo divide-se em três partes: uma primeira que apresenta sucintamente a situação do país até ao século XVIII, uma segunda que apresenta o momento de charneira no tratamento dado aos recintos cemiteriais, e finalmente uma terceira, que descreve a situação até à contemporaneidade.

Primeiramente, e fazendo uso das palavras de Araújo (1997:366), identifica-se que *desde a longínqua idade Média que a sacralidade do território dos defuntos se tornara indissociável da vocação central conferida aos templos no recinto da agora. No coração da cidade, na cintura do espaço sagrado, carneiros e cemitérios, repartiam entre si a inumação dos corpos.* Por carneiros entenda-se *zona coberta e confinante com as paredes do edifício religioso (igreja), onde se encontram sobretudo ossários* (ARAÚJO, 1997:366). O estatuto individual de cada pessoa era tanto maior quanto mais próximo o local de inumação era do próprio espaço de culto, sendo a transposição para o seu interior o auge do reconhecimento, patenteando uma hierarquia social na inumação dos mortos. A coincidência destes dois espaços tem dois motivos. O primeiro prende-se com a crença na protecção de um Santo, cuja sepultura originou o local de implantação dos próprios espaços de culto. O segundo, e no seguimento do primeiro, assegurando repouso e Paz, na espera pelo dia do Juízo Final. Ambos, funcionam como *garantia simbólica de identidade colectiva da comunidade cristã.* Ainda nas palavras de Araújo (1997:366), *este traço de distinção, inscrito na organização interna da necrópole tradicional, pressupõe a existência de políticas mais ou menos rígidas de gestão tumular, evidenciando a importância que a Igreja detinha no âmbito da morte.*

Embora em Portugal a situação da paisagem urbana funerária seja idêntica à dos outros países da Europa, os desenvolvimentos que se sucedem surgem de um modo mais dilatado no tempo, em grande parte devido ao enraizamento profundo da religião católica, detentora e responsável no âmbito do tratamento da morte. Assim, *Lisboa e os arredores, dispõem, no século 18, e até à criação do primeiro cemitério público (1835), de cerca de 130 necrópoles... que existem e sobrevivem na dependência de estabelecimentos religiosos ou hospitalares... (os) cemitérios, assimilados à densa malha paroquial e conventual, constituíam importantes focos de vida social* (ARAÚJO, 1997:367).

Em finais do século XVIII a atitude perante a situação cemiterial aguça-se, procedendo-se a uma verdadeira campanha iluminista contra o sepultamento no interior das igrejas. Deste modo o que andava a ser escrito e discutido, nomeadamente no âmbito da salubridade, exige agora manifestações palpáveis. *Em 21 de Setembro de 1835, no Diário do Governo, por iniciativa do Governo de Rodrigo da Fonseca de Magalhães, e assinado pela Rainha D. Maria I, é publicado o Decreto que estabelece a obrigatoriedade de criação dos cemitérios civis para enterramento dos mortos* (SIMÕES FERREIRA, 2008:1036). Assiste-se não apenas à passagem de cidades santuário a cidades sanitárias, mas também à laicização dos agora novos espaços extra-urbe, desmarcando-se do domínio da Igreja e abrindo-se à totalidade da população.

No entanto tem particular interesse referir qual o factor que imprimiu maior intensidade a esta campanha iluminista, anteriormente designado por momento de charneira. No dia 1 de Novembro de 1755 dá-se na cidade de Lisboa o maior terramoto registado em toda a Europa. As suas repercussões fizeram-se sentir por todo o país, embora com maior dramatismo em Lisboa, que ficou destruída quase na totalidade. *Surgem em 1756 duas obras escritas por médicos, que para além de tratarem o cataclismo e as suas consequências de um ponto de vista alinhado com a vanguarda do entendimento científico da época, referem explicitamente – a propósito da enorme mortandade provocada pelo terramoto – a tradicional inumação ad sanctus appud ecclesiam como um grave problema da saúde pública e defendem a criação de cemitérios exteriores às cidades* (Oliveira, 2007: 189). A primeira obra, um texto da autoria de Joseph Alvarez da Silva e a segunda, um livro, escrito por António Nunes Ribeiro Sanches. Esta última, *Tratado de Conservação da Saúde dos Povos*, obra de referencia no âmbito da história da morte em Portugal.

De facto o espaço de culto cumpria mais do que a função que lhe estava destinada, ou talvez o culto se estendesse aos mortos e não exclusivamente a Deus. Independentemente destas questões relacionadas com o programa do espaço decidiu-se que o momento de repensar os lugares destinados à morte tinha chegado. Tornava-se imperial diferenciar igreja de cemitério, não só por questões de decoro relativas a cada espaço, efectuando uma reflexão que corroborasse as decisões a tomar. No entanto verifica-se uma grande desarticulação desta reflexão com as disciplinas da Arquitectura e da Engenharia, responsáveis pelo pensamento e materialização do espaço urbano.

O factor mobilizador da campanha iluminista foi o drama associado ao terramoto em Lisboa, no entanto só décadas mais tarde é que os frutos se viriam a colher, em esforço e num ambiente de difícil aceitação por parte da maioria da população portuguesa. Particularmente em Lisboa, onde as resistências foram de menor intensidade, o processo foi acelerado pelo surto de cólera *morbus*, que assolou a cidade e que fez com que decretassem a urgência de se construírem dois pólos de enterramento, um no lado Ocidental e outro no lado Oriental, ambos em 1833. Este factor considerando-se bem revelador do mau estado sanitário do país.



A evolução da mentalidade colectiva no que diz respeito à revolução cemiterial gizava-se no confronto entre *élites esclarecidas*, que defendiam e reforçavam teoricamente esta revolução, e a aceitação popular. O expoente máximo deste desfasamento, mais sentido no Norte do que no Sul do país, foi a revolução da Maria da Fonte, no concelho de Póvoa de Lanhoso, em 1846. Nas palavras de Dias V. M. (1963: 89), recordada para *sempre com uma ponta de indulgência para com tamanha ingenuidade e ignorância. Contra as determinantes legais, as mulheres “armadas de chuços e roçaduras, ou espetos e fouces encabadas em paus da altura do homem”, conduziram e enterraram na igreja o cadáver duma mulher para a não deixarem examinar pelo médico e subsequentemente não ser levada ao cemitério.*

Assistir-se à relocação dos mortos em território neutro e por isso mesmo, fora do alcance da protecção divina, dificultava o processo de evolução. Efectivamente, a mentalidade comum associava ao fim do sepultamento nas igrejas, ou nas suas imediações, o eliminar da esperança na ressurreição final dos corpos. Os fundamentos fornecidos pela crença, pela moral e pelo direito impediam de todos os modos a reforma dos cemitérios. A experiência mostrava que mudar o lugar dos mortos na sociedade implicava instituir, previamente, direitos, liberdades e garantias para os vivos, o que só era possível com uma alteração radical de regime político. Por isso quando se dá a Revolução de 1820, redobram as esperanças de triunfo da antiga causa médico-legal.

E, de facto, foi o que se verificou. Se o terramoto veio denunciar a deficiente situação sanitário do país, a derrota do miguelismo, e consequentemente do catolicismo ultramontano, aliado ao gradual enraizamento do novo estado liberal, vem permitir a modernização dos preceitos de saúde pública, propiciando um novo olhar sob o tratamento a dar aos mortos e à sua memória. Seguindo o espírito das leis de saúde franceses, o poder liberal decretou que se deveriam *estabelecer cemitérios públicos em todas as povoações para neles se enterrarem os mortos. Ficariam situados fora dos limites das povoações, seriam resguardados por um sólido muro com não menos de dez palmos de altura (10x0,225x2,25 m), cada corpo teria uma cova separada das outras e com pelo menos 5 palmos de profundidade (1,125m)* (Dias, 1963: 84). Outra questão importante prende-se com a administração destes mais recentes espaços, que passam a estar a cargo das Câmaras Municipais, assumindo todas as despesas de construção e manutenção. O cemitério passa assim a funcionar como um serviço público, estando apenas submetido à jurisdição civil, com exclusão das jurisdições de quaisquer religiões ou seitas religiosas.

Efectivamente, aqui demonstra-se a profundidade da transformação cultural que se vive nesta época, não só pela implantação afastada da cidade, mas também pela importância dada à sepultura individual, por oposição à vala comum. Enaltecendo respectivamente, questões de ordem higienista e ressalva da individualidade de cada um.

Sintetizando, *a morte tornou-se dentro da mundividência romântica que promana do racionalismo liberal um fenómeno perturbador da teoria da afirmação do individuo e, neste quadro condicionado pelas posturas religiosas herdadas do Antigo Regime, a sobreposição dramática do espectáculo necrolátrico colidiu com o discurso iluminista dos militantes liberais, republicanos e socialistas que, ao abrigo das prevenções higienistas, expropriam à Igreja a tutela dos mortos, e pela criação dos cemitérios entregaram tal prerrogativa ao poder laico monárquico-constitucional e, mais tarde, republicano* (Flores, 1993:37,38). No entanto, é perceptível a dificuldade que se foi sentindo até à consumação do recinto cemiterial enquanto serviço público e por isso, inclusivo de todos, independentemente de crenças ou não crenças, e da posição social, sem qualquer tipo de discriminação. A secularização definitiva dos cemitérios dá-se em 1911, com a Lei da separação do Estado das Igrejas, promulgada pela República.

Os cemitérios oitocentistas, outrora implantados no exterior da cidade, encontram-se presentemente incluídos no tecido urbano das mesmas. Actualmente é fruto de *múltiplas ampliações e próteses, obsessivamente ocupado, tentando encontrar soluções técnicas e administrativas que permitam uma rotatividade cada vez maior na ocupação do terreno de sepultura* (Oliveira, 2007:271). Identificam-se três factores reveladores da mudança de atitudes face ao equipamento funerário e que lançam pistas na sua reformulação: o multiculturalismo, que *revela e autoriza práticas anteriormente desconhecidas ou rejeitadas*; a opção pela cremação, que se tem verificado ser crescente; e a actualização dos ritos funerários, fruto das *hodiernas formas de relacionamento societário e familiar* (Oliveira, 2007:271). Estes, a par com questões funcionais e mesmo físicas – delimitação urbana – levam à necessidade de construção de novos recintos cemiteriais, assim surgem a partir dos anos setenta do século XX os chamados *cemitérios de segunda geração*, com o intuito de substituir o cemitério oitocentista, procurando uma maior adequação às manifestações de luto do homem contemporâneo. O cemitério de Carnide em Lisboa, um dos casos de estudo da presente dissertação, é um dos exemplos desta vaga de novos cemitérios.

Concretamente no caso de Lisboa, verifica-se uma melhoria no tratamento destes espaços, nomeadamente devido à criação da Divisão de Gestão Cemiterial da Câmara Municipal de Lisboa. Esta divisão surge primeiramente no âmbito da Higiene Urbana, no Departamento de Higiene Urbana e Resíduos Sólidos (DHURS), nos anos 70. Presentemente, e desde 1995, integra-se no Departamento de Ambiente e Espaços Verdes, o que demonstra uma melhoria no entendimento destes espaços enquanto espaços dignos e a dignificar. *O Departamento de Ambiente e Espaços Verdes tem, através da Divisão de Gestão Cemiterial, a competência de gerir técnica e administrativamente, os sete cemitérios municipais de Lisboa, por forma a garantir todo o movimento mortuário, nos seus aspectos técnico, económico e legislativo desenvolvendo acções que visem a modernização administrativa e que promovam a qualidade do serviço* (<http://www.cm-lisboa.pt/>). De facto, vai-se verificando um interesse crescente na dignificação e cuidado dos recintos cemiteriais, assim como um desejo crescente de adequação dos mesmos à contemporaneidade.

## 1.2. PRINCÍPIOS PROGRAMÁTICOS

Nesta segunda parte do capítulo dedicado aos cemitérios pretende-se fazer uma apresentação dos mesmos segundo as suas características urbanas e arquitectónicas. A apresentação far-se-á segundo três vertentes: uma primeira referente ao tipo de localização do cemitério, não só ao nível da sua adequação às características físicas do território, mas também relativamente ao tipo de envolvente que os circunda. Uma segunda referente ao seu desenho, apresentando os modelos matriciais existentes, elucidando aqui também sobre a diversidade de tipologias tumulares existentes, bem como o tipo de equipamentos de apoio, esclarecendo sobre a sua função. E, finalmente uma terceira, que aborda a questão compositiva, fazendo referência às tipologias tumulares existentes e ainda ao edificado de apoio à gestão cemiterial. Sempre que necessário recorrer-se-á à legislação em vigor: o Decreto Lei n.º 411/98, de 30 de Dezembro, na versão actualizada pela Lei n.º 30/2006, de 11/07, referente à inumação e trasladação de cadáveres, ao nível nacional, e finalmente, o Regulamento dos Cemitérios Municipais, Edital n.º 60/84, em vigor desde 1984.

No destrinçar dos elementos de relevo no âmbito cemiterial, o campo de incidência maior mantém-se o dos cemitérios oitocentistas, embora estabelecendo os paralelismos com a contemporaneidade, com recurso a descrições presentes nas dissertações de Oliveira (2007) e Simões Ferreira (2009), ainda que sempre que necessário se recorra a outros exemplos ilustrativos destas vertentes.

O envolvimento, quer de arquitectos, quer de urbanistas e mesmo de engenheiros, apresenta-se como quase nulo ao nível do desenvolvimento de reflexões teóricas sobre a temática dos recintos cemiteriais. Assim, não existe um programa, mais do que meramente funcional, que sirva como suporte a uma intervenção, quer de raiz, quer em pré-existências, e neste contexto inclua-se também o crematório, nova forma de tratamento da morte, e em ascensão. O que existe sim, está associado a uma carga histórica e cultural, mas também estas devem ser alvo de reflexão para uma melhor adequação à contemporaneidade. De facto a prática arquitectónica no âmbito destes espaços surge alicerçada ao conteúdo histórico e ainda prático, da visita a outros recintos cemiteriais, constituindo uma observação que procura uma melhor adequação dos recintos, sempre com vista a dotar a abordagem de melhores condições de habitabilidade, pretendendo uma reinvenção do próprio espaço.

### 1.2.1. LOCALIZAÇÃO DO CEMITÉRIO

Originalmente, e como já foi referido, os cemitérios municipais pretendiam-se localizados no exterior das urbes, embora anteriormente se assumissem como focos de vida social, onde vivos e mortos usufruíam do mesmo espaço, nas imediações das igrejas. Esta designação prendia-se com questões de ordem sanitária, segundo o Decreto Lei de 21 de Setembro de 1835, por Rodrigo da Fonseca Magalhães. Conclui-se que o afastamento, a exigir-se, seria apenas por questões psicológicas e/ou sentimentais, remetendo para a dificuldade dos vivos no tratamento e na proximidade dos mortos. De referir que os critérios para a determinação da localização do recinto cemiterial deveriam ser mais do que aqueles meramente funcionais, mas com o intuito de dignificação do espaço, enquanto equipamento urbano que é, tornando-o aprazível a quem dele usufrui.

No âmbito da localização do cemitério, definem-se três parâmetros que se assumem de maior relevância: o primeiro alusivo à delimitação física do recinto cemiterial; o segundo referente às acessibilidades ao recinto, nomeadamente os eixos de circulação viária; finalmente, a parada, espaço de enquadramento e recepção dos cemitérios.



FIGURA 1.14. Finisterra  
Google Earth

Relativamente à delimitação física, igualmente contemplado nas instruções de 1835, definiu-se que os recintos deveriam ser resguardados por um muro com não menos de 2,20m de altura, com o intuito de assegurar protecção para os mortos e dos próprios mortos, em relação aos vivos. No entanto o isolamento definido em nada era suficiente contra não existências e possíveis transposições, daí que a sua presença se revele inútil. De facto está enraizado na nossa cultura a definição de espaços encerrados para deposição dos mortos, pese embora não haja nenhum motivo que o imponha, prende-se com razões de cariz sentimental. Efectivamente a delimitação dos espaços cemiteriais pode ser encarada de variadas formas, não reduzida a um elemento físico e opaco. A questão do limite associa-se à localização uma vez que, pela delimitação que estabelece, condiciona as relações interior/exterior, de relação com a envolvente, contribuindo para a imagem urbana que se tem destes espaços, especificamente em Portugal: envolvido por muros altos, com acesso pontual e com vegetação algo cerrada no seu interior.



FIGURA 1.15. Cemitério Finisterra  
<http://guerrilha.bloguesome.com>

Interessante a implantação do cemitério de Finisterra que, assumindo a sua não delimitação física, acompanha um percurso descendente ao longo da encosta. O conjunto de volumes cúbicos, dispostos aleatoriamente ao longo do percurso, integram gavetões para inumação, recuados face ao limite dos volumes, propiciando um local coberto, de culto e de contemplação da paisagem natural. O que diferencia este espaço dos outros, além do local de implantação ser detentor de uma paisagem privilegiada, é também a inexistência de um elemento físico que delimite o espaço. A ausência de protecção leva a uma não aceitação por parte da população local deste recinto como espaço de deposição dos seus mortos, citando Oliveira (2007), *casa dos mortos vazia*.



FIGURA 1.16. Hoog Kortrijk, Bélgica  
Google Earth



FIGURA 1.17. Hoog Kortrijk, Bélgica  
<http://www.kortrijk.be>



FIGURA 1.18. Cemitério Monchique, Guimarães  
Google Earth

No exemplo anterior opta-se pela implantação em local isolado, no entanto a comparticipação entre cidade e cemitério, sem um elemento físico e opaco, com um único acesso é possível, sem que se julgue ser desrespeitada a memória dos que ali jazem. No caso do cemitério de Hoog Kortrijk o não encerramento *não implica perda de significado do lugar nem banalização do seu desenho* (Oliveira, 2007:328). O recinto integra um eixo que possibilita a ligação entre cotas e lugares que são exteriores ao seu programa, o que *revela o desígnio de participação do espaço cemiterial na urbanidade envolvente, realidade que parece encontrar, nas áreas de influência protestante, uma cultura predisposta à inclusão do cemitério no sistema citadino do espaço público aberto* (Oliveira, 2007:328). Esta abertura à cidade é enaltecida pelo desenho dos talhões de inumação que, elevando-se do território em sentido contrário à pendente natural do mesmo, os resguardam.

O interessante de ambos os exemplos referidos é o modo como o equipamento se pode relacionar com o local de implantação, diferente daquilo que se verifica nos cemitérios municipais de Lisboa, presentemente integrados no tecido urbano, não em lote definido para tal, mas antes pelo crescimento da cidade no seu sentido.

Relativamente aos eixos de circulação que proporcionam o acesso ao cemitério, o Decreto Lei n.º44 220 de 3 de Março de 1962, evidencia que estes devem evitar eixos de tráfego elevado e rápido. De facto, os eixos que se desenham na proximidade dos recintos devem contribuir para um enaltecimento dos mesmos, assim como para a consciencialização do acontecimento que se celebra no seu interior. Interessante encarar o acesso viário como uma continuidade do próprio espaço, no sentido de o integrar e dignificar, na envolvente em que se implanta. A questão dos acessos é delicada uma vez que estes compõem uma estrutura maior, especialmente quando os recintos se integram em âmbito urbano. De facto esta questão tem sido descuidada, no caso específico dos cemitérios municipais de Lisboa, pela falta de planeamento no crescimento da cidade em direcção aos mesmos.

Interessante o caso do cemitério de Monchique, em Guimarães, já nomeado anteriormente na dissertação. Assume-se como exemplo a referenciar no âmbito do tratamento dos acessos ao recinto como percursos processionais, contribuindo para uma consciencialização de “para onde se vai”, e para o enaltecimento do próprio espaço. Implantado a meia encosta *numa faixa verde que virá a articular o parque urbano, à cota baixa, com o topo do monte da Penha*, em terreno de declive acentuado, o acesso a partir da cidade de Guimarães contribui para o percurso processional, apresentando-se sinuoso, acompanhando a encosta, enquadrando espaços naturais, e propiciando a consciencialização do local ao qual se pretende aceder (Oliveira, 2007:279). Inicialmente não se previa o percurso desenhado da forma que acabou por tomar, no entanto a comparticipação e insistência da equipa responsável pelo projecto do recinto, proporcionou uma expansão do mesmo para a envolvente em que se integra.

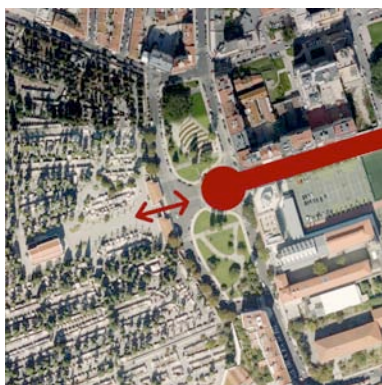


FIGURA 1.19. Parada, Cemitério dos Prazeres  
Google Earth

Finalmente, interessa referir os espaços de enquadramento que servem o recinto. Estes últimos, denominados por parada, assumem-se de maior relevância em contexto urbano, não só porque funcionam como indicador de um novo acontecimento, contribuindo para a sua dignificação e inclusão na urbanidade, mas também porque se assumem como espaço mediador de percursos processionais. Um primeiro percurso em continuidade com as acessibilidades viárias anteriormente referidas, e um segundo, ao nível pedonal, em direcção ao interior do recinto. Este último de extrema relevância pela dimensão social da vivência do acontecimento da morte que proporciona, contribuindo para a sua consciencialização e pacificação. Em espaço não urbano, o espaço referente à parada integra o próprio recinto. De facto, este espaço entende-se como espaço de encontro, que determina um compasso de espera antes do último troço do cortejo fúnebre. Presentemente asseguram ainda o estacionamento, o que se assume importante ao nível funcional.

*Se consultarmos o Plano Estratégico de Lisboa verificamos que no conjunto das complexas tarefas de ordenamento e desenvolvimento da cidade aí consignados, não encontramos uma única rubrica que se dedique à problemática da manutenção dos velhos e reflexão sobre os novos cemitérios de Lisboa (Moita Flores, 1998:58). Sabe-se no entanto que o PDM se encontra em fase de revisão e que o mais provável é fazer mais do que uma mera identificação dos recintos cemiteriais como zonas verdes da cidade, que na realidade não o são, mas antes reflectindo sobre eles e sobre a urbanidade que os envolveu. De facto, os cemitérios oitocentistas encontram-se actualmente atingidos pela malha urbana, em situações de urbanidade questionável, objecto de estudo da presente dissertação.*



1.2.2. ORGANIZAÇÃO ESPACIAL



FIGURA 1.20. Cemitério Père-Lachaise, Paris  
Google Earth

Sinteticamente os cemitérios do final do século XIX podem agrupar-se segundo três modelos matriciais, de acordo com Oliveira (2007): Cemitério Beaux Arts, Cemitério Paisagista e Cemitério Monumental, do qual os casos de estudo em análise são exemplo. Sucintamente descrever-se-ão os dois primeiros, dando maior enfoque sobre o terceiro.

O cemitério Beaux Arts identifica-se em áreas de influência protestante, tendo a sua primeira versão correspondido ao cemitério Père Lachaise, em Paris. Segue uma composição hierarquizada em contiguidade com espaços naturalizados, apresentando regras de simetria e equilíbrio e um desenho geometrizado, embora integre também áreas informais com percursos mais orgânicos.



FIGURA 1.21. Cemitério Mount-Auburn  
Google Earth

O cemitério Paisagista, encontra nos EUA a sua maior representação, com os chamados *rural cemeteries*. Estes localizam-se afastados dos centros urbanos e, tirando partido das características topográficas do território em que se implanta, manipula-as por forma a evidenciar a diversidade que a natureza nos oferece. Estes espaços *não têm por matriz composições axiais e não adoptam alinhamentos óbvios nem enfiamentos directos ou rotundas formais marcadas por monumentos; a entrada não se articula de uma forma imediata e directa com o templo, antes procura outro tipo de relações, por vezes visuais, que obrigam a percursos em que a lógica é topográfica e descobridora de novas perspectivas* (Oliveira, 2007:119). O cemitério de Mount-Auburn, é exemplo deste tipo de *rural cemeteries*, embora presentemente se encontre integrado no tecido urbano.



FIGURA 1.22. Cemitério La Valletta, Parma  
Google Earth

O último modelo corresponde ao cemitério Monumental, mais comumente identificado em Itália e Espanha. Segue uma organização claustral, i.e., um espaço central, dividido por dois eixos que se intersectam ao centro, circundado por galerias laterais, que se apresentam simultaneamente como muro limite do recinto e edificação tumular. Impõe-se ao território em que se insere, pela não integração das características morfológicas, apresentando uma tipologia geométrica e axializada. A capela surge como ponto de referencia, articulada com o acesso principal, em lugar de grande centralidade. A delimitação edificada do recinto apresenta uma fachada exterior cega por oposição à fachada interior. A sua relação com a envolvente reduz-se aos acessos, não pretendendo ter qualquer tipo de permeabilidade, física ou visual. No entanto este modelo tem uma variante onde a espacialidade claustral perde a monumentalidade da edificação, sendo substituída por uma versão mais simplista. Assim, verifica-se o desaparecimento das galerias laterais que passam a assumir-se apenas como um elemento simples de delimitação espacial – muro; o espaço central deixa de se assumir como definido pelo edificado envolvente, passando a assumir-se como um espaço a céu aberto, que mantém a ortogonalidade do seu traçado; e ainda de referir, *o conjunto da entrada, articulado com a capela no eixo do seu enfiamento, constitui a grande instância arquitectónica do recinto* (Oliveira, 2007:121). Esta variante é a que maior expressão adquire em Portugal. De facto podemos identificar as características anteriormente descritas, nos cemitérios municipais de Lisboa.

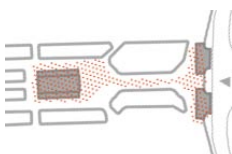


FIGURA 1.23. Pórtico Funeral  
Imagem de autor

### 1.2.3. ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL

O desenho define a matriz que orienta a espacialidade do recinto. Interessa agora destriçar sobre o conteúdo, assim o presente subcapítulo divide-se em duas partes: uma primeira referente às tipologias tumulares, e um segundo relativo ao edificado de apoio que serve o espaço.

Primeiramente, e como referido no Artigo 1º do Regulamento dos Cemitérios Municipais, Edital n.º60/84, *os cemitérios municipais destinam-se à inumação dos restos mortais dos indivíduos na área do Concelho de Lisboa*. Cada indivíduo tem direito a sepultura individual, por oposição à vala comum, no entanto o sepultamento pode ser realizado de variadas formas. As inumações serão efectuadas em sepulturas temporárias, perpétuas e talhões privativos ou em jazigos e ossários particulares ou Municipais. O tipo de sepultamento definido é revelador de uma atitude perante a morte. Presentemente existem três atitudes distintas: na primeira o corpo deteriora-se sozinho, uma vez que a inumação é em jazigo; no segundo há deterioração do corpo por deposição na terra; e finalmente a cremação, a redução do corpo a pó.



FIGURA 1.24. Inumação temporária, cemitério de Benfica  
Imagem de autor

Primeiramente, as **secções de inumação em terra**, que podem ser perpétuas ou temporárias. Em ambas o critério relativo à ocupação é o mesmo, procurando-se o melhor modo de rentabilizar o terreno. Assim, não é permitida uma largura inferior a 0,40 m entre as sepulturas e o limite do talhão, devendo-se assegurar uma largura de 0,60 m para acesso a cada sepultura. Entende-se por sepultura temporária, *as sepulturas para inumação por períodos de 5 anos, findo os quais poderá proceder-se à exumação, desde que se verifique que o corpo se encontre reduzido a ossada*. Com a versão mais actualizada, em 2006, do Decreto Lei 411/98 de 30 de Dezembro de 1998, o tempo mínimo de inumação de cadáveres passa de 5 para 3 anos. Estas agrupam-se em talhões consoante o ano de morte dos indivíduos, facilitando o processo de funcionamento dos mesmos. Considera-se sepultura perpétua, *aquela cuja utilização é concebida a título perpétuo mediante requerimento dos interessados* (Regulamento dos Cemitérios Municipais, Artigo 20º). Ambas se localizam em talhões próprios, com numeração própria. Efectua-se também distinção entre secções para adulto e para menores, ocupando igualmente talhões distintos. No caso dos adultos a dimensão da sepultura é 2,00 m de comprimento, 0,65 m de largura e 1,15 de profundidade. Em relação às crianças o comprimento é igual a 1,00 m, 0,55 m de largura e 1,00 m de profundidade.

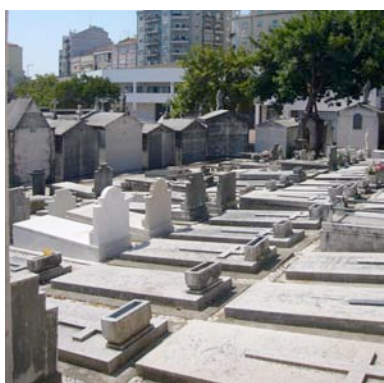


FIGURA 1.25. Inumação perpétua, cemitério do Alto de São João  
Imagem de autor

A rentabilização que se faz sentir na ocupação do talhão sente-se do mesmo modo ao nível do recinto, daí que os talhões para inumação apresentem grandes dimensões, dificultando a circulação interior, não só pelas reduzidas dimensões entre sepulturas mas também pelo próprio material utilizado – terra. Ainda de referir a estratégia da CML na standardização dos elementos de sepultamento, por forma a homogeneizar a paisagem cemiterial, e ainda, devido à inumação temporária, para haver uma reutilização dos mesmos, caso estejam asseguradas as condições para tal, nomeadamente ao nível da manutenção.



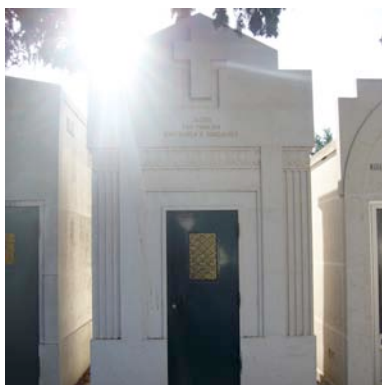


FIGURA 1.26. Jazigo capela, cemitério dos Olivais  
Imagem de autor



FIGURA 1.27. Jazigo capela, cemitério dos Prazeres  
Imagem de autor



FIGURA 1.28. Ossários e Jazigos Municipais, cemitério do Alto de São João  
Imagem de autor



FIGURA 1.29. Ossários, cemitério de Benfica  
Imagem de autor

No entanto estas são variadas apresentando-se mais do que um modelo, contemplando no seu desenho possibilidade de personalização, ainda que nos limites físicos do elemento. Existem ainda modelos para o caso das sepulturas perpétuas, embora neste caso seja opcional. A inumação temporária implica novo ritual ao fim de 3 a 5 anos, altura em que se procede à exumação dos corpos e consequente, lavagem, secagem e acondicionamento das ossadas.

Seguidamente apresentam-se os **jazigos**, que podem ser de três tipos: subterrâneo, utilizando apenas o subsolo; de capela, que se assume como uma construção acima do nível do solo; e mistos, que integram ambos os referidos anteriormente. As dimensões de ocupação variam consoante se utilizam ou não para inumação, ambos os lados, no interior do edificado. Assim, para a utilização de apenas um lado a frente deverá apresentar uma largura superior a 1,5 m, na situação de ocupação dos dois lados, a largura não deverá ser inferior a 2,10 m, sendo que a dimensão da profundidade é a mesma e igual a 2,30 m. O limite são cinco células sobrepostas, quer acima do solo, quer abaixo do mesmo, podendo atingir um total de 10 células. Esta tipologia tumular, muito característica dos cemitérios portugueses, propicia uma maior identificação com a cidade, não só pelo traçado da malha em que se insere, mas também pela conformação que faz, quer dos talhões, quer dos eixos de circulação. De facto os jazigos, nos cemitérios municipais, estão associados à estrutura original do recinto, e quando não ocupam o perímetro total dos talhões, asseguram pelo menos a frente do eixo transversal principal, no alinhamento da entrada. Aqui o corpo está *crystalizado*, em urna com bainha de zinco, devido a exigências funcionais, assegurando o isolamento do mesmo. De facto, esta opção revela um desejo de preservação do defunto.

Os **ossários e os jazigos municipais**, formalmente são idênticos, de facto a base volumétrica pode ser igual, assumindo a mesma forma, seja paralelepédica ou cilíndrica. No entanto a compartimentação é diferente, ao nível das dimensões. Ambos *derivam dos antigos carneiros, mas numa versão muito desviada da tipologia de referencia, que era, por sua vez, inspirada no claustro envolvido por arcadas* (Simões Ferreira, 2008:1041). Interessante verificar que estas construções surgem na maioria dos casos associadas ao muro limitrofe, conferindo-lhe outra expressão. Esta observação remete para o modelo matricial monumental, embora com expressão e escala significativamente diferente, apresentando-se como um intermédio, uma vez que o limite deixa de ser apenas vedação, passando a ser-lhe conferida uma utilidade.

Ao nível das dimensões, os primeiros são menores apresentando uma largura igual a 0,50 m, comprimento de 0,80 m, e altura de 0,40 m. Os jazigos municipais, para inumação de corpos, apresenta um comprimento de 2,00 m, largura de 0,60 m e altura de 0,55m. As dimensões correspondem a células, nomenclatura designada para os compartimentos individuais, que se sobrepõem compondo elementos verticais com altura limite. No caso dos ossários a altura não deverá exceder as sete células sobrepostas, no caso dos jazigos a altura máxima são cinco células.



FIGURA 1.30. Jazigos municipais, cemitério de Benfica  
Imagem de autor

Ainda de referir que com a cremação, e considerando que esta tem ganho cada vez mais adeptos ao longo dos tempos, criaram-se novos modos de inumação, pese embora neste caso já não sob a forma de cadáver, mas em cinzas. Assim existem dois tipos: em **cendrário**, área ajardinada/arborizada para inumação da urna com as cinzas, sem identificação; e em **columbário**, cujo funcionamento é idêntico ao dos ossários, com identificação. No âmbito dos cemitérios municipais identificam-se espaços deste cariz apenas nos cemitérios do Alto de São João e dos Olivais, porque só estes integram crematórios no seu espaço. Além da deposição da urna nestes dois locais específicos, poder-se-á ainda depositar em jazigos particulares ou sepulturas perpétuas.

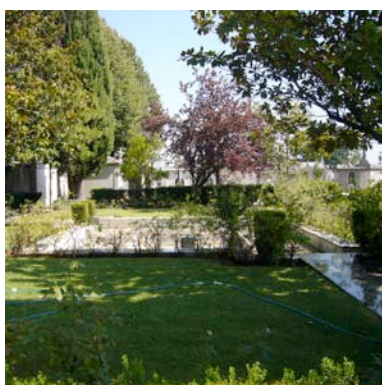


FIGURA 1.31. Cendrário, cemitério do Alto de São João  
Imagem de autor

De facto, o recinto cemiterial depara-se com questões relacionada com problemas de espaço, e daí que se comece a prever a possibilidade de inumação de cadáveres em locais de consumpção aeróbia, através da exposição ao meio ambiente, através do ar, como alternativa, rentabilizando mais o espaço. É comum dizer-se que em vida necessitamos de 1m<sup>2</sup>, esta dimensão duplica na morte, onde passamos a ocupar aproximadamente 2 m<sup>2</sup>. A questão da incineração e adesão que se tem verificado, em muito tem contribuído para a não sobrelocação acelerada dos recintos cemiteriais. No entanto vai-se sentindo necessidade de inventar novas formas de inumação por forma a uma não ocupação excessiva destes espaços.

De facto, a introdução da inumação temporária, aliada à adesão que se tem verificado na opção pela cremação vem introduzir novos dados, não só ao nível da gestão cemiterial, mas ainda ao nível do equipamento de apoio que deve constar do projecto dos recintos cemiteriais, quer já existam, quer não. Assim, interessa identificar os equipamentos que servem estes recintos. Esta identificação advém da observação dos cemitérios municipais de Lisboa, uma vez que não se acedeu a nenhum documento escrito que comprove o que se reconhece.

Primeiramente tem-se os serviços administrativos, estrategicamente implantados em edifício que efectua a delimitação lateral do acesso ao interior do espaço; e ainda a zona referente a arquivo, que proporciona uma gestão cemiterial realizada *in loco*. Do lado oposto, também a delimitar a entrada surgem as instalações de apoio ao público, integrando uma sala de espera que permite a recepção e reunião das pessoas que atenderão à inumação, uma vez que é do acesso principal que se inicia o cortejo fúnebre atrás do carro funerário. O edifício de carácter religioso é habitualmente implantado no alinhamento do acesso. Existe ainda o chamado complexo das ossadas que integra sala de lavagem das ossadas; e ainda sala de secagem das ossadas onde se procede também ao acondicionamento das mesmas, por forma a se proceder a novo ritual de sepultura, quer através de inumação em ossários, quer ainda através da cremação das mesmas. Presentemente surge a necessidade de integrar uma sala de concerto de urnas, de tipo de inumação em jazigo (particular e/ou municipal). Este factor deve-se ao romper das bainhas das urnas com o passar do tempo, o que implica uma manutenção das mesmas, zelando pelo bom funcionamento do recinto.

Embora não existindo em todos os recintos, cada vez mais se identifica a sua inclusão como uma necessidade, são os chamados edifícios polivalentes, que se assume como um pólo de apoio/serviços, ao nível dos funcionários, e por isso de acesso restrito ao público. Este edifício integra zona de refeitório, com cozinha, e bar. Se for detentor de uma escala maior integra ainda zona de armazém, com áreas para arrumo de material, nomeadamente dos coveiros. Ainda de referir a integração de lojas de flores/cantarias em instalações pertencentes ao recinto. E ainda de um bar, ao serviço dos utilizadores do espaço.

Outra questão, desta vez mais associado à vivência do espaço cemiterial, não especificamente em momento de inumação, mas sim de culto, é a existência de mobiliário urbano e instalações sanitárias pontuais, que proporcione uma melhoria nas condições de habitabilidade do recinto. De facto identificam-se em alguns recintos a existência de edificado exclusivo de instalações sanitárias, o que pode ser questionável é a sua implantação. Relativamente ao mobiliário urbano, o de maior relevância prende-se com bancos que propiciem espaços de permanência; pontos de água, especificamente para a tradicional limpeza das campas e a rega das flores; e finalmente a questão da iluminação, que não existe no interior dos recintos, embora no Inverno seja funcional a sua incorporação, devido ao número mais reduzido de horas de luz por dia.

Concluindo fazendo uso das palavras de Oliveira (2007), *evidencia-se de forma clara a necessidade de levar a reflexão significativamente mais longe, associando a importância do projecto de arquitectura não só da necrópole mas do equipamento conexo em geral, à sua fundamentação programática – em que os pressupostos deverão acrescentar às preocupações funcionais e legais argumentos de ordem urbanística, social e antropológica.*

# 02

## ESTUDOS DE CASO

*Sei bem que não mereço um dia entrar no céu  
Mas nem por isso escrevo a minha casa sobre a terra*

No presente capítulo procede-se à análise dos estudos de caso e divide-se em três momentos. O primeiro remete para a caracterização geral dos estudos de caso, inicialmente identificando-os no âmbito da cidade de Lisboa, onde se implantam, introduzindo de igual modo a evolução da malha urbana ao longo dos tempos; posteriormente, apresentados através de fichas que esclarecem sobre a situação individual de cada um. O segundo momento refere-se à metodologia definida para a análise que se pretende efectuar. Finalmente o terceiro momento, depois de elucidar sobre a metodologia designada, procede-se à descrição dos estudos de caso com base nos parâmetros delineados, procedendo-se ainda a uma síntese dos resultados identificados

## 2.1. CARACTERIZAÇÃO GERAL

O objecto de estudo são os cemitérios existentes no concelho de Lisboa. Não são escolhidos pela homogeneização ou não da amostra, nem tão pouco, agrupados por eventuais características comuns. Determinaram-se estes porque fazem parte do mesmo todo, nomeadamente em termos de implantação na cidade de Lisboa.

Trata-se de um conjunto formado por sete cemitérios. Deste grupo, seis reportam ao século XIX, apenas o Cemitério de Carnide foi criado no séc. XX, distinguindo-se dos restantes por se aproximar ao conceito de cemitério-jardim. Ainda que em termos temporais não se distingam significativamente, ao nível, quer da localização na cidade, quer da própria espacialidade, ou mesmo dos elementos que constituem estes espaços, são diversificados, tornando-os casos únicos e por isso dignos de estudo individual. A amostra foi organizada cronologicamente.

Os casos de estudo apresentar-se-ão cronologicamente, relativamente à data de construção dos mesmos. No entanto interessa clarificar sobre a situação do cemitério a Ajuda que data de 1786, e por isso assumir-se-ia como o primeiro dos sete a ser construído. De facto tal não se verifica uma vez que só em 1845 é que este foi reformulado e ampliado por forma a servir a cidade de Lisboa como cemitério municipal, no âmbito do esgotamento de espaço que se ia verificando nos já edificados. A data mencionada refere-se ao seu estabelecimento inicial, por iniciativa da Rainha D.Maria I, para o enterramento dos servidores da Casa-Real.

QUADRO 3.01. IDENTIFICAÇÃO DOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE LISBOA

NOME	DATA	ÁREA APROXIMADA (ha)
01. Alto de São João	1833	22,0 ha
02. Prazeres	1833	12,0 ha
03. Ajuda	1786	4,9 ha
04. Benfica	1869	10,5 ha
05. Lumiar	1892	10,3 ha
06. Olivais	1897	4,3 ha
07. Carnide	1996	21,9 ha

A análise incidirá sobre dois tipos de espaço. Um primeiro espaço referente à área de cidade envolvente ao cemitério. Por área envolvente entende-se os arruamentos imediatamente circundantes ao limite do espaço cemiterial, assim como a massa edificada existente. Se inicialmente, à data da sua construção, estes espaços se pretendiam implantar no exterior da cidade, essencialmente por questões de salubridade, hoje em dia, e com o crescimento urbano, encontram-se já integrados no seu tecido. Interessa por isso procurar compreender a matéria deste crescimento e o modo como se traduz, também com a perspectiva de compreender o enquadramento urbano que se proporciona a estes espaços, dignificando-os e integrando-os ou não, e o modo como tal é efectuado.

Um segundo espaço correspondente ao espaço cemiterial, i.e. toda a área que se encontra contida pelos limites físicos do cemitério, que como já foi referido anteriormente, são espaços murados, e assim segregados física e visualmente do tecido urbano. Existe apenas um único ponto de contacto, a entrada. Muitos destes espaços são presentemente produto de ampliações, também elas reveladoras do descuido que se denota.

Tudo é projectado (ou deveria ser) com o intuito de servir propósitos sociais, e por isso, os valores culturais e sociais que as originaram estão embebidos no desenho da sua forma. Neste sentido, os valores sociais são um aspecto intrínseco dos espaços construídos, visto o espaço ser desenhado e construído para atender a necessidades sociais.

Seguidamente apresentar-se-ão os estudos de caso em dois momentos. O primeiro refere-se à sua implantação na cidade de Lisboa, elucidando ainda sobre a evolução da malha urbana da cidade. A demonstração do crescimento urbano que se tem verificado ao longo dos tempos é pertinente no sentido de compreender o modo como os cemitérios foram sendo integrados no tecido, e ainda se se assumiram como focos orientadores deste crescimento ou não. Seguidamente, num segundo momento, apresentam-se os recintos individualmente com recurso a fichas. A informação é generalizada e integra uma planta aproximada do recinto e respectiva envolvente, um pequeno texto de apresentação ao nível histórico, e ainda fotografias ilustrativas da situação malha envolvente e recinto cemiterial.

FOLHA A3

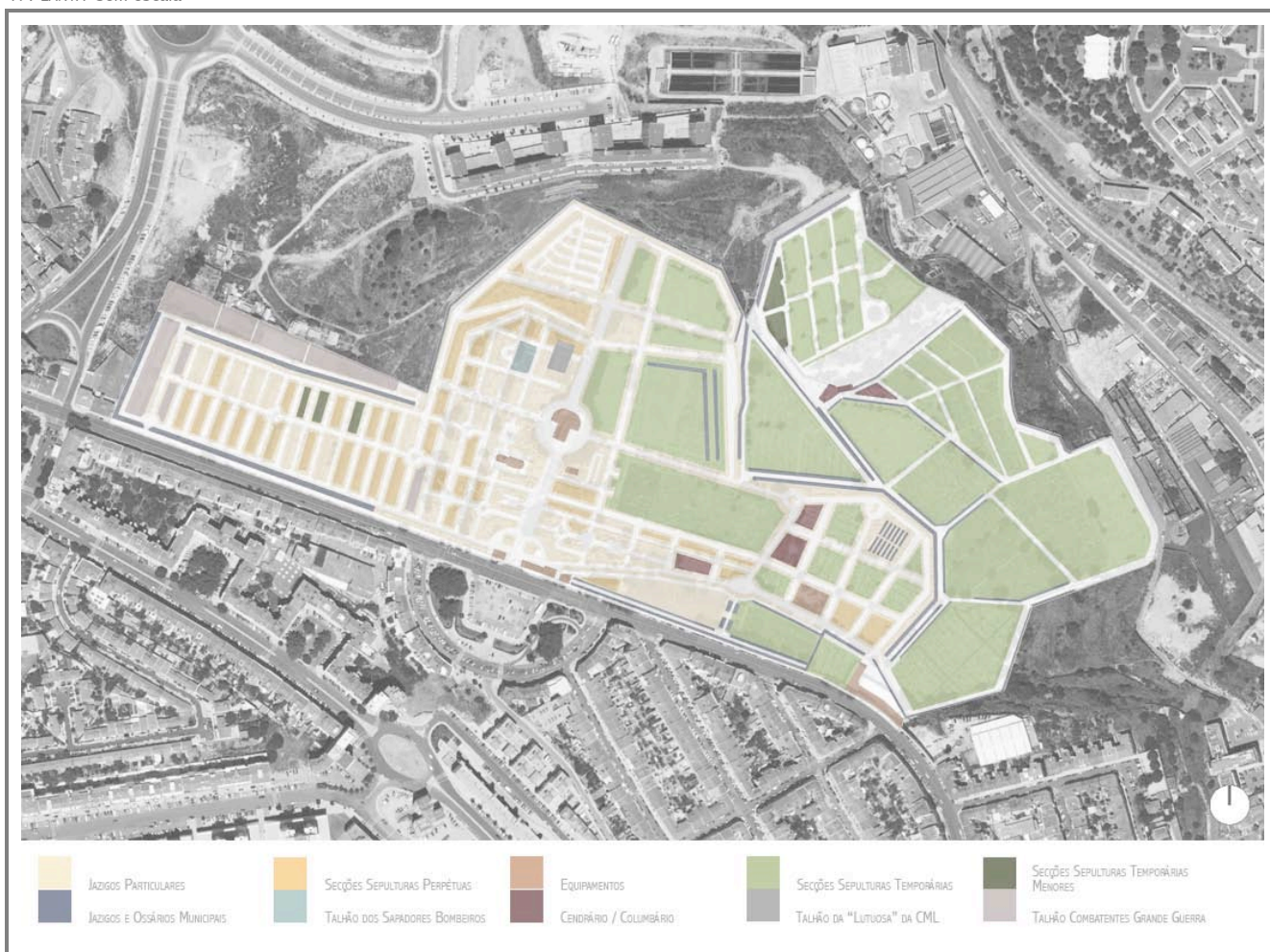


# ALTO DE SÃO JOÃO. CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1833 ANO  
22,0 ha ÁREA

# 01

## 1. PLANTA sem escala



## 2. APRESENTAÇÃO

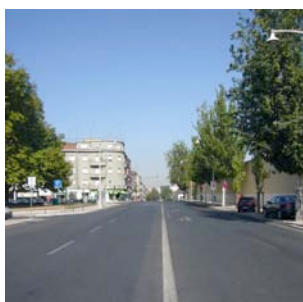
Localizado na encosta poente do vale de Chelas, foi construído extra-muros por ocasião do surto de cólera morbus que assolou a cidade de Lisboa, em 1833, com o intuito de servir a população da zona oriental da cidade. A norte, a cotas diferentes, circunda-se de terrenos maioritariamente desocupados, sendo que as poucas edificações apresentam avançado estado de degradação. A sul apresenta-se uma frente de edificado, maioritariamente habitacional que serve a entrada do cemitério, em frente à qual se desenha uma praça que funciona como estacionamento. O espaço cemiterial caracteriza-se pela diversidade de espaços de sepultamento. Tem sido alvo de ampliações apresentando-se como um espaço constituído por partes e não um todo: malha reticulada a poente por oposição a malha sem regra, que acompanha a topografia descendente do terreno, a nascente. Em 1925 entra em funcionamento neste cemitério o primeiro forno crematório do País. Por razões políticas foi desactivado alguns anos mais tarde, retomando funções em 1985.

## 3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



VISTA EIXO VIÁRIO



JAZIGOS CAPELA (BRAÇO NOROESTE)



SECÇÃO INUMAÇÃO TEMPORÁRIA





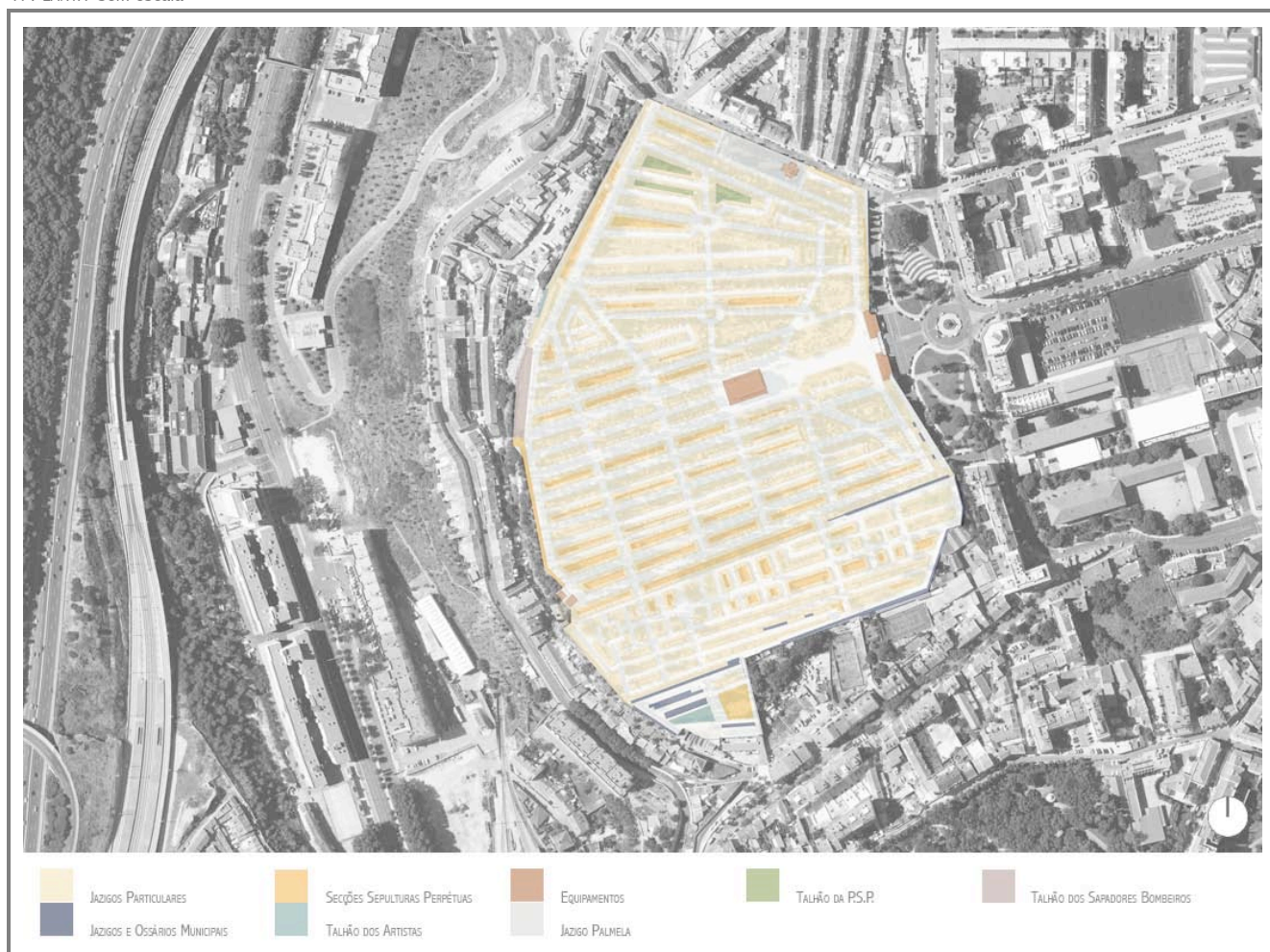
## PRAZERES. CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1833 ANO

12,0 ha ÁREA

02

## 1. PLANTA sem escala



## 2. APRESENTAÇÃO

Localizado na encosta nascente do vale de Alcântara, foi construído extra-muros por ocasião do surto de cólera morbus que assolou a cidade de Lisboa, em 1833, em terreno cedido pelos Duques de Palmela, com o intuito de servir a população da zona ocidental da cidade. Não tem nenhuma freguesia afectada, existindo secções de inumação temporária exclusiva para elementos da PSP (Polícia de Segurança Pública), do Regimento de Sapadores Bombeiros e dos Artistas. Os funerais só são permitidos para jazigos particulares, jazigos municipais ou sepulturas perpétuas. Presentemente encontra-se circundado pela cidade envolvente, maioritariamente por edificado de habitação. Na área relativamente plana a nascente, e com malha ortogonal existe o bairro de Campo de Ourique. No tardo, a poente, surge o agora realojado, Casal Ventoso. O espaço cemital caracteriza-se pelos jazigos capela que ocupam a quase totalidade da área, assim como pela malha ortogonal que orienta o seu desenho, remetendo para o desenho da cidade.

## 3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



VISTA ENVOLVENTE DA CAPELA



JAZIGOS CAPELA (BRAÇO NOROESTE)



JAZIGO PALMELA





# AJUDA. CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1845 ANO  
4,9 ha ÁREA

# 03

## 1. PLANTA sem escala



## 2. APRESENTAÇÃO

Localizado na freguesia da Ajuda, foi mandado construir por iniciativa da Rainha D. Maria I para servir os criados da Casa Real, em 1786. Passa para a administração municipal com a publicação do decreto-lei de 1835 de Rodrigo da Fonseca Magalhães, instituindo a obrigatoriedade da existência de cemitérios públicos. A nascente surge o único arruamento tangente ao cemitério e que faz o acesso à entrada do mesmo. A fazer frente para este arruamento um segundo muro, a par do espaço cemiterial, que delimita as instalações da GNR. A poente existe um espaço arborizado de enquadramento a património municipal, perfazendo, a par com alguma habitação pontual o lote que integra o cemitério. O espaço cemiterial caracteriza-se pela existência de duas morfologias distintas ao nível do seu desenho, uma primeira e original junto à entrada e quase à mesma cota, em malha reticulada. E uma segunda que se desenvolve para sul, procurando manter a cota da entrada, e que por isso se eleva face à cota da rua.

## 3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



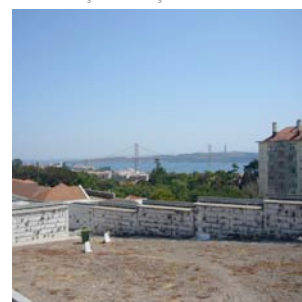
VISTA EIXO VIÁRIO



INTERSECÇÃO DA MALHA



SECÇÃO INUMAÇÃO TEMPORÁRIA



**BENFICA.** CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1869 ANO  
10,5 ha ÁREA

04

1. PLANTA sem escala



2. APRESENTAÇÃO

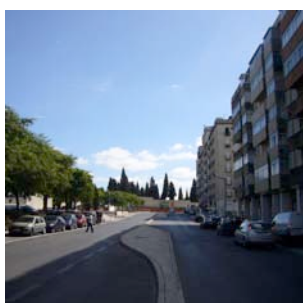
Localizado num dos limites da cidade foi mandado construir em 1869 pela Câmara Municipal, tendo sido para ele trasladadas as ossadas existentes nos antigos cemitérios paroquiais de Benfica e Carnide. A norte, surgem grandes áreas desocupadas pontuadas esporadicamente por edificado desqualificado. A sul, zona de ambas as entradas no espaço, surge edificado maioritariamente habitacional, pontualmente com uso comercial ao nível do piso térreo. A frente que integra a entrada principal integra também uma zona de estacionamento com espaço de estada comunicante com a rua. O espaço cemital caracteriza-se pela sucessivas ampliações, fazendo surgir a necessidade de uma segunda entrada para o espaço, assim como pelos grandes talhões para inumação que acompanham a topografia do terreno.

3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



VISTA EIXO VIÁRIO



SECÇÃO INUMAÇÃO TEMPORÁRIA



ENQUADRAMENTO ENTRADA SECUNDÁRIA





**LUMIAR.** CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1892 ANO  
10,3 ha ÁREA

05

1. PLANTA sem escala



2. APRESENTAÇÃO

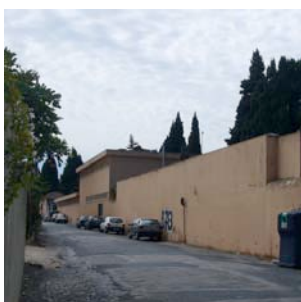
Localizado em terrenos contíguos à Igreja de S. João Baptista do Lumiar surge na sequência do alargamento do adro da igreja, local tradicionalmente afecto aos enterramentos, em 1887. Enquanto cemitério público, a sua gestão pertenceu primeiro ao antigo concelho dos Olivais, que integrava a freguesia do Lumiar. Extinto Olivais como concelho, a administração do cemitério passa para o município de Lisboa em Agosto de 1892. É neste cemitério que se localiza ao talhão privativo das Comunidades Islâmica e Ismaili. A norte localiza-se um condomínio fechado, assim como a nordeste. Existe um acesso à entrada do espaço cemiterial, de reduzidas dimensões, terminando sem conexão com a cidade envolvente e sem ser pavimentado. Não existe qualquer tipo de elemento urbano, como uma praça, que assinala o acesso a este espaço. O espaço cemiterial caracteriza-se por ser constituído quase na totalidade por secções de inumação, que se desenvolvem em forma de “U”. Tem apenas uma entrada apresentando-se presentemente descentralizada, no entanto, com o espaço de ampliação concluído, tal já não se verificará..

3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



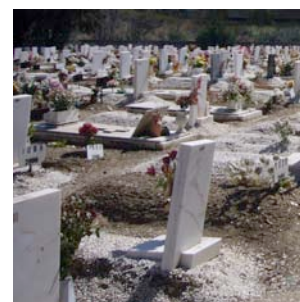
VISTA EIXO VIÁRIO



OSSÁRIOS



SECÇÃO INUMACÃO TEMPORÁRIA



# OLIVAIS. CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1897 ANO  
4,3 ha ÁREA

# 06

## 1. PLANTA sem escala



## 2. APRESENTAÇÃO

Localizado nas proximidades do desaparecido Convento de S. Cornélio, o Cemitério dos Olivais é um espaço ligado tradicionalmente aos enterramentos, resultando a sua actual localização do alargamento da cerca do Convento, em 1897. No seu espaço são bem distintas as marcas das sucessivas ampliações do cemitério, tendo a sua evolução acompanhado a dos Olivais, actualmente a mais populosa freguesia de Lisboa. A norte existe uma zona residencial. A sul, a entrada afasta-se do arruamento que lhe é tangente, através do estacionamento que se desenvolve no sentido nordeste e de um jardim e praça que a enquadram. A nascente existe uma zona industrial, maioritariamente desactivada. O espaço cemiterial caracteriza-se por apresentar duas linguagens distintas. De nível com a entrada um espaço de corredor que distribui para estes dois : um primeiro quase de nível com a cota da entrada, corresponde à área original do cemitério; um segundo a uma cota mais elevada. Ainda de referir a existência de um forno crematório, com entrada independente do espaço cemiterial. Está em funcionamento desde Dezembro de 2002.

## 3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



VISTA ENTRADA CREMATÓRIO



VISTA CAPELA



ESPAÇO DE ESTADA



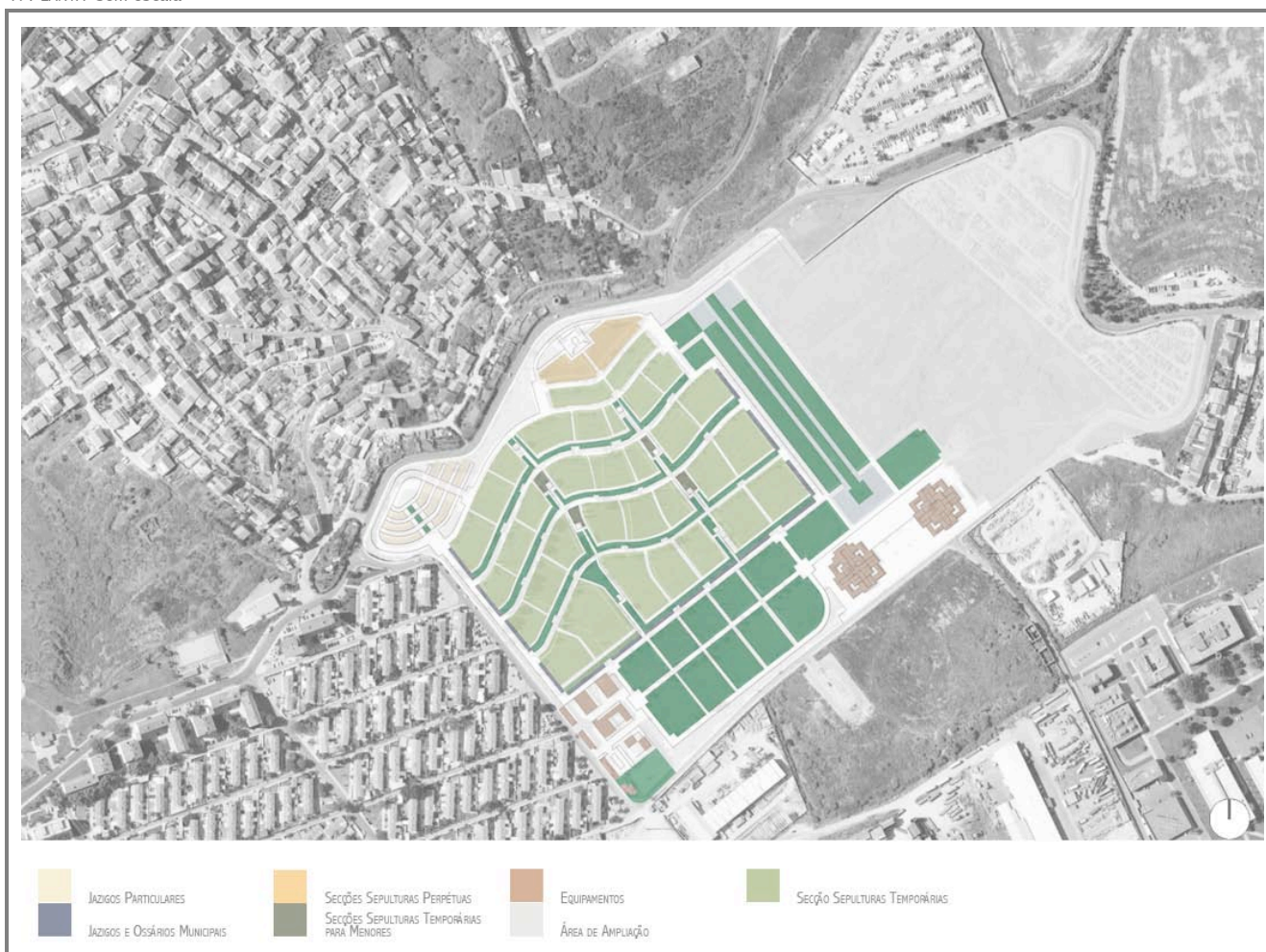


CARNIDE. CEMITÉRIO E ÁREA ENVOLVENTE

1996 ANO  
21,9 ha ÁREA

07

1. PLANTA sem escala



2. APRESENTAÇÃO

Localizado num dos limites da cidade de Lisboa, foi inaugurado em 1997. O seu projecto foi concluído em metade, uma vez que os terrenos não cumprem a função de decomposição dos corpos. Prevê-se a inclusão de um crematório. Encontra-se localizado numa zona pouco consolidada e ladeado em todo o seu perímetro por eixos de circulação. Do lado sudoeste existe o bairro Padre Cruz. A noroeste, e porque a topografia do terreno se eleva neste sentido atingindo a cumeeira, não permite perspectiva de visão para o edificado que se encontra na encosta, permitindo antes uma boa perspectiva para os subúrbios da cidade. A restante envolvente resume-se a zonas de cariz fabril e a terrenos desocupados. O espaço cemital caracteriza-se pela predominância do verde e pela amplitude do mesmo, de grandes dimensões mas não densamente ocupado. Detém de uma linguagem comum em toda a extensão do espaço. Por forma a acompanhar a topografia do terreno cria plataformas de inumação, de formas sinuosas, rematadas nas suas faces por gavetões. Interessante a presença tão demarcada do elemento água .

3. FOTOGRAFIAS

VISTA ENTRADA DO RECINTO



VISTA PERIFERIA DE LISBOA



VISTA ESPAÇOS DE ESTADA



JAZIGOS MUNICIPAIS E OSSÁRIOS



## 2.2. METODOLOGIA DE ANÁLISE

Este subcapítulo refere-se à metodologia utilizada no processo de análise dos espaços cemiteriais do município de Lisboa. A metodologia de análise proposta nesta dissertação é produto de três abordagens. Uma primeira de âmbito teórico e fruto do estudo desenvolvido ao longo do trabalho, sobre a temática da morte e o seu reflexo nos recintos cemiteriais, sobretudo segundo a perspectiva histórica. Uma segunda de natureza empírica aliada à observação *in loco* da vivência dos espaços, efectuada a par com o estudo anteriormente referido, por forma a complementarem-se. Finalmente, uma terceira, no âmbito da análise morfológica à escala urbana resultado da própria inserção do trabalho na área disciplinar da Arquitectura.

Da pesquisa efectuada no âmbito da presente dissertação torna-se patente uma questão que interessa referir, como seja, a falta de suporte teórico que oriente, quer a reflexão, quer o próprio desenho arquitectónico, reduzindo-o a uma mera funcionalidade. A falta de reflexão sobre o significado destes lugares ao longo do tempo, privando-os de um programa que oriente o desenho arquitectónico, e mesmo a sua não consideração como locais de valor e participantes da urbanidade de uma cidade, contribui para a necessidade de corroborar, quer a escolha da metodologia, quer os próprios elementos em análise, sob um ponto de vista mais empírico. Procura-se assim dar ênfase ao que se revela ser mais importante, quer ao nível histórico, quer ao nível da contemporaneidade, com a morte da morte, do espaço físico e inteligível. Recorreu-se ainda a elementos gráficos, como sejam plantas rigorosas e fotografias aéreas dos espaços em análise. No entanto, nada subsiste sem o estudo que acompanha a prática, fundamentando-a e dando-lhe expressão.

O objectivo inicial desta dissertação é fazer a leitura do espaço envolvente e do espaço cemiterial, procurando compreender as relações que se estabelecem, quer entre si, quer no âmbito exclusivo do recinto cemiterial. Por forma a responder a este objectivo delinea-se uma metodologia que se ajuste à escala da cidade. Esta escala prende-se mais com a identificação e descrição morfológica das componentes, sem se deter no pormenor, como seja a iconografia que também faz parte destes lugares.

Num primeiro momento, interessa distinguir, incidindo individualmente sobre cada uma, a organização das duas realidades consideradas, no exterior e no interior do recinto cemiterial, no que se refere à relação entre sistemas de espaços exteriores e de espaços edificados, e o correspondente contexto paisagístico. Para o efeito recorre-se à técnica do CHEIO - VAZIO.

Entende-se por CHEIO tudo o que é edificado. No âmbito da ÁREA ENVOLVENTE o estudo do CHEIO prende-se com o edificado existente. Analisa-se então quanto: ao tipo de quarteirão, se é de tipo isolado, em banda, em “U”, em “L” e o posicionamento destes face ao limite do espaço cemiterial; ao uso do edificado, ao nível geral, se é habitacional, comércio, terciário, equipamentos; e, finalmente, à escala do edificado, identificando o número de pisos e mesmo avaliando em pequena, média e grande a dimensão em planta.

No âmbito do ESPAÇO CEMITERIAL, o CHEIO inclui o edificado de apoio e os talhões como zona edificada, ainda que alguns destes aparentem ser mais vazios do que cheios, assim como zonas verdes que não são percorriáveis. Analisa-se quanto: ao tipo de sepultamento, no interior dos talhões, se são jazigos capela, secções de sepultura, ossários ou gavetões, todos com expressão formal diferente, e o modo como se agrupam; ao uso do edificado, se é religioso, ecuménico, crematório, de apoio, identificando a escala e a localização no interior do espaço cemiterial.

Entende-se por VAZIO tudo o que não é edificado, mas que é percorriável, i.e. o espaço exterior de circulação e de permanência. No âmbito da ÁREA ENVOLVENTE o estudo do VAZIO efectua-se quanto: à rede viária, hierarquizando-a por forma a entender o papel que desempenham ou não no todo da cidade; ao espaço público, diferenciando espaço de circulação e espaço de permanência; e, finalmente, os vazios, distinguindo o que é urbanizado e em continuidade com a cidade, do que não é. Estes dois itens finais permitem perceber se existe ou não um enquadramento urbano que distinga o acontecimento espaço cemiterial, daqui conclui-se o grau de segregação destes espaços.

No âmbito do ESPAÇO CEMITERIAL o estudo do VAZIO efectua-se quanto: ao espaço público, diferenciando espaço de circulação e espaço de permanência, percebendo que relações é que estes espaços estabelecem com o que lhes está na proximidade, ainda aqui é relevante enumerar as entradas identificando como se processa a circulação no espaço. Ainda no âmbito do VAZIO interessa referir a importância de identificar o que é arborizado e o que não é.

Em anexo apresentam-se os esquemas que serviram de base à análise efectuada, compilados por cemitério embora distinguindo os dois momentos: malha urbana envolvente e recinto cemiterial. Ainda no desenvolvimento da análise são utilizados esquemas, com base nos anteriormente referidos, embora estes últimos sejam produto da análise descritiva efectuada, contribuindo para um melhor entendimento da mesma.



## INTERPRETAÇÃO DO MÉTODO

Justificada a metodologia aplicada e o porquê da escolha da mesma no âmbito do trabalho, assim como os parâmetros definidos para proceder à análise, interessa agora elucidar sobre a informação que esta análise permite, isto é, o tipo de conclusões que se pode e que se pretende retirar.

O contraste e a simplificação inerentes à análise CHEIO-VAZIO permite uma leitura sintética de observação imediata, ainda que sempre cruzada com uma vivência física dos espaços em análise. A complementaridade entre o que é cheio e o que é vazio induz a questões relativas ao tipo de malha, forte indicador do que é ou não é planificado. Nomeadamente no caso dos cemitérios, faz a distinção entre o que é original e o que é ampliação, remetendo ainda para a questão da topografia, pelo modo como a malha se vai apropriando do território, por forma a vencer da melhor maneira a mesma. No âmbito da cidade envolvente indicia o mesmo, no entanto, o posicionamento do edificado face aos limites do espaço revela ainda o tipo de relação que se estabelece entre ambos.

Outra questão é a densidade de ocupação dos espaços. Este indicador está patente na observação directa dos elementos gráficos e não de forma matemática. O factor proporção, na relação entre cheio e vazio, é relevante para a determinação de uma hierarquia. Permite ainda perceber quais os eixos orientadores, o modo como se desenvolvem os restantes e a relação com a entrada do espaço cemiterial, ponto inicial de distribuição para interior e ponto final para o exterior.

Ainda de referir ou de enfatizar que não se pode nem se pretende dissociar este terço da metodologia dos outros dois restantes terços. A metodologia apresenta-se como um todo em que observação e vivência, leitura e desenho de plantas e conhecimento histórico, contribuem para uma apresentação e reflexão detalhada dos espaços em estudo, complementando-se e acrescentando-se.

### 2.3. ANÁLISE DESCRITIVA

Neste capítulo procede-se à descrição do que foi sendo identificado através da metodologia de análise utilizada. Encontra-se dividido em duas partes uma vez que a própria metodologia contempla a distinção entre o que é exterior ao recinto e o que lhe é interior. Assim, os dois momentos que integram o presente capítulo são: a Malha Urbana envolvente e o Recinto Cemiterial. Em ambos os casos a metodologia é a mesma, embora os parâmetros em análise se adaptem às circunstâncias específicas de cada um.

A análise é efectuada individualmente, i.e., os casos de estudo são descritos um a um, procedendo-se a uma síntese dos resultados no final de cada subcapítulo. Por forma a complementar o discurso descritivo recorre-se a elementos gráficos, utilizados no âmbito da análise. Deste modo, processo e descrição tornam-se indissociáveis, contribuindo para uma melhor identificação, e posterior apresentação dos casos de estudo. Os esquemas são efectuados sobre plantas rigorosas, sem escala definida, embora todos os elementos se definam pela mesma escala e estão todas orientadas segundo o norte. Para facilitar a leitura dos mesmos opta-se pela definição de uma gama de cores que distinga os diferentes parâmetros da análise. Assim, opta-se pelo verde no âmbito das características físicas do local de implantação de cada recinto; opta-se pelo encarnado para a definição do Cheio; e finalmente pelo azul, na definição do Vazio.

Por motivos de composição, facilitando a leitura, opta-se também por distinguir os casos de estudo no âmbito da formatação do corpo de texto.

### 2.3.1. MALHA URBANA ENVOLVENTE

No âmbito da análise, procede-se à caracterização da Malha Urbana envolvente de acordo com quatro parâmetros: Solo/Paisagem, Espaço Exterior, Massa Edificada e Usos.

Em relação ao Solo/Paisagem caracteriza-se a topografia do local, as barreiras físicas, os elementos com interesse paisagístico, e os sistemas de vistas, caso observados. No âmbito do Espaço Exterior, caracteriza-se a morfologia dos espaços de circulação viária e pedonal (grau de hierarquização da rede, esquema de irrigação da massa edificada ), assim como dos espaços de permanência. Quanto à Massa Edificada, refere-se ao tipo de ocupação do solo, volumetria e acessos, dando especial enfoque aos Usos identificados.

A análise é efectuada individualmente, i.e., incidindo especificamente sobre cada recinto cemiterial. No final da análise individual apresentar-se-ão as conclusões relativas aos parâmetros analisados, dando enfoque às situações particulares que se identifiquem relevantes e estabelecendo paralelismos sempre que necessário.

A acompanhar o corpo de texto apresentam-se esquemas referentes aos parâmetros definidos, com o intuito de facilitar a leitura, complementando-a.

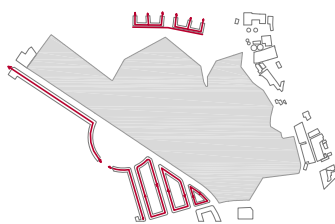
## 01. ALTO DE SÃO JOÃO

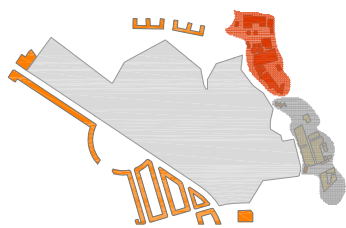


O cemitério do Alto de São João está implantado na vertente nascente do vale de Chelas. Encontra-se limitado a sudoeste pelo eixo viário Avenida Afonso III e por edificado que se constitui na frente urbana para a fachada principal do recinto cemital, nomeadamente o bairro Lopes, que se desenvolve em direcção a sul. Este eixo implanta-se na linha de cumeeira do vale de Chelas. A fachada nordeste eleva-se em relação à cota de fundo de vale criando muros de contenção do limite do cemitério em relação à cidade. A inclinação da vertente nascente constitui uma barreira física à urbanização, devido aos declives acentuados e à exposição solar, nascente-norte. Também a proximidade ao fundo de vale se assume como um condicionante, uma vez que define uma situação particular de inversão repentina e acentuada de declives.

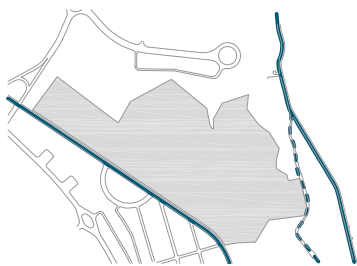


O eixo de acesso à entrada principal do recinto cemital denota a intenção de definir uma frente urbana para a fachada principal do recinto. O edificado que configura esta frente tem dois momentos, um primeiro a noroeste da entrada e um segundo a sudeste. O primeiro assume-se como uma frente contínua inclusivamente quando recua para desenhar a praça. O segundo assume-se como um conjunto de quarteirões fechados com logradouros no seu interior, constituindo deste modo uma frente descontínua pela existência de arruamentos. O edificado acompanha a topografia do território, descendente segundo o eixo de orientação noroeste-sudeste, estando de nível com o acesso ao espaço. Este nivelamento promove a ligação entre cidade e cemitério.





Maioritariamente destinado ao uso habitacional, o edificado é constituído por edifícios em quarteirão com 5 e 6 pisos de altura, reservando-se na zona da praça o piso térreo a uso comercial. As restantes frentes do espaço cemiterial não são comparticipantes com a área envolvente, tal deve-se à topografia acentuada da encosta sudoeste do vale de Chelas e ao facto desta zona da cidade revelar um lento processo de transformação associado a um baixo nível de consolidação. Esta situação é evidenciada na frente nordeste onde o edificado existente, se estabelece na continuidade da Estrada de Chelas. Maioritariamente devoluto, o edificado, apresenta na generalidade um avançado estado de desqualificação física e funcional, revelando marcas de usos industriais e de serviços. Denota-se portanto uma grande diferença entre o edificado junto à frente principal, alvo de processo de planeamento programado e revelador de continuidades e articulações, por oposição à restante envolvente cujo edificado é disperso e resultado de um processo não programado.



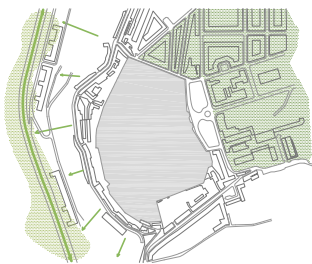
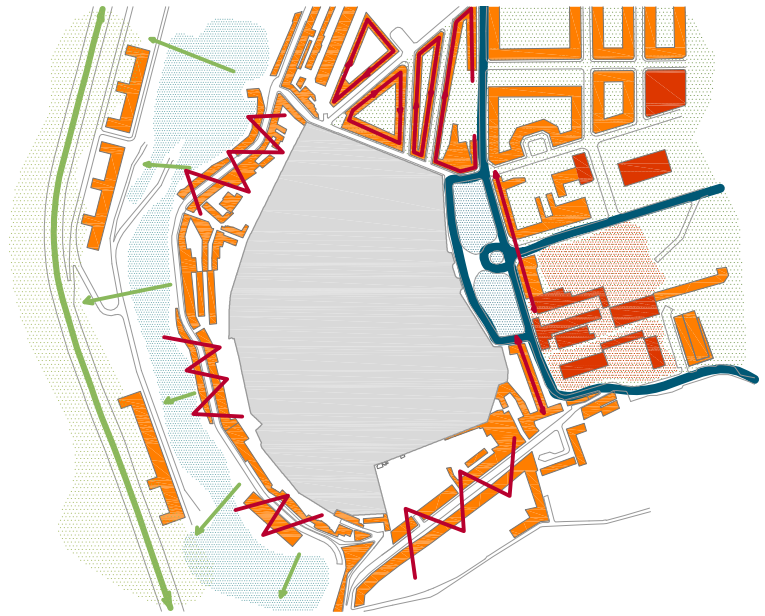
Relativamente aos parâmetros de análise morfológica, a existência de um eixo de circulação a acompanhar toda a frente do recinto cemiterial enfatiza a conclusão anterior de incluir o cemitério na cidade, não só pelo acesso que significa mas também porque dignifica o espaço. Este eixo é detentor de alguma relevância no contexto geral da hierarquia viária da cidade, não apresentando um tráfego excessivo. A malha envolvente apresenta um traçado regular baseado em quarteirões de formato ortogonal, com a largura constante de aproximadamente 60 m. A entrada principal do recinto cemiterial é enfatizada por uma dilatação do eixo de circulação configurando uma praça de formato regular, semi-circular, induzindo a um acontecimento marcante e novo: o acesso. O mesmo não acontece nos outros limites do recinto, onde só existe um outro eixo tangente, a Estrada de Chelas que se desenha a uma cota significativamente inferior, e presentemente já não apresenta condições para utilização, pela inexistência de conexão e de pavimentação.



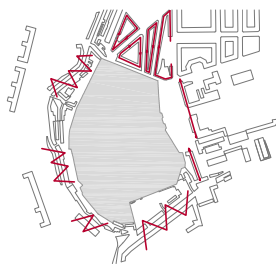
Ao nível do espaço de uso público, este cinge-se aos passeios que se assumem mais como espaço de circulação do que de permanência e à praça de enquadramento da entrada, embora esta seja presentemente um estacionamento com áreas arborizadas, não pavimentadas, nos limites, sendo que é o estacionamento que enquadra directamente a entrada, e não o espaço verde. A questão de ser um parque de estacionamento dificulta a leitura de um enquadramento urbano, embora se admita ser útil sobretudo em dias de funerais.

A característica mais evidente remete para os espaços vazios que envolvem a maioria dos limites do recinto, sem qualquer tipo de tratamento. Podem no entanto ser considerados como oportunidades, quer de possibilidade de expansão do recinto, quer como espaços de integração do próprio cemitério, embora presentemente sirvam apenas para não dignificar o espaço.

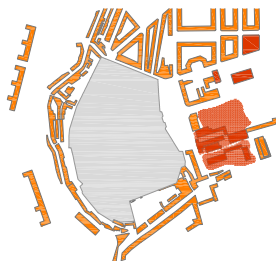
## 02. PRAZERES



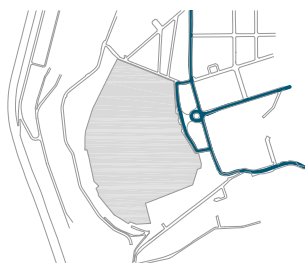
O cemitério dos Prazeres está implantado na vertente poente do Vale de Alcântara. Encontra-se limitado a nascente pela praça João Bosco e pela envolvente consolidada, que corresponde ao bairro de Campo de Ourique. A fachada poente eleva-se em relação à cota de fundo de vale criando muros de contenção do limite do cemitério em relação com a cidade. A inclinação da vertente poente constitui uma barreira física à urbanização, devido aos declives acentuados. O recinto assume-se como uma plataforma de nível em continuidade com a cota da frente nascente, não se desenvolvendo ao longo da encosta, antes impondo-se à mesma.



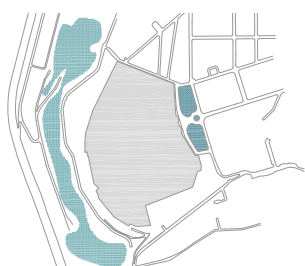
O edificado existente em torno do cemitério dos Prazeres é muito diversificado. A este, paralelamente à fachada principal do recinto cemiterial a tipologia corresponde a quarteirão fechado, uma vez que vem na continuidade do bairro de Campo de Ourique, de malha regular e ortogonal. O edificado auxilia no enquadramento do espaço conformando um eixo viário que se desenha no alinhamento com a entrada. A oeste, o correspondente à fachada tardoz, a linguagem formal altera-se, não só pelo carácter de traseiras, mas também devido à questão topográfica. Assim o edificado apresenta um traçado mais sinuoso e em banda, acompanhando o limite do recinto, embora desnivelado em relação ao mesmo, localizando-se a uma cota expressivamente abaixo. O edificado a norte relaciona-se com a tipologia de quarteirão fechado, embora não de forma tão regular. A sul, vem em continuidade com a banda de edificado a poente, formando quase um quarteirão fechado ao encostar-se ao limite do espaço no vértice norte e no vértice este, criando um espaço no seu interior, entre a frente construída e o muro envolvente. No entanto este espaço não é contínuo devido à topografia do terreno de implantação.



O uso é maioritariamente habitacional, sendo que do lado este o piso térreo corresponda a uso comercial. É de referir a existência do Colégio Salesianos e da Escola Josefa de Óbidos no quarteirão mais a sul da frente paralela à entrada do cemitério. Estes não se implantam no limite do lote, conformando uma frente, como se verifica a norte, nos quarteirões de habitação, por isso a frente não se encontra definida fisicamente. O edificado desta frente é de escala significativa, sendo que os edifícios habitacionais de enquadramento têm 8 pisos de altura, e os restantes uma média de 5 pisos. De facto verifica-se uma ocupação muito densa em todos os limites do limite do espaço cemiterial, sendo que a frente principal é mais desafogada e por isso induz à existência de um processo de planeamento, dignificando o acesso ao interior deste espaço, enquadrando-o na urbanidade.



Relativamente aos parâmetros de análise morfológica, o recinto é acompanhado por dois eixos viários tangentes em dois dos seus limites, a norte e a nascente, sendo este último o que assegura o acesso à entrada. Neste caso é interessante reparar que a estrutura viária cria uma situação de dilatação do eixo que direcciona as pessoas no sentido da entrada no espaço. No entanto esta situação deveria ser revista no sentido de fazer fluir melhor o tráfego existente, funcionando mais como filtro, com o intuito de resguardar melhor a entrada para o recinto, uma vez que parece ser essa a intenção. A existência de um outro eixo, no limite sul do bairro de Campo de Ourique, alinhado com a entrada, remete para a criação de acessibilidades na orientação dos cemitérios, em tempos em que estes se pretendiam extra-urbe.



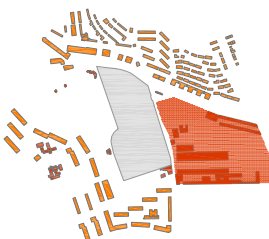
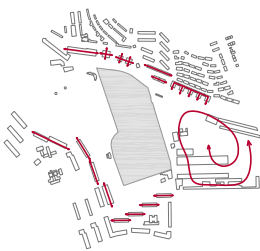
Ao nível do espaço público existe uma ampla praça a ocupar quase a totalidade do comprimento da fachada principal, enriquecendo-a. Este espaço está dividido em dois por forma a manter-se o alinhamento do eixo viário com a entrada, tendo sido actualmente remodelado. Assume-se como espaço de permanência não pavimentado rematado nos seus limites com passeios para circulação pedonal. O estacionamento é efectuado ao nível da via em todos os limites do espaço de enquadramento, excepto nas frentes que conformam a rotunda no espaço central. O local de implantação do cemitério dos Prazeres encontra-se bastante consolidado. Além do já referido, o restante espaço público resume-se aos passeios, embora aqui se assumam como espaço de circulação, associados aos perfis dos eixos de circulação.

Relativamente aos vazios existentes os que são relevantes de referir são dois, embora um deles não estabeleça relação directa com o cemitério. Assim, o primeiro é relativo ao espaço entre o muro limite e o edificado mais orgânico, nas frentes sul e poente, assumindo-se como espaço interior de logradouro. O segundo, que não estabelece relação directa com o espaço, é a encosta poente, no entanto também se compreende a sua não ocupação, pela dificuldade que é a questão topográfica. Ainda assim constituem-se como oportunidades de consolidação e consequentemente de conexão.

03. AJUDA

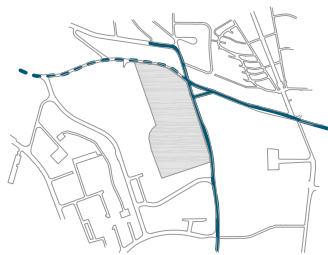


O cemitério da Ajuda implanta-se em território com pendente não muito acentuada. Encontra-se limitado em todas as frentes. A norte por três conjuntos habitacionais distintos: o bairro do Caramão a poente, seguido do bairro da GNR-Ajuda, e finalmente, o bairro do Alto da Ajuda. A poente implanta-se o Parque Recreativo dos moinhos de Santana, de enquadramento dos próprios moinhos. Finalmente a nascente, o Regimento de Cavalaria z, da GNR.

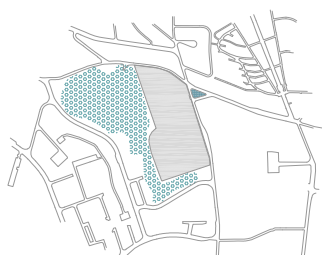


O edificado identificado na zona envolvente ao cemitério da Ajuda remete para uma grande variedade ao nível das realidades urbanas, que por tão diferenciadas e tão pontuais, se assumem desconectas umas das outras, fazendo notar falta de planeamento. A nascente, fachada de acesso ao espaço cemiterial, localiza-se em espaço igualmente murado as instalações da GNR, e posteriormente o Jardim Botânico. O edificado da GNR é em extensão e não em altura, ocupando grandes áreas de implantação. A sul e poente o tipo de edificado é idêntico, em bandas com 8 pisos de altura, sempre com os lados de maior direcção dispostos paralelamente em relação aos limites do recinto, induzindo abertura face aos mesmos. A norte pode-se efectuar duas leituras, uma primeira referente ao bairro Alto da Ajuda, edificado que pela forma e dimensões facilmente se agrupa como um todo. No entanto existem entre o bairro e o cemitério um tipo de edificado diferente, mais elevado, com 11 pisos de habitação e um embasamento com 3 pisos, de uso comercial e de serviços comunicante com o eixo viário a norte, a Avenida Helen Keller, e ainda pelo menos um piso correspondente a estacionamento. Daqui pode-se verificar que a aproximação ao recinto cemiterial fez-se no sentido norte - sul, deixando a ocupação das áreas vazias mais junto ao cemitério para edificar em último lugar. O confronto entre escalas de edificado diferentes verifica a continuada falta de planeamento que se faz sentir nesta zona. O uso maioritário continua a ser o habitacional.





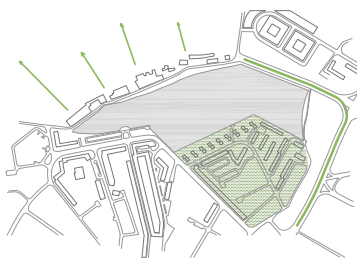
Relativamente aos parâmetros de análise morfológica, o recinto é acompanhado por dois eixos viários no limite a norte e nascente, este último servindo a entrada no espaço. O eixo a norte, quando passa tangente ao limite do cemitério muda o seu perfil, diminuindo a sua expressão, surge com carácter de provisório. O eixo a este, como referido anteriormente, encontra-se delimitado em ambos os lados por muros altos, não propiciando qualquer tipo de vivência aos transeuntes, pelo que a servir fá-lo-á apenas como atravessamento, ainda que não muito apetecível. Os eixos não se assumem como relevantes no quadro geral da hierarquia viária da cidade.



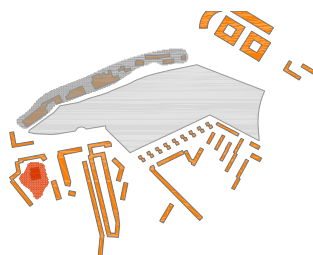
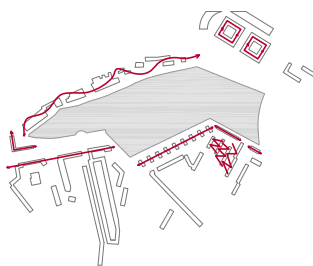
Ao nível do espaço público de permanência identificam-se dois de interesse. O primeiro referente ao largo do cemitério, com o intuito de dignificar a entrada, embora este se localize próximo de uma zona de confluência de vias e se assuma como uma “ilha” de pequenas dimensões. No entanto é curioso verificar que no largo existem quiosques para comércio de flores, com o intuito claro de servir o cemitério. Este serviço implica, caso se usufrua dele, uma continuidade entre espaço exterior e interior, em continuidade. O segundo, localizado a poente, nas traseiras do recinto, é uma ampla área ajardinada e arborizada, como referido anteriormente. Este espaço tem continuidade para sul, no entanto o desenho de espaço público que se identificou acima perde-se neste sentido, dando apenas lugar à vegetação existente. Interessante reparar que nos casos de estudo anteriores se identificou claramente uma forte distinção entre fachada principal do espaço cimiterial e as restantes fachadas, assumindo-se como menos dignificadas pela situação urbana que as caracteriza. No entanto o mesmo não se verifica na situação do cemitério da Ajuda.

Apesar das construções pontuais identificadas e da falta de relação entre as partes deste todo que é a envolvente do cemitério da Ajuda não existem muitos espaços vazios sem qualquer tipo de uso ou utilidade. Os que se pode referir localizam-se a norte e a sul, sendo que a norte se encontra em fase de consolidação e a sul, tudo indica que o parque anteriormente referido se expanda nesse sentido.

04. BENFICA

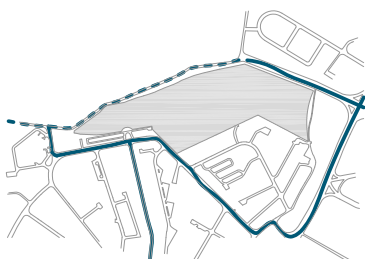


O cemitério de Benfica implanta-se num dos limites da cidade, em local elevado, ascendente segundo a orientação sul – norte até encontrar o eixo que se desenvolve tangente ao recinto, a partir do qual passa a descender no sentido norte. Neste espaço, a não edificação, o vazio, que se assume como uma barreira física, pela inexistência de estruturas urbanas que o irriguem. Também a norte e a nascente se identificam barreiras físicas, devido à escala dos eixos viários existentes, que não proporcionam continuidades, especificamente ao nível pedonal.

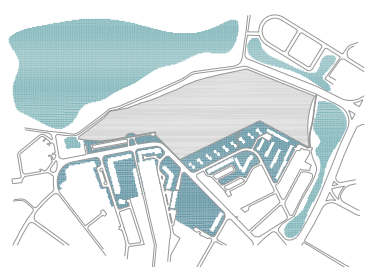


Nesta zona identificam-se várias realidades urbanas, desconectas umas das outras. Esta desconexão não se prende com as características formais identificadas, mas pela escala dos eixos viários existentes a nascente e a norte. A sul localiza-se o bairro de Benfica, que se identifica como um conjunto urbano, embora diversificado, com o qual o recinto se relaciona mais directamente, sobretudo porque é nesta frente do limite que se situam as duas entradas para o interior do espaço. Uma primeira no sentido poente, da traça original do espaço, e uma segunda no sentido nascente, devido às ampliações que o cemitério foi sofrendo, por forma a equilibrar os acessos. Associado à entrada a nascente, o edificado é de dois tipos, isolado numa primeira frente e em banda numa segunda. Em ambos os casos a densidade de ocupação é baixa libertando o nível térreo. Em relação à entrada a poente, o edificado desenha-se no limite do quarteirão ainda que não ocupando a totalidade do seu perímetro, libertando espaços de permeabilidade para os logradouros, e possibilitando a sua ocupação com equipamentos resguardados dos arruamentos. Observam-se de igual modo os tempos de ocupação, sendo que o edificado que conforma o arruamento alinhado com a entrada poente do cemitério é o mais antigo, revelando também a necessidade de serem criados eixos de ligação que aproximassem cemitério e cidade.

Estas ligações e o modo determinado como são efectuadas, revelam dois aspectos, o de dignificar o cemitério e ainda o de servir como eixo orientador de crescimento da cidade. A frente da entrada a poente é constituída por edificado implantado paralelamente à fachada do cemitério. A situação a norte do recinto é de outra ordem, apresenta-se como uma zona em construção no sentido nascente e ainda devoluta no sentido poente, neste segundo caso o edificado existente apresenta já um estado avançado de degradação, sendo a maioria não habitados.



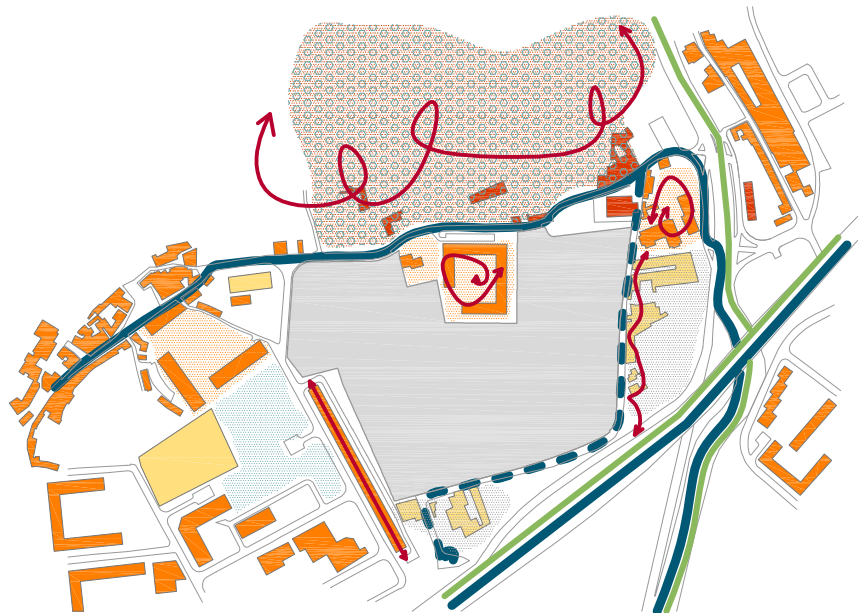
Relativamente aos parâmetros de análise morfológica, o recinto é acompanhado por um único eixo, localizado a norte. Este eixo é constituído por dois níveis viários distintos, quase contraditórios. Esta observação é indicador de que possivelmente o de menor expressão será em breve alvo de reformulação, não só ao nível da continuidade viária, mas também ao tipo de edificado que lhe está associado, em avançado estado de degradação, e ao grande vazio existente. Nas restantes fachadas do espaço, o eixo viário distancia-se do limite, quer através de edificado, como acontece junto à entrada mais recente, quer através da criação de uma área que inclui um parque de estacionamento e uma praça, associado ao acesso original. No alinhamento deste acesso desenha-se um eixo de circulação que desagua perpendicularmente no eixo de maior expressão tangente à frente sul/poente do recinto. Este eixo efectua a distribuição viária para os núcleos habitacionais. O conjunto habitacional localizado a nascente/sul, é servido por uma rede de eixos de circulação locais que pontualmente apresenta dilatações criando bolsas de estacionamento e cujo acesso é efectuado a partir do eixo principal anteriormente referido. Ainda ao nível da circulação viária interessa fazer referência ao estacionamento existente associado ao limite a nascente do recinto. O estacionamento desenvolve-se em duas cotas, a primeira de nível com a entrada e a segunda a um patamar intermédio entre a cota de entrada e a cota do eixo de circulação que o serve.



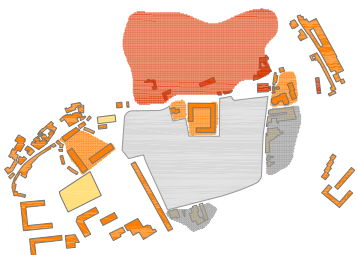
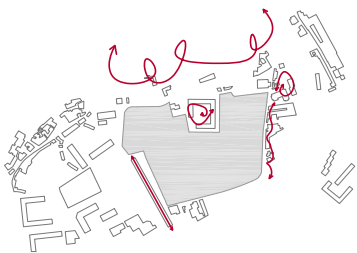
Ao nível do espaço público, de referir a presença de uma praça, na continuidade do parque de estacionamento, de nível com o arruamento. E ainda uma segunda, enquadrada com o acesso original e integra o desenho do estacionamento. Toda esta frente é arborizada contribuindo para uma imagem visualmente mais atraente. Especificamente ao nível do conjunto habitacional associado ao acesso mais recente, denota-se uma libertação do piso térreo propiciando espaços de permanência entre os edifícios e consequentemente apropriação dos mesmos pelos transeuntes.

Como já referido, esta zona por se encontrar num dos limites da cidade não se encontra totalmente consolidada, interessante perceber como a urbanidade se detém no limite do recinto cemiterial. Nas traseiras deste espaço e ainda a nascente do mesmo surgem os vazios. Cada um na medida das suas dimensões e da própria envolverência pode constituir oportunidade de maior consolidação desta zona, tendo sempre em vista uma integração do espaço cemiterial. No entanto, na a área a norte e actualmente em curso, surge o projecto de conclusão do último troço da CRIL - Sublanço Buraca/Pontinha, o que introduz ainda maiores limitações no âmbito de uma possível abordagem.

05. LUMIAR



O cemitério do Lumiar é delimitado a nascente e sul por eixos viários de extrema relevância no quadro geral da hierarquia viária da cidade de Lisboa, assumindo-se como barreiras físicas à continuidade urbana. A norte por um parque natural de grande dimensão denominado por Parque Monteiro Mor, isolado da urbe pela existência de delimitação física, como acontece com o próprio recinto. A nascente identifica-se a existência de edificado, no entanto, apresenta-se como pouco consistente e em descontinuidade entre si, revelando uma ocupação descuidada.

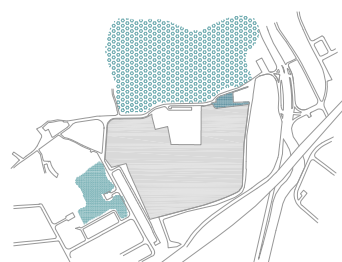


A área envolvente ao cemitério do Lumiar é muito particular. Ao nível do edificado existe pouco e pontualmente, mas ao contrário do que acontece na envolvente dos Olivais, não é planeado, antes fruto de falta de planeamento. A norte em áreas delimitadas, encerradas e densamente arborizadas localizam-se os Museus do Teatro e do Traje e ainda um condomínio fechado de tipologia em quarteirão não totalmente encerrado, com 5 pisos de altura. Fisicamente estão próximos, no entanto sem relação pela delimitação física e pelo atravessamento de um eixo viário que se desenvolve tangente e a uma cota inferior ao espaço cemiterial. Ainda a norte existe associado ao limite do recinto uma igreja com adro. O cemitério do Lumiar surge originalmente associado a esta igreja, embora presentemente a relação se cinja apenas à proximidade física. A poente o edificado é pouco consolidado, de referir apenas uma banda de habitação, com 7 pisos de altura, que se desenvolve paralelamente ao limite do recinto. Na fachada nascente, onde se localiza a entrada edificado é de pequenas dimensões, quer em planta, quer em altura, apresentando um máximo de dois pisos, sendo que apresentam condições de precariedade. O uso divide-se entre garagens de automóveis, com aspecto de provisório, e ainda oficinas de cantarias e floristas cuja intenção é servir o espaço cemiterial. A imagem destas edificações em nada contribuem para dignificar o acesso principal ao espaço cemiterial, conferindo-lhe características de traseira.

Outra questão prende-se com a proximidade desta frente ao limite nascente do recinto, com aproximadamente 12m de largura, servindo de acesso viário, estacionamento e ainda de recepção ao espaço interior do recinto. Na continuidade desta frente, em direcção a norte, surge novo edificado murado, mais um condomínio fechado.



Relativamente aos parâmetros de análise morfológica, o recinto não é conformado por eixos em todos os seus limites, tornando-se apenas relevante abordar aquele que faz o acesso à entrada para o espaço. O eixo de circulação, de pequenas dimensões e descuidado, termina sem conexão com a cidade envolvente. O facto de apresentar um pavimento descuidado, contribui para a falta de dignidade urbana da entrada. Não existe qualquer tipo de elemento urbano, como uma praça, que assinale o acesso a este espaço. Ainda ao nível dos eixos de circulação viários deve-se referir a existência de um viaduto – continuação do Eixo NS – que condiciona a ocupação dos espaços vazios, ainda que não de áreas significativas, a sul do limite. De facto, o descuido que se tem verificado ao nível das intervenções na envolvente dos recintos está patente na continuação do Eixo NS, não propiciando aos mortos que *descansem em paz*. O lote existente a nascente, ainda que com ocupações devolutas é oportunidade de se assumir futuramente em filtro urbano face à existência da Avenida Padre Cruz, onde o tráfego é intenso.



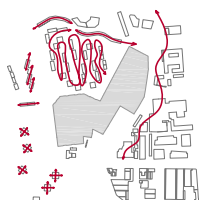
Quanto aos espaços públicos, nas imediações do recinto existe apenas um, o adro da Igreja, que não efectua qualquer tipo de relação com o espaço cemiterial. É um espaço dotado de mobiliário urbano que permite a permanência e ainda, pelo facto de se elevar em relação à cota do eixo que lhe é tangente, distanciando-se dos automóveis, torna-o um espaço de estada aprazível. Em dias de missa e de enterros, serve igreja e recinto respectivamente, enquanto espaço de estacionamento.

Os vazios são pontuais, não existindo uma mancha contínua de vazios, pelo que as intervenções futuras far-se-á igualmente de um modo pontual. Os mais significativos são o vazio a sul, junto ao viaduto do Eixo NS e a poente, nas traseiras da banda de habitação já referida. A grande mancha de vazio é o Parque Monteiro Mor onde se integram os museus acima referidos. Interessante pensar numa possível articulação entre ambos.

06. OLIVAIS



O cemitério dos Olivais implanta-se num lote circunscrito em todos os seus limites por eixos viários. A topografia da envolvente não é detentora de pendente acentuada, embora se identifique uma sucessão de plataformas no sentido descendente, desde o eixo viário tangente ao recinto a ponte, até à área industrial que se localiza numa faixa ao longo de todo o limite viário a nascente.



Na área envolvente ao Cemitério dos Olivais identificam-se duas manchas de edificado: uma primeira a norte e uma segunda ao longo de toda a frente nascente do recinto. Relativamente à primeira, o edificado destina-se maioritariamente a uso habitacional, sendo constituído por edifícios em banda e isolados, com alturas entre os 4 e os 5 pisos, planeados e construídos no âmbito do Plano de Urbanização dos Olivais Sul. Estes edifícios estão implantados, perpendicularmente ao recinto, com as fachadas de menor dimensão paralelas ao limite do espaço, pelo que a relação de vistas que se estabelece é menor. O edificado que acompanha a frente nascente do recinto cemiterial encontra-se desnivelado, i.e. a uma cota inferior, formando uma área de transição que configura uma trincheira e portanto definindo uma delimitação espacial que não permite atravessamentos nem continuidades. Este edificado tem uso industrial, sendo que a maioria se encontra desactivado e denota sinais avançados de desqualificação. Também de referir que o uso que comportam e pelo facto de serem espaços delimitados fisicamente, contribuem para a desconexão com a malha envolvente. A sul e a ponte o edificado mantém o uso habitacional, embora maioritariamente constituído por edifícios isolados, torres, com 10 pisos de altura. Contrariamente ao observado nos outros casos de estudo, a frente do cemitério não é complementada por frente urbana, edificada.





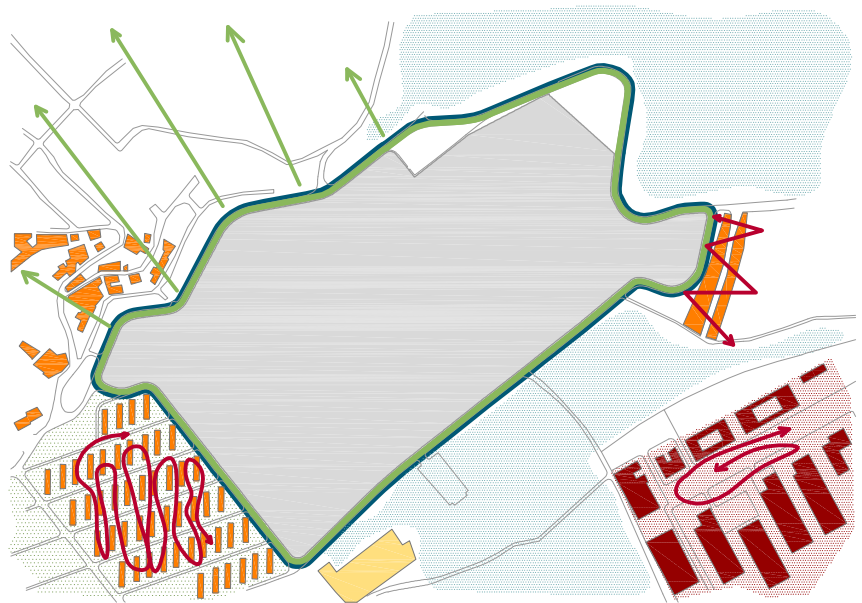
Relativamente aos parâmetros de análise morfológica adoptados, o cemitério localiza-se no canto inferior esquerdo de um lote limitado em todos os lados por eixos de circulação viária (avenidas). Os eixos que se relacionam mais directamente com o recinto são os que se localizam tangentes a sul e a poente, ainda assim com dois condicionantes: o primeiro relativamente à diferença de cotas, sendo que o espaço cemiterial se localiza numa cota inferior à dos eixos; e uma segunda relativamente à distancia a que este se encontra dos próprios arruamentos, dotando o recinto de maior privacidade, especialmente face ao eixo a poente, a Avenida Cidade de Luanda, de maior expressão na hierarquia viária. A norte, o conjunto habitacional é servido por uma rede de eixos de circulação locais, que pontualmente apresenta dilatações criando bolsas de estacionamento e cujo acesso é efectuado a partir do eixo principal a poente. Ainda no âmbito dos eixos de circulação integra-se o parque de estacionamento. Implantado na cota de acesso ao cemitério desenvolve-se para nascente em extensão significativa, no sentido do acesso ao crematório. Integra no seu desenho a inclusão de arborização que contribui para uma imagem mais aprazível do mesmo. Sob o ponto de vista funcional é importante, no entanto constitui uma paisagem pouco digna no enquadramento do crematório, criando uma verdadeira alameda no sentido do acesso ao mesmo.



No âmbito dos espaços públicos identifica-se o espaço de enquadramento do recinto, proporcionado pelo distanciamento em relação ao arruamento a sul. O acesso à entrada, a partir do eixo viário, faz-se em dois momentos: o primeiro é constituído por uma área ajardinada que vai vencendo o desnível atingindo a cota da entrada; o segundo é uma praça onde existem quiosques de venda de flores, nivelada com o acesso ao interior do espaço. Este último, sem sofrer qualquer interrupção pela existência de arruamento, define-se em continuidade com o interior do espaço cemiterial. O edificado por ser pontual apresenta baixa densidade, libertando o piso térreo que se torna permeável ao nível pedonal. São assim criadas zonas ajardinadas e arborizadas para permanência e ainda outras apenas para composição urbana. De notar ainda que todo o limite exterior do recinto se encontra densamente arborizado criando uma cortina de árvores que isolam o recinto.

Relativamente aos vazios não urbanizados, no sentido de não planeados, não são significativos, no entanto toda a área de edificado industrial maioritariamente devoluto poderá, futuramente, constituir oportunidade de intervenção.

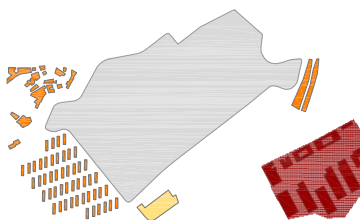
07. CARNIDE



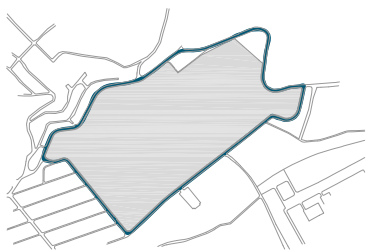
O cemitério de Carnide localiza-se num dos limites da cidade de Lisboa, e junto a uma linha de cumeeira onde segundo a orientação noroeste se desenvolve a Serra da Luz. A questão topográfica assume-se como barreira física, ao mesmo tempo que como sistema de vistas interessante, proporcionando grande amplitude visual, sobre a zona periférica da cidade de Lisboa.



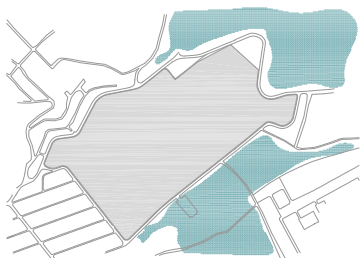
Na serra da Luz identifica-se um conjunto edificado habitacional que traduz uma ocupação sem planeamento, patente na oscilação entre ocupação por moradias e edifícios de habitação de pequena escala, não ultrapassando os 4 pisos de altura . Este conjunto edificado não assume relevância na relação com o limite cemiterial, física ou visualmente, uma vez que se desenvolvem em sentidos descendentes contrários, voltando costas um ao outro. A sudoeste localiza-se o bairro Padre Cruz, que a par com o recinto cemiterial, acompanha a inclinação do terreno. O edificado é de escala pequena sendo que a sua implantação não é paralela à fachada do recinto, e é constituído por moradias unifamiliares geminadas com dois pisos de altura. Como o edificado é relativamente baixo o sistema de vistas para o interior do recinto também é algo limitado. O restante edificado existente não tem relação de proximidade com o espaço cemiterial, no entanto interessa referir o seu uso, por forma a elucidar sobre o tipo de ocupação do território. Assim nas imediações do recinto encontram-se ainda espaços amplos de carácter industrial, mas também uma área loteada de edificado de uso terciário, em recinto delimitado.







Relativamente aos parâmetros de análise morfológicos, o recinto é delimitado, a par com o muro, por eixos viários, o que significa que o espaço ocupa a totalidade do lote. O arruamento a norte acompanha a linha de cumeeira da serra, distinguindo direções de inclinação, a da serra da Luz e a do cemitério. Por ser uma área limítrofe e pouco consolidada, não permite a criação de conectividades urbanas, assim o espaço público de circulação, reduzem-se aos contemplados nos perfis dos poucos eixos que irrigam a zona em questão. Estes não se apresentam como aprazíveis de utilizar devido à não consolidação as áreas envolventes, não havendo relações a estabelecer.



Assim, o espaço público reduz-se ao proporcionado pelo próprio desenho do recinto cemiterial que comunica com a “urbanidade” envolvente. Existe uma praça de recepção/enquadramento do espaço que funciona como uma antecâmara da entrada, não exclusivamente como espaço de permanência uma vez que não há elementos que o proporcionem, mas também como local de encontro e inclusivamente de estacionamento. Por ser desenhada no interior do lote ocupado pelo cemitério, não existe nenhum arruamento que impeça a continuidade entre este espaço e o interior do recinto.

Os vazios existentes, nomeadamente a norte e a sul, são de grande relevância ao nível do contexto urbano, uma vez que se apresentam como forte oportunidade de uma maior consolidação desta área da cidade. Não há qualquer tipo de tratamento dos vazios, apresentando-se apenas como espaços que ainda não foram urbanizados. Inclusivamente as áreas de uso industrial que também existem na proximidade do cemitério e ainda algum edificado pontual, também constituem matéria de reflexão, no âmbito de um planeamento mais geral.

## SÍNTESE GERAL \_ MALHA URBANA ENVOLVENTE

Da análise à envolvente dos recintos cemiteriais identificaram-se alguns pontos comuns entre casos de estudo. Como síntese pretende-se identificar as características comuns a todos os casos de estudo, assim como as particularidades observadas em determinados parâmetros. Tal como em qualquer edificado, também se pode reconhecer nos recintos cemiteriais, fachada principal, normalmente associada a uma frente com o acesso ao interior, e fachada tardoz, associada às traseiras da frente principal. Em todos os casos de estudo, excepto em dois – Lumiar e Carnide – e por motivos distintos, se reconhece uma diferenciação entre as frentes do recinto. No entanto, esta distinção pode ou não ser enaltecida por uma dignificação urbana.

Os exemplos mais bem conseguidos relativamente ao enquadramento urbano são, o do Alto de São João e o dos Prazeres, sobretudo porque é onde se reconhece uma interveniência de Cheio e Vazio no desenho do enquadramento. No primeiro caso através da delimitação de uma frente de edificado paralelamente ao longo de toda a frente principal do recinto cemiterial, fazendo surgir no alinhamento com a entrada do espaço uma praça, que induz ao aparecimento de um novo acontecimento no âmbito da urbanidade. O excesso de estacionamento dificulta a leitura, não contribuindo para tornar o vazio mais amplo e de permanência. No segundo caso através da delimitação de uma frente a par com um arruamento alinhado com a entrada no recinto e na perpendicular à frente urbana. Ocupando a quase totalidade da dimensão da fachada principal do cemitério existe um jardim interrompido no alinhamento da entrada por um monumento e espaço viário. O desenho é indicador de uma tentativa de filtragem do tráfego, diminuindo a sua intensidade na aproximação ao arruamento tangente ao recinto cemiterial. No entanto, em ambos os casos não se identifica uma grande fluidez entre espaço vazio e a entrada no recinto, pela existência de um arruamento entre o vazio e o limite murado, quebrando a continuidade entre interior e exterior. Talvez estes espaços vazios de enquadramento se pretendam com este carácter intermédio de pertença, quer à cidade, quer como espaço de recepção da cidade para o cemitério.

No cemitério de Benfica, Cheio e Vazio voltam a complementar-se no enquadramento urbano, embora de modo não tão afirmativo. A menor afirmação deve-se a dois factores: o primeiro remete para o crescimento urbano, menos planeado, possivelmente por ser limítrofe da cidade; e o segundo devido ao crescimento do recinto no sentido nascente, que descentraliza o enquadramento urbano, obrigando à criação de uma segunda entrada. Os dois restantes casos de estudo – Ajuda e Olivais – apresentam um enquadramento diferente um do outro, embora ambos com recurso exclusivamente ao espaço público. No entanto importa referir que na Ajuda a praça de enquadramento não se encontra adossada ao limite do cemitério, ao contrario do que acontece nos Olivais, em que a praça se desenha em continuidade com o espaço cemiterial. E ainda o tratamento conferido ao espaço existente nas traseiras do cemitério da Ajuda, um parque recreativo. A distinção entre fachada principal e as restantes é tão acentuada que o urbanismo se resume a um enquadramento cénico.

Relativamente aos cemitérios do Lumiar e de Carnide, o enquadramento urbano não assume relevância. No primeiro caso não há enquadramento urbano, exclusivamente um arruamento que termina num beco sem saída. Não apresenta dimensão nem condições mínimas de fruição, pelo mau estado do pavimento e pela não definição das funções que serve, sem marcação de lugares de estacionamento e sem existência de passeios para circulação pedonal. O segundo devido à sua implantação num dos limites da cidade e por isso em área ainda não planeada, apresentando edificado pontual e desconectado uns dos outros. No entanto, e talvez devido à paisagem urbana da área envolvente ao cemitério de Carnide, o próprio desenho do cemitério, no interior do lote, contempla a integração de uma praça. O seu uso prende-se mais com espaço de estacionamento e de recepção/encontro do que como local de permanência.

Interessa agora reflectir ao nível dos parâmetros definidos no âmbito da análise, sem se deter tão incisivamente sobre a questão do enquadramento urbano da fachada principal, mas antes ao nível da envolvente geral. No entanto não esquecendo que todos os parâmetros e a sua análise pretendem clarificar e reflectir sobre a integração urbana destes recintos, e consequentemente o seu enquadramento.

Ao nível do Cheio interessa ainda incidir sobre dois parâmetros, o posicionamento do edificado face ao limite do recinto e o uso maioritariamente observado. Assim, ao nível do posicionamento do edificado face ao limite do recinto é geral a atitude da não relação, um “voltar costas” do edificado em relação ao recinto, muitas vezes devido às características topográficas do território levando a que o edificado se oriente no sentido da inclinação natural do terreno, e ainda pela acentuada diferença de cotas, que não propicia relação. De referir duas situações particulares, uma no cemitério de Benfica e outra no cemitério dos Olivais. No primeiro caso, o conjunto edificado, localizado junto à entrada nascente do recinto cemiterial, é constituído por edifícios isolados sobre piso ajardinado. Interessante reparar como se criou um espaço público e de usufruto dos residentes junto ao limite de um espaço cemiterial. Apesar da proximidade ao recinto o contacto visual é reduzido pela cortina de árvores que acompanha o muro e ainda pelo posicionamento das fachadas de menor dimensão, sem vãos, paralelamente ao limite do espaço. O segundo conjunto edificado, localizado nas traseiras do recinto cemiterial, é constituído por edifícios isolados e em banda dispostos sem alinhamentos criando perspectivas de enquadramento diversas. A fachada de menores dimensões também é paralela ao limite do recinto, orientando-se o edificado perpendicularmente ao mesmo. Ainda de referir o conjunto edificado a poente do cemitério de Carnide, de escala pequena, com dois pisos de altura, implanta-se enfiado em relação à frente do recinto.

Ainda ao nível do posicionamento, interessante verificar como em alguns casos o edificado precisa de se distanciar do limite físico do cemitérios, como acontece na entrada poente do cemitério de Benfica e na entrada do cemitério dos Prazeres. O uso é maioritariamente habitacional, independentemente do local de implantação, apresentando tanto melhores condições de habitabilidade quanto mais próximo se encontrar da entrada do cemitério. De facto, nas traseiras dos recintos, com excepção da Ajuda e dos Olivais, o edificado apresenta já estados avançados de degradação, apresentando-se alguns inclusivamente desocupados.

Relativamente ao Vazio interessa ainda incidir sobre os vazios urbanos e a sua ocupação, assim como relativamente ao papel dos arruamentos na definição ou não da urbanidade em torno do recinto cemiterial. No âmbito dos vazios urbanos, e no seguimento de edificado devoluto que foi sendo identificado nas imediações dos recintos cemiteriais, interessa afirma-los como oportunidades de dignificação deste equipamento urbano e de consolidação das áreas que o circundam, uma vez que não apresentam uma imagem de globalidade ou de continuidade. Alto de São João, Benfica e Carnide, são os que apresentam na sua envolvente maiores áreas de vazios, ora pela inexistência de ocupação, ora pela existência de edificado devoluto. No caso do Alto de São João importante referir a questão topográfica, grande motor de inexistência de ocupação dos vazios, ainda que seja possível uma intervenção ao nível da cota inferior, da Estrada de Chelas, não comunicando directamente com o recinto mas contribuindo para a sua dignidade, projectando-se planeadamente nas suas imediações.

Relativamente aos vazios planeados interessa referir duas particularidades: os parques de estacionamento existentes junto à entrada do recinto dos cemitérios de Benfica e dos Olivais, ambos com intervenções relativamente recentes de enquadramento das suas entradas. Percebe-se a sua funcionalidade, embora a paisagem que proporcione, especialmente no cemitério dos Olivais, não seja muito interessante. No caso do cemitério de Benfica, visualmente já não é tão chocante uma vez que se desenvolve em patamares intercalados com muros de contenção elevados à altura do vidro do automóvel e com canteiros para vegetação, o que proporciona uma melhor integração da função que serve, no contexto da entrada. O único caso em que não se verifica a existência de um espaço no alinhamento da entrada do cemitério é no Lumiar, nos restantes casos de estudo identificam-se, embora com expressões urbanas distintas. A grande distinção a fazer nestes caso é a questão de existir ou não um arruamento que quebre a continuidade entre espaços exterior e interior. Apenas nos casos dos Olivais e de Carnide é que não há quebra de continuidade, sendo ainda de referir o caso da entrada poente do cemitério de Benfica, onde o tráfego é limitado uma vez que o arruamento integra o parque de estacionamento, pelo que a intensidade é diferente. Ainda no caso de estudo de Benfica existe um outro espaço público de permanência – parada -, nivelado com a rua, servindo mais concretamente as pessoas que acedem ao cemitério ao nível pedonal.

De facto entende-se uma tentativa de enaltecer o espaço cemiterial, pelo menos na frente principal do mesmo. No entanto ainda se denota descuido urbano ao nível da envolvência destes espaços, conotados como espaços indignos dos quais nos devemos distanciar, é natural que os terrenos da envolvente não sejam objecto da especulação imobiliária, contribuindo o seu descuido interior para o descuido da sua envolvência e vice-versa. Interessante observar que o cemitério, não participante da cidade, não só pelo elemento de exclusão que o delimita, mas também pelas expressões culturais da contemporaneidade, induz a que surjam disparidades no tipo de edificado envolvente.

### 2.3.2. RECINTO CEMITERIAL

No âmbito da análise, procede-se à caracterização do Recinto Cemiterial de acordo com quatro parâmetros: Solo/Paisagem, Espaço Exterior, Massa Edificada e Usos.

Em relação ao Solo/Paisagem caracteriza-se a topografia do recinto, o modo como se adequa ou não ao terreno, as barreiras físicas, os elementos com interesse paisagístico, e os sistemas de vistas, caso observados. No âmbito do Espaço Exterior, caracteriza-se a morfologia dos espaços de circulação viária e pedonal (grau de hierarquização da rede, esquema de irrigação do edificado – talhões), assim como dos espaços de permanência. Quanto à Massa Edificada, refere-se o tipo de edificado, identificando onde se implantam no interior do recinto, dando especial enfoque aos Usos observados.



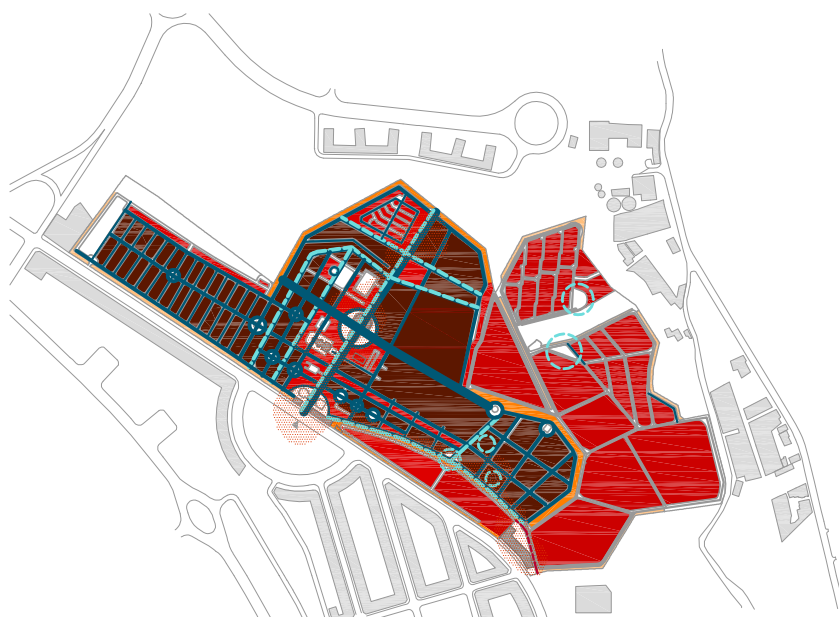
Em relação aos talhões, espaço de ocupação, determinaram-se 5 tipos de ocupação: (A) perímetro ocupado por uma frente de jazigos capela, orientados para a circulação, com secção para inumação no interior do espaço, para este tipo existem diferentes dimensões, áreas de secção maiores e menores; (B) área ocupada apenas por jazigos capela, delimitando as frentes do talhão, voltando-se de costas uns para os outros; (C) secção para inumação, normalmente de grandes dimensões, nomeadamente no sepultamento temporário; (D) duas frentes a delimitar um espaço de circulação central, as duas frentes podem ser de ossários, jazigos municipais e jazigos capela, inclusivamente articulados uns com os outros; (E) finalmente, uma única frente, normalmente associada ao muro limítrofe do recinto, que pode ser de ossários ou jazigos municipais.



A análise é efectuada individualmente, i.e., incidindo especificamente sobre cada recinto cemiterial. No final da análise apresentar-se-ão as conclusões relativas aos parâmetros analisados, dando enfoque às situações particulares que se identifiquem relevantes e estabelecendo paralelismos sempre que necessário.



## 01. ALTO DE SÃO JOÃO



O cemitério do Alto de São João apresenta no seu espaço interior pendentes distintas. No sentido sudoeste em terrenos planos de nível com a envolvente. No sentido nordeste, no alinhamento da entrada no recinto, desvincula-se da pendente natural da encosta em que implanta.



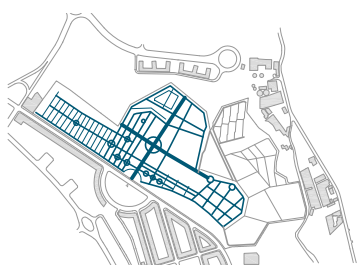
O cemitério do Alto de São João existe apenas uma entrada que faz o acesso ao interior do recinto. É delimitado em cada um dos seus lados por edifício de apoio, à esquerda o correspondente à sala de espera, em edifício de menor dimensão, e à direita, a parte administrativa do recinto. Ambos os edifícios comunicam com o interior e o exterior do espaço através de vãos. No alinhamento do acesso ao recinto localiza-se a capela, edifício de carácter religioso, e ainda, em lados opostos do eixo localiza-se o crematório à esquerda e a o antigo refeitório do pessoal do recinto, presentemente em desuso. Foi criado um novo edifício, denominado por edifício polivalente, localizado no limite sudeste do recinto, que integra refeitório e restantes áreas afectas, assim como espaço de armazenamento de material. Resguarda-se do cemitério pela delimitação de um espaço que faz o acesso ao edifício desvinculando-o do recinto, comunicando com o mesmo exclusivamente através da fachada poente que delimita um talhão.

Todo o edifício de apoio denota uma expressão arquitectónica simplificada, meramente ao serviço da função, e nos casos de edifício mais antigo, provavelmente nem à questão funcional responde. Tem três pisos e apresenta uma arquitectura mais actual embora pouco integrada e não mais cuidada. Relativamente ao crematório foi sofrendo acrescentos à sua forma original, por forma a adequar-se melhor à função que desempenha, também relacionado com o facto de a cremação ser cada vez mais opção na morte. Ainda de referir a existência de edifício destinado a instalações sanitárias, com solução formal estandardizada, adoptada em muitos outros recintos cemiteriais municipais de Lisboa.



No âmbito do tipo de ocupação do recinto cemiterial, identificam-se cinco tipos. O tipo de ocupação (A) localiza-se maioritariamente no braço do recinto que se estende no sentido noroeste, ocupando a quase totalidade desta zona do cemitério. O tipo de ocupação (B) efectua-se de duas formas. Uma primeira, associada ao eixo principal do recinto, nos talhões que delimitam dilatações do próprio eixo, quer na entrada, quer na capela. Uma segunda, em fileira, ora contínua, ora interrompida por arruamentos. A ocupação em (C) surge associada às sucessivas ampliações do recinto cemiterial, ao longo da encosta do vale, no sentido nordeste. Distingue-se dos restantes pelas grandes dimensões e pelo modo descontínuo com que se relaciona com as preexistências, assumindo uma linguagem própria. Neste tipo de ocupação identificam-se duas formas de implantação. Uma primeira que vai acompanhando, em retalhos, o terreno, assim as secções não se assumem como plataformas, ao contrário do que se identifica a norte em que as secções de inumação se assumem como plataformas que se elevam do terreno criando muros de contenção e individualizando-as por níveis, vencendo o desnível acentuado. As grandes dimensões destas secções dificultam as acessibilidades ao interior das mesmas, muito revelador do espírito de rentabilização do território, descuidando no planeamento, que se fez sentir (e ainda faz?) na década de 50, em relação às zonas periféricas da cidade de Lisboa. A grande diferença entre os tipos de ocupação (D) e (E) é ao nível da expressão formal. No entanto na generalidade localizam-se ao longo dos limites do recinto dando-lhe expressão e fazendo com que, ao nível da vivência interior do espaço, não se tenha percepção do muro enquanto elemento de delimitação, mas antes como espaço de culto.

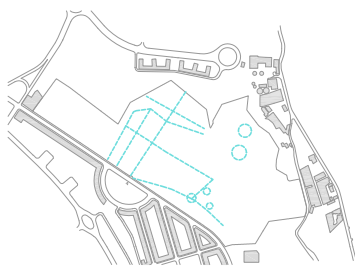
Ainda que tenham sido identificados em planta todas estas situações, interessa referir que existem outras maneiras de ocupar os talhões, diferentes destas que foram enumeradas, nomeadamente ao nível de ocupação do interior do talhão.



O traçado do Alto de São João segue o mesmo esquema que os cemitérios populares, divididos em quatro sectores definidos pela intersecção de dois eixos principais, um de maior expressão no alinhamento da entrada. Este eixo inclui no seu percurso, o edificado que delimita o acesso; dois jazigos monumentais que demarcam pelo interior a entrada no recinto cemiterial num momento de dilatação do eixo; o forno crematório, que perpendicularmente cria um espaço de recepção ao mesmo, recuando no limite da frente; e a capela. A dilatação que se reconhece junto à entrada, de forma semi-circular, repete-se novamente, agora num local de destaque e de forma circular, na intersecção com a capela. Este eixo localiza-se ao centro do recinto, embora com as sucessivas ampliações tenha perdido a sua componente geométrica de centro, e ocupa toda a dimensão do espaço no sentido transversal, tocando ambos os limites, frente e tardós. O facto de assumir a maior dimensão em largura e de ter uma arborização mais densa, também evidencia o seu carácter de eixo principal.



No ponto de contacto com a capela surge outro eixo cuja importância não se assume pela dimensão mas pela intersecção que efectua com a circulação principal, formando uma cruz com centro na capela. Identifica-se uma maior densidade de irrigação do espaço interior a noroeste do eixo central por oposição a sudeste, onde os eixos existentes são em menor densidade, servindo áreas de talhão significativamente maiores. Assim identificam-se dois tipos de rede de circulação, a escalas diferentes, embora o seu perfil se mantenha igual. Identificam-se continuidades de eixos de circulação em planta que depois não se verificam na realidade, pelo acentuado declive de implantação, que a noroeste se mantém relativamente de nível e a partir do eixo central se desnivela, com inclinação no sentido descendente. Exemplo desta situação surge o eixo que arranca da cripta dos combatentes da Grande Guerra, intersectando o eixo central e ganhando continuidade no sentido sudeste, quase até ao limite do espaço. De facto identifica-se uma hierarquia ao nível da circulação, com o eixo principal de maior expressão, com 8 m de largura e ladeado em todo o seu comprimento por jazigos capela; eixos secundários que intersectam o principal, sendo o de maior expressão o que intersecta na capela, com 6 m de largura; finalmente existem ainda os eixos de circulação de menor relevância na hierarquia definida, desenhados no sentido perpendicular aos secundários, estabelecendo ligação entre estes. A questão da arborização é relevante na definição destes eixos, pelo ambiente que proporciona, no entanto a arborização existente que se identifica não existe consoante o nível hierárquico dos eixos, nem surge com o intuito de os diferenciar.



Finalmente, ao nível dos espaços de permanência, identifica-se um eixo de permanência correspondente com o eixo principal, devido às condições ao nível da arborização que proporciona e à existência de mobiliário urbano de estada. De facto, da vivência deste espaço só se identificam apenas mais dois espaços de estada, com as mesmas condições apresentadas em cima. O primeiro de forma orgânica, localiza-se do lado sudeste do cemitério. O segundo de forma triangular localiza-se junto ao cendário isolado. De resto o que existe, quase sempre associados a intersecções entre eixos, são espaços de descompressão que rompem com a malha geométrica e ortogonal e monótona, muitas vezes com o intuito de enquadrar um monumento erigido à memória, a maioria sem recurso a qualquer arborização ou banco de estada que proporcione essa permanência, no entanto encontram-se pontualmente bancos ao longo de todo o recinto. Efectivamente o recinto cemiterial é usado para prestar culto e não há possibilidade de criar espaços de permanência associados a cada sepultura, jazigo capela, jazigo municipal e ossários. Ainda de referir que nas secções de inumação, pelo facto de se elevarem em relação à cota do arruamento que os serve, cria muretes que propiciam permanência. Devido à grande dimensão deste recinto e ainda às acentuadas pendentes que se verificam no seu interior, a CML criou um percurso de mini-bus que serve o recinto.

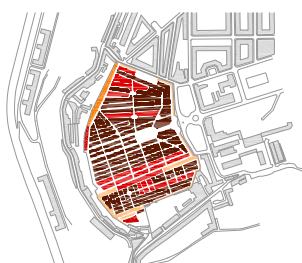
## 02. PRAZERES



O cemitério dos Prazeres apresenta no seu espaço interior uma área pouco acidentada, o que resulta numa relativa unidade morfológica, devido à continuidade. Presentemente desenvolve-se em leque, no sentido sul-norte, estendendo-se em direcção a poente e desvinculando-se da pendente natural da encosta onde se implanta.



Existe apenas uma entrada que faz o acesso ao interior do recinto cemiterial. É delimitada em cada um dos seus lados por edifício de apoio, à esquerda o correspondente aos serviços administrativos e sala de espera, e à direita, a parte de acesso reservado ao pessoal, como os balneários e o refeitório, integra ainda o espaço de portaria do recinto. Ambos os edifícios comunicam com o interior e o exterior através de vãos. No alinhamento do acesso ao recinto localiza-se a capela, edifício de carácter religioso, que presentemente integra ainda um núcleo museológico com espólio recolhido nos jazigos capela abandonados.



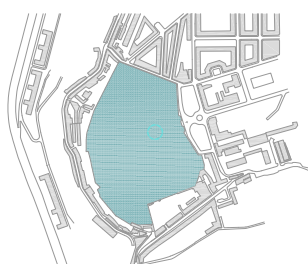
Em relação aos talhões, determinaram-se 4 tipos de ocupação, embora os tipos de ocupação de talhão mais observados sejam os correspondentes ao tipo (A) e ao tipo (B). A diferença entre ambos, prende-se com questões relacionadas com as suas dimensões, no entanto, na situação do cemitério dos Prazeres esta diferenciação é pouco significativa e por isso não determinante. No tipo (A) é interessante observar que a largura dos talhões, na maioria dos casos, apenas permite o sepultamento em duas fileiras, paralelamente aos jazigos, ou uma apenas quando se observa em sentido perpendicular aos mesmos.

Em ambos os tipos (A) e (B), e devido à forma dos talhões ser acentuadamente rectangular, permite que na menor área se obtenha o máximo de frente, contribuindo para o enaltecimento em morte daqueles que os mandam edificar, pela delimitação das frentes dos arruamentos. Consequentemente contribui para um aumento do número de eixos de circulação existentes. Os interiores, traseiras dos jazigos, reservam-se ao sepultamento perpétuo na quase totalidade dos casos. Estes dois tipos são os únicos que interessa referir porque é a sua ocupação que determina a espacialidade do recinto. No entanto interessa fazer referencia àquele que é considerado *a jóia da nossa arquitectura tumular* (Flores, 1993:79), o jazigo de Palmela. Implantado no limite sul do recinto, integrando a estrutura original assume-se como um espaço de inumação desvinculado do próprio espaço cemiterial, por ser delimitado fisicamente. Todo o espaço é edificado, aparentando inclusivamente uma cidade, embora a uma escala menor.

O traçado dos Prazeres tem três momentos. Um primeiro, a norte, relativo ao desenho original, *de configuração global formando um pentágono, obedece, nessa zona mais antiga, ao esquema irradiante tridentino, com as ruas ou âleas divergindo a partir da entrada e do largo onde se localizava a antiga Ermida que lhe deu o nome* (Simões Ferreira, 2009:1046). Um segundo, ao centro do recinto onde foi implantada a capela, com traçado ortogonal, embora sofrendo uma alteração na malha a norte e sul do acesso ao espaço, criando um desenho que enaltece o enquadramento. Finalmente, um terceiro que se desenvolve a uma cota mais baixa, relativamente à cota da entrada, criando um novo patamar e, apesar de manter a ortogonalidade, a malha apresenta dimensões e formas distintas das referidas anteriormente, mais quadrangulares. Em relação à hierarquia da rede de circulação identifica-se um eixo de maior expressão, alinhado com a entrada em direcção à capela, criando uma praça em frente desta. Assim que encontra a capela, o eixo divide-se em dois braços que se estendem até ao limite do recinto, para poente. Entre ambos cria-se novo eixo, ao centro, e consequentemente áreas de talhões. Em geral a expressão dos restantes eixos é idêntica, não se tornando patente uma hierarquia muito definida, o que é produto da ocupação que os conforma. Interessa ainda fazer referência à densidade de arborização presente nos eixos de circulação, que confere uma vivência diferente a quem o frequenta, de maior resguardo e naturalidade.



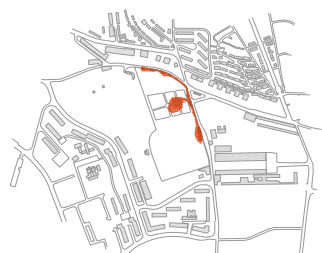
Relativamente aos espaços de permanência, o de maior relevância é o correspondente à praça em frente à capela, em área pavimentada, funcionando como espaço de recepção igualmente. Da análise dos vazios identificam-se espaços de descompressão, que não são mais do que dilatações pela confluência de eixos de circulação. Pontualmente identificam-se elementos de mobiliário urbano, como bancos, que propiciam a permanência, no entanto a envolvência não foi pensada para este tipo de função, não se patenteando no seu desenho. O cemitério dos Prazeres é formalmente muito homogêneo.



### 03. AJUDA



O cemitério da Ajuda apresenta uma área pouco acidentada, o que resulta numa relativa unidade morfológica, devido à continuidade da plataforma de ocupação. O seu espaço interior desenvolve-se de nível com a entrada, no sentido nascente-poente, tendo-se estendido em direcção a sul, para onde descende. Devido à manutenção da cota da entrada, eleva-se em relação ao arruamento que lhe é tangente na fachada nascente.

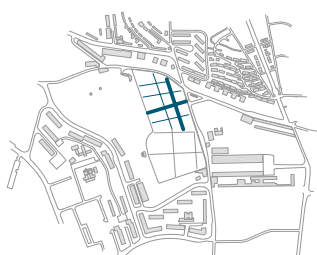


Existe apenas uma entrada que faz o acesso ao interior do recinto cemiterial. É delimitada em cada um dos seus lados por edificado de apoio, à esquerda o correspondente aos serviços administrativos e sala de espera, e à direita, a parte de acesso reservado ao pessoal, como os balneários e o refeitório, integra ainda o espaço de portaria do recinto. Ambos os edifícios comunicam com o interior e o exterior através de vãos. No alinhamento do acesso ao recinto localiza-se a capela, edificado de carácter religioso. Adossado ao limite nascente do recinto, a sul da entrada, localiza-se o edifício polivalente, de apoio ao pessoal, integrando cozinha, refeitório e bar. Mais uma vez se verifica a arquitectura destes se reduzir exclusivamente ao nível da função que servem.

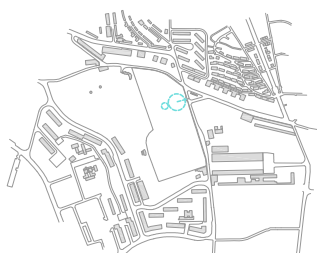


Em relação aos talhões identificam-se quatro tipos. A ocupação de tipo (A) localiza-se na estrutura original e corresponde às duas primeiras frentes de talhões. A terceira frente, ainda correspondente à estrutura original do recinto, é constituída por talhões para inumação, com a particularidade de serem conformados nas frentes nascente por jazigos capela, conformando o eixo de circulação, e dotando-o de outra importância. O mesmo acontece quando o eixo central do recinto se estende até ao limite poente, mantendo a mesma linguagem no sentido transversal.

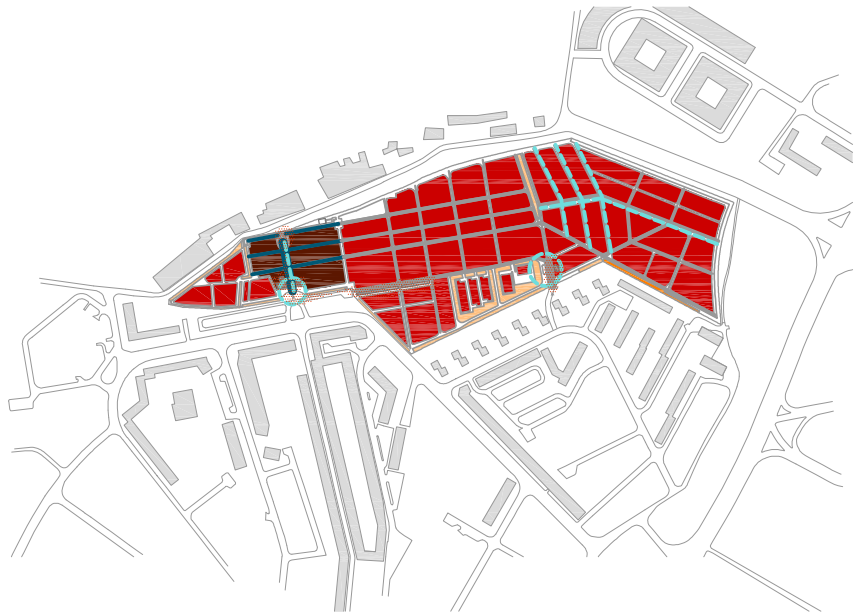
A sul localizam-se as secções de inumação, de maiores dimensões, com largura e comprimento aproximadamente igual a 64 m. Em alguns casos desenham-se frentes de ossários e jazigos municipais, que delimitam as secções, conferindo-lhes outra espacialidade porque contribuem para um resguardo das mesmas face aos eixos de circulação. As secções encontram-se desniveladas umas em relação às outras, no sentido descendente em direcção a sul, e ainda no interior de cada uma, surgindo muretes de contenção que distinguem essas divisões. Ao nível do tipo de ocupação (D) surge apenas numa situação de transição, quer entre estrutura original e mais recente, mas também ao nível de diferença de cotas. O muro limite do cemitério encontra-se revestido em quase todo o seu perímetro por ossários/jazigos municipais, excepto na fachada norte e nascente. Nesta última, na área correspondente à estrutura original, a ocupação é feita por jazigos capela.



O traçado do cemitério da Ajuda é de geometria regular, embora se identifique uma descontinuidade entre original e a mais recente intervenção, não só pela não continuidade linear que se verifica, mas também pela própria dimensão da malha, maior a sul do que a norte, fazendo notar uma maior densidade de ocupação de eixos a sul, em relação a norte. Esta diferença de densidade é independente do tipo de ocupação dos talhões, que se verificou serem idênticos, aparentemente assume-se apenas como modo de rentabilizar o terreno das secções. A sul a malha é regular e ortogonal, identificando-se apenas uma estrutura cruciforme, sendo que o eixo longitudinal, de maior expressão, se prolonga até encontrar o eixo da estrutura original. A norte identifica-se um eixo de circulação principal, no alinhamento da entrada que proporciona dilatações do mesmo em três momentos. O primeiro correspondente ao primeiro alinhamento de secções, funcionando como espaço de recepção, em relação à entrada; o segundo na intersecção de dois eixos de circulação, onde se localiza a capela; e, finalmente, um terceiro que corresponde à intersecção do eixo transversal com o eixo que proporciona continuidade para a estrutura mais recente. No entanto, em nenhuma destas situações se verifica a existência de espaços de permanência.



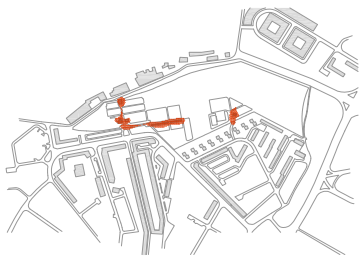
## 04. BENFICA



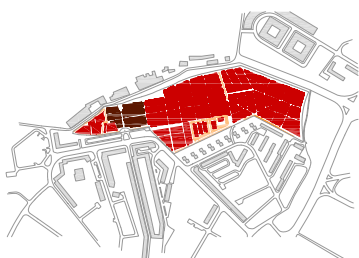
O cemitério de Benfica foi sofrendo sucessivas ampliações ao longo do tempo. Estas ampliações levaram a que a entrada original se passasse a localizar no limite poente do recinto em local descentrado em relação ao todo. Assim, houve necessidade de criar uma segunda entrada, na mesma frente da original, mas a nascente. O terreno de implantação desenvolve-se no sentido descendente segundo a orientação nascente, e ascendente até à segunda entrada, no sentido norte.



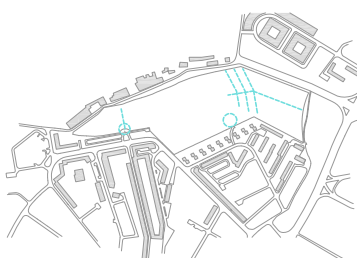
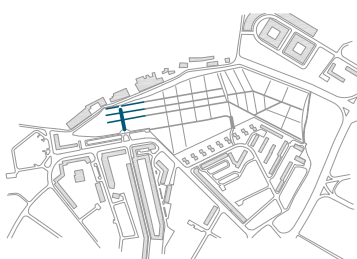
A entrada a poente, da estrutura original, não é conformada por edificado. Este recua, implantando-se na primeira frente de talhões. Do lado esquerdo localizam-se os serviços administrativos e do lado direito a sala de espera. Alinhado com a entrada e encostado ao limite norte do recinto implanta-se a capela. Existe ainda edificado referente ao apoio às exumações, o complexo das ossadas, e instalações sanitárias em edificado independente, não integrado no edificado de apoio.



Em relação ao tipo de ocupação dos talhões, identifica-se uma maior percentagem de ocupação por secções de inumação, tipo (C), nomeadamente nas áreas referentes às ampliações. As dimensões neste tipo de ocupação não são muito variadas, apresentando uma imagem relativamente homogénea, embora não se verifique uma malha contínua, nomeadamente a nascente do segundo acesso, onde se recorre a uma solução de ocupação diferente para vencer o acentuado desnível. Assim, as secções elevam-se em relação ao terreno criando muros de contenção que integram ossários/jazigos municipais, o seu desenho proporciona o recuo do edificado para inumação criando bolsas que propiciem o culto, distinguindo-se dos espaços referentes à circulação. De resto, repete-se o recurso a ossários/jazigos municipais a acompanhar o perímetro do recinto, especificamente na fachada nascente, libertando a poente talvez pela amplitude visual que proporciona. A ocupação junto à entrada original é de tipo (A), com jazigos a delimitar o perímetro dos talhões, proporcionando ocupação para inumação no seu interior.



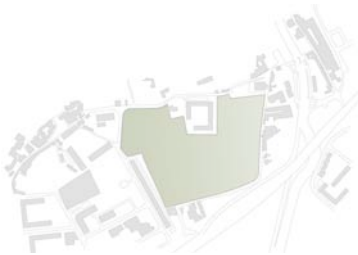
Se ao nível da ocupação dos talhões não se verifica nenhuma diversidade significativa, o mesmo não acontece ao nível do traçado. A ocupação mais significativa prende-se com uma malha ortogonal que se desenha em continuidade o acesso original, no sentido nascente. O mesmo não se verifica na circulação circundante às secções de inumação perpétua, que com a incorporação de ossários/jazigos municipais a definir os seus limites, criam uma circulação independente da circulação geral do recinto. Do mesmo modo, pela criação de plataformas na zona de transição de cotas, a circulação é independente da circulação geral do cemitério. Ainda nesta situação se reconhece uma desarticulação na malha, nomeadamente no eixo que faz a transição de cotas através de escadas. De referir que no limite poente tendo continuidade na fachada norte e sul, embora em não todo o seu perímetro, a existência de uma trincheira, desnivelada aproximadamente 1,5 m em relação à cota das plataformas de inumação.



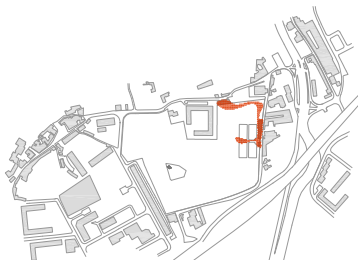
Não se identifica uma definição significativa ao nível da hierarquia de circulação, os eixos apresentam na generalidade a mesma expressão, com aproximadamente 2,5 m de largura, também não diferindo no seu perfil. As maiores expressões remetem para o eixo alinhado com o acesso original, para o eixo que integra as escadas para transição de cota e ainda o acesso do acesso mais recente cuja definição remete mais para uma praça do que para um eixo de circulação. Em relação aos espaços de estada identificam-se três, os dois primeiros referentes aos eixos que alinham com ambos os acessos, de configurações distintas, um remetendo para o eixo e o outro para a praça, respectivamente, a original e a secundária. O último é o talhão que é ocupado por ossários/jazigos municipais, junto à frente norte, cuja configuração e ocupação propicia espaços de estada, resguardados face aos eixos de circulação, embora sirva mais concretamente as pessoas que prestem culto aos entes que aí estejam sepultados. Os espaços associados a cada uma das entradas servem mais como espaços de recepção. Verifica-se que a arborização contribui para a criação de espaços de estada proporcionando melhores condições de uso aos transeuntes.



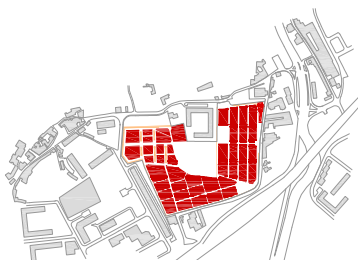
## 05. LUMIAR



O cemitério do Lumiar implanta-se de nível com o acesso principal, sendo que as alterações de cota que se verificam são pouco acentuadas. Desenvolve-se em “U” com a abertura orientada para norte, no entanto a sua ocupação está prevista, definindo-se como espaço de ampliação. Cada braço do “U” corresponde a uma fase diferente de ocupação, sendo a original coincidente com o acesso ao interior do recinto.



O espaço integra apenas uma entrada que se encontra delimitada em cada um dos seus lados. No direito localizam-se os serviços administrativos e no esquerdo uma capela de reduzidas dimensões, apresenta-se apenas como um marco de presença religiosa no recinto. De resto existe ainda edificado correspondente a instalações sanitárias que assume a mesma forma das identificadas em alguns dos outros recintos.



Em relação ao tipo de ocupação, verifica-se que maioritariamente é de tipo (C), ou seja, em secções de inumação. Pontualmente, e associadas a um dos limites, surgem ossários/jazigos municipais. No espaço associado à entrada no recinto, conformando o eixo que surge alinhado com ela, existem jazigos capela nos limites das secções de inumação. Ainda de referir ocupação de tipo B no limite norte/nascente, associado ao muro limítrofe, em talhões de menores dimensões. Uma particularidade de referir neste espaço é a existência de um talhão delimitado em todo o seu perímetro por ossários/jazigos municipais que criam duas frentes, uma para o exterior e outra para o seu interior, onde se localizam ossários implantados de forma a criar espaços de circulação não regulares.

No terceiro braço do “U”, o que se localiza mais a poente, a ocupação difere das duas restantes pela incorporação de ossários/jazigos municipais entre talhões o que resulta numa diminuição da dimensão e maior partição das secções de inumação. De resto identificam-se ao longo de todo o perímetro, embora não de forma contínua, tipo de ocupação (E), com espaços de culto associados aos muros que delimitam o exterior do “U”. Ainda de referir a inclusão de talhões privativos para as comunidades Islâmicas e Ismaili, sinal da abertura dos recintos à multidisciplinaridade das culturas e crenças.



Em relação ao traçado identificam-se três situações distintas, correspondentes aos braços que constituem o “U”. O espaço associado à entrada no recinto, assim como o correspondente ao mais afastado da mesma, seguem a mesma orientação, no sentido norte e na sua perpendicular, embora difiram em densidade e tipo de irrigação. No caso do espaço intermédio, a orientação é no sentido paralelo ao muro que delimita este espaço, e ainda no sentido perpendicular, uma vez que a malha é ortogonal. Ainda de referir que os eixos limítrofes a este espaço, que fazem uma forma triangular, estão desnivelados face à restante malha que irriga os talhões, numa cota inferior. Cria-se assim uma distinção espacial, entre circulação marginal e espaço reservado à inumação e ao culto, fazendo inclusivamente distinção ao nível das circulações, uma mais interna, referente aos espaços de inumação e outra mais periférica, servindo os ossários/jazigos municipais que estão edificados no limite do recinto. A maior ou menor expressão dos eixos não corresponde exactamente ao nível de maior ou menor importância no âmbito da hierarquia dos eixos de circulação, antes resultam de abordagens diferentes ao nível da ocupação. Inclusivamente na estrutura original a expressão dos eixos é pouco significativa.



Relativamente aos espaços de permanência identificam-se apenas dois, embora pontualmente surjam locais passíveis de se tornar de estada, ora pela existência de mobiliário urbano que o proporcione, ora pela existência de elementos físicos elevados em relação à cota de circulação, delimitadores de secções de inumação. O primeiro localiza-se na bolsa da entrada, dilatação do eixo principal no ponto de acesso. O segundo localiza-se no limite sul/nascente, através da composição arbórea e da criação de um espaço mais amplo, em local onde se pretende construir um crematório.

## 06. OLIVAIS



O cemitério dos Olivaes implanta-se desnivelado, a uma cota inferior, relativamente à envolvente. O seu espaço interior pode dividir-se esquematicamente em três plataformas. Uma primeira, de nível com o acesso principal, no sentido norte, que integra a estrutura original do recinto. A duas restantes plataformas localizam-se a poente da entrada e desenham-se em dois níveis, no sentido ascendente a partir do eixo de circulação central. Pela observação e vivência do espaço interior distinguem-se dois espaços, um primeiro que se desenvolve no sentido norte, a primeira plataforma e um segundo a poente, que integra a segunda e a terceira plataformas.



Identificam-se duas entradas no recinto, uma primeira exclusiva ao recinto cemiterial, e uma segunda, que acede ao crematório, implantado paralelamente à primeira plataforma, que se desenvolve no sentido norte. Esta segunda efectua um acesso ao interior do recinto embora tenha surgido com o intuito de servir o crematório. A entrada principal é delimitada pela portaria que se implanta do lado esquerdo da mesma. Do lado direito é delimitada por um muro que tem continuidade para o interior do espaço, distinguindo o eixo de acesso da estrutura original. Este muro é rasgado segundo o eixo que alinha com a capela, implantada tangente ao muro limítrofe do recinto. No alinhamento do eixo, e formando um ângulo quase recto, surge o edificado de apoio, do lado esquerdo os serviços administrativos, cuja fachada é paralela à entrada; do lado direito, a sala de lavagem de ossos, o edifício implanta-se tangente ao muro e desenvolve-se no sentido do mesmo.



O tipo de ocupação mais identificado no recinto é de tipo (C), secções de inumação, em qualquer uma das três plataformas anteriormente referidas. Na estrutura principal, nomeadamente no alinhamento com a capela, a conformar o eixo de circulação que lhe dá acesso, implantam-se jazigos capela. Não ocupam todo o perímetro do talhão, cingindo-se a sua ocupação aos limites que fazem frente com os eixos que se intersectam na fachada principal da capela. Ainda de referir a ocupação de ossários/jazigos municipais tangentes ao limite do recinto, embora exista uma configuração particular no limite poente em que estes se implantam no sentido perpendicular ao limite, por oposição ao sentido paralelo, criando espaços entre si. Este tipo de ocupação não é contínua ao longo de todo o limite, embora a sua presença se faça sentir em todas as fachadas que delimitam o recinto.

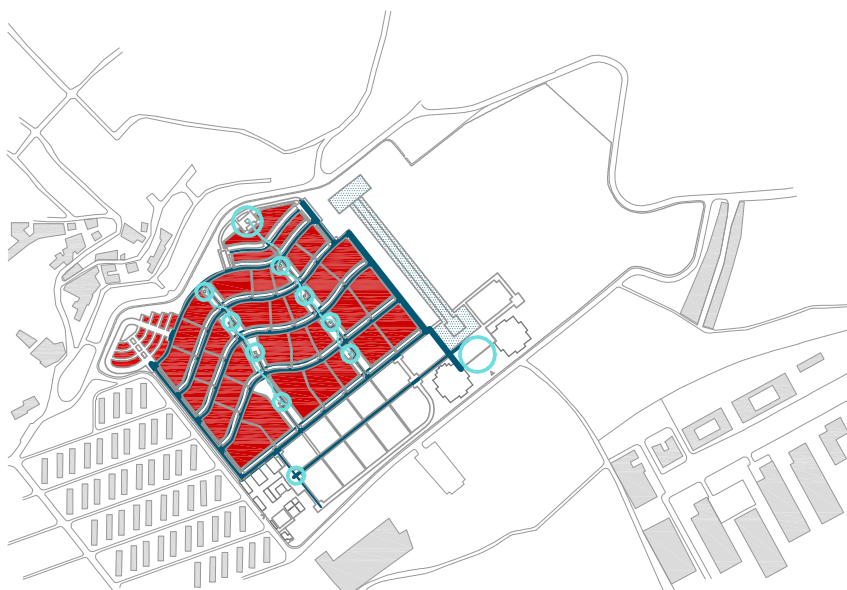


Em relação ao traçado identificam-se duas situações, uma primeira relacionada com o espaço a poente e uma segunda relacionada com o espaço que se desenvolve no sentido norte. Neste último o traçado é regular embora não seja ortogonal. Identifica-se um eixo central no sentido longitudinal ocupando a quase totalidade do comprimento do recinto e outros dois que se desenvolvem ao longo do perímetro. Os restantes desenvolvem-se no sentido transversal. No entanto não se identifica uma clara distinção ao nível da hierarquia dos eixos de circulação. No espaço que se implanta a poente o traçado é mais complexo pela distinção de cotas que existe, definindo duas plataformas no próprio espaço. No entanto o traçado mantém-se embora não existam alinhamentos. O traçado é regular e ortogonal, embora nos seus limites se denote um tratamento diferente, optando-se por chanfrar os cantos. A definição de zonas arborizadas e ajardinadas, a delimitar percursos quebrando a monotonia do tipo de ocupação, assim como a variação da dimensão dos talhões, implica um aumento da densidade de ocupação dos eixos de circulação. Nesta situação os eixos de maior expressão são os transversais. A circulação que se desenvolve a acompanhar o limite do espaço está desnivelada em relação à circulação às secções de inumação, fazendo-se a transposição através de escadas localizadas tangentes aos espaços de permanência.



Neste recinto identificam-se vários espaços de permanência, por comparação aos anteriormente referidos, associados aos elementos de transição de cotas, implantam-se de nível com a cota dos espaços de inumação e de nível em relação aos espaços de circulação; outros, localizados ainda no âmbito do espaço a poente, associados aos ossários/jazigos particulares implantados na perpendicular ao limite do recinto, com a existência de arborização e bancos; um terceiro, localizado de nível com o acesso principal ao recinto e associado aos elementos de transposição de cotas para a primeira plataforma; e finalmente, um quarto localizado à esquerda do acesso ao recinto através do crematório. O recinto é densamente arborizado e ajardinado, proporcionando um enquadramento visual mais agradável aos transeuntes. Permite-se a cedência de área que sirva apenas para enquadramento e não exclusivamente ao serviço da função que o espaço serve.

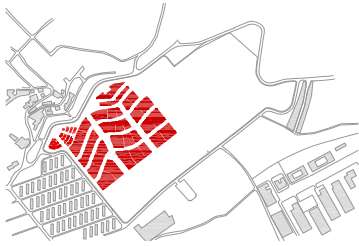
## 07. CARNIDE



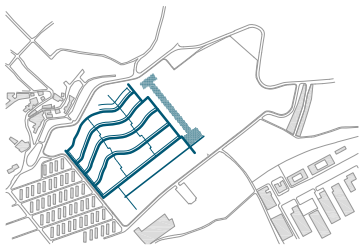
O cemitério de Carnide apresenta uma topografia relativamente acentuada, implantado na vertente sul da serra da luz, desenvolve-se no sentido ascendente segundo a orientação noroeste, apresentando-se esta frente coincidente com a linha de cumeeira da serra. O recinto encontra-se ocupado parcialmente, o correspondente a metade, devido a problemas do terreno, que não serve a função de decomposição dos corpos.



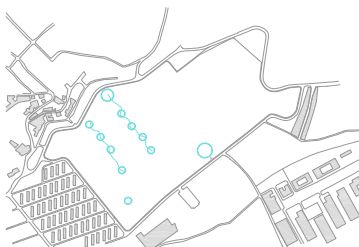
O espaço integra apenas uma entrada, localizada ao centro do espaço e delimitada em ambos os lados por edifícios simétricos. Do lado esquerdo localizam-se as salas de velório e ecuménicas, estando ao serviço de qualquer crença ou independente dela. Do lado direito os serviços administrativos, que integram ainda lojas de pedras ornamentais e flores. Ambos os edifícios comunicam com o exterior do recinto e conformam igualmente uma praça exterior, de recepção e passível de receber estacionamento. No alinhamento com a entrada implanta-se *uma faixa verde ascendente e ladeada por duas superfícies de água que, vencendo o desnível em pequenas quedas, rematam em lagos* (Oliveira, 2007:278). Este elemento compositivo desenvolve-se no sentido transversal e assume-se como o centro do recinto, embora tal não se verifique pela não conclusão do projecto. No limite sudoeste localiza-se um pólo de edificado de apoio, com acesso independente, com incorporação de instalações sanitárias ao serviço dos utilizadores do recinto. O edificado de apoio contém sala de lavagem de ossos, área de armazém e instalações de apoio ao pessoal, como seja o refeitório.



Em relação ao tipo de ocupação ao nível dos talhões a quase totalidade corresponde ao tipo (C), secções de inumação, de referir que as sepulturas são uniformizadas neste recinto. Os talhões de inumação apresentam um desenho orgânico, ondulando no sentido longitudinal, elevam-se em plataformas que acompanham a topografia do terreno. Ainda de referir o recurso a faixas de vegetação que são rodeiam todo o perímetro dos talhões de inumação. Os muros de contenção destas plataformas pretendem a integração de ossários/jazigos municipais, sendo os primeiros localizados no sentido longitudinal e os segundos no sentido transversal. Prevê-se ainda a incorporação de jazigos capela, no limite tardos do recinto, associado à fachada poente, embora actualmente não se verifique a existência de nenhum.



Relativamente ao traçado do recinto, identificam-se três tipos. O primeiro associado ao acesso principal, regular e ortogonal, embora com métricas distintas. O segundo associado aos talhões de inumação, onde se verifica uma duplicidade ao nível dos eixos de circulação, embora tal factor se deva à diferença de cotas. Nesta situação os eixos de maior expressão são os que se desenvolvem no sentido longitudinal, tangentes aos ossários/jazigos municipais que delimitam as frentes dos talhões. O seu traçado é orgânico, é delimitado nos seus extremos por eixos transversais regulares e intersectados no seu percurso por eixos transversais, embora descontínuos devido às cotas que tem que vencer, recorrendo-se a escadas. Os eixos transversais integram ainda pequenos terraços, que propiciam a celebração de cerimónias fúnebres. Finalmente o terceiro, uma particularidade, que se apresenta como um sistema de irrigação independente, definindo as áreas relativas à ocupação por jazigos capela. Identifica-se a existência de uma relativa hierarquia de circulação, nomeadamente pela identificação de eixos de maior expressão que efectuem a distribuição geral no recinto, por oposição às de distribuição secundária, mais direccionada ao serviço de secções específicas dos grandes talhões. Esta distinção não é só ao nível da expressão formal que se verifica, mas inclusivamente ao nível do uso de materiais distintos em cada caso, que contribui para o enaltecimento desta distinção. De facto a distinção maior é entre percursos exclusivamente pedonais, os de menor dimensão, e percursos que propiciam o uso ao nível viário.



Quanto aos espaços de permanência identificam-se, quer nos percursos transversais, quer no limite tardos do recinto, associado aos últimos talhões, terraços, parcialmente cobertos, que propiciam permanência e ainda a possibilidade de uma celebração anterior à inumação. Em relação aos eixos transversais, estes integram mobiliário urbano que proporciona a estada, esta opção prende-se com o facto destes eixos serem de nível e por isso mais agradáveis e propícios à permanência. Em relação à amplitude que se verifica no interior, junto à entrada, funciona mais como espaço de enquadramento e de recepção.

## SÍNTESE GERAL \_ RECINTO CEMITERIAL

Da análise dos recintos cemiteriais identificaram-se alguns pontos comuns à totalidade dos casos de estudo. Como conclusão pretende-se identificar as características mais comuns a todos, assim como as particularidades observadas em determinadas casos, clarificando sobre os mesmos. Procede-se então a uma divisão em três momentos. O primeiro relativo à implantação do recinto, nomeadamente relativo às características da sua topografia. Um segundo momento em que se conclui relativamente à localização e formalização do edifício de apoio, e ainda relativamente aos tipos de ocupação dos talhões, elucidando sobre tipos de implantação mais comuns em cada caso. Finalmente, as últimas conclusões remetem para os eixos de circulação, que tipo de irrigação efectua, o tipo de malha e ainda indicadores de hierarquia de eixos. A par com a reflexão sobre os eixos efectua-se uma segunda, desta vez sobre os espaços de permanência, identificando situações de planeamento dos mesmos.

A questão topográfica desempenha um papel importante no tipo de ocupação dos recintos cemiteriais. Identifica-se uma implantação em local elevado, proporcionando um sistema de vistas amplo a quem usufrui destes espaços. Ao nível do espaço interior, em muitas situações apresenta uma pendente muito acentuada, dificultando a ocupação e inclusivamente a circulação. Esta situação está patente no cemitério do Alto de São João no sentido nascente/sul, ainda assim não acompanha a topografia natural da vertente, elevando-se em relação à mesma, por ser demasiado acentuada. Por oposição a esta situação tem-se os Prazeres que, embora se implante numa vertente acentuada do vale, eleva-se em relação à mesma, criando uma plataforma relativamente nivelada, assumindo-se como um todo. No caso do cemitério de Carnide a pendente também é acentuada, no entanto, a integração desta característica natural no desenho do espaço interior, permite uma leitura de um todo, por oposição a retalhos.

Relativamente ao que se definiu como massa edificada, comporta dois momentos: um primeiro relativo ao edifício de apoio ao recinto e um segundo relativo ao tipo de ocupação dos talhões. Assim, na maioria dos casos se identifica a mesma situação, uma única entrada para o interior do recinto, flanqueada em ambos os lados por edifício, que corresponde aos serviços administrativos e à sala de espera. No alinhamento da mesma o edifício religioso, em local central do recinto, embora presentemente se encontre desvirtuado, devido às sucessivas ampliações do espaço interior. Originalmente, nos cemitérios de Benfica e dos Olivais também se verificava esta situação, no entanto o crescimento do recinto levou a que, no primeiro se criasse uma segunda entrada, embora a original seguisse a mesma estrutura; no segundo, a uma realocação da entrada não enquadrada com o edifício religioso e não flanqueado por edifício de apoio. De referir que nos casos do Lumiar e de Carnide não existe alinhamento com edifício religioso, embora em ambos se identifique edifício a delimitar o acesso.



No primeiro caso, o edificado religioso resume-se a uma pequena edificação lateral ao acesso, na estrutura original do recinto; no segundo o edificado é ecuménico, integrador de todos, e localiza-se a delimitar o acesso ao interior do recinto. Em todas as situações se identifica uma forte axialidade no sentido transversal ao recinto, independentemente da existência de edificado, no entanto em alguns casos se foi perdendo pelas ampliações de que o espaço foi sendo alvo. Ainda de referir que não se denota nenhuma preocupação arquitectónica no projecto do edificado de apoio, nem no edificado mais recente. Interessante identificar uma formalização diferente no âmbito das instalações sanitárias, solução formal adoptada para todos os cemitérios e que se assume como uma “ilha” no interior destes espaços, implantada isoladamente, sem preocupações de integração.

O tipo de ocupação não é muito variado, encontrando-se quase sempre os mesmos tipos, variando o grau de densidade com que cada um surge, em cada recinto. As ocupações de tipo (A) e (B) surgem associadas às estruturas originais dos recintos, de todos os casos excepto do cemitério de Carnide, habitualmente associadas aos talhões que conformam o eixo principal do recinto. Os cemitérios onde mais se identifica este tipo de ocupação são o do Alto de São João e o dos Prazeres, sendo que neste último a ocupação é quase total, apresentando-se como um espaço totalmente edificado. A maior incidência destas ocupações em ambos os cemitérios referidos, prende-se com o facto de serem os dois cemitérios mais importantes de Lisboa, nomeadamente à data da sua construção, assumindo-se como verdadeiro palco de manifestação de poder e estatuto social. Daí que também se identifiquem estes tipos de ocupação com formas acentuadamente rectangulares, proporcionando maior área de frente e conseqüentemente de exposição pública. Relativamente às ocupações por talhões de inumação implantam-se nas áreas correspondentes às ampliações dos recintos. Adoptam grandes dimensões por forma a rentabilizar as áreas, proporcionando maiores áreas contínuas de sepulturas. Esta opção resulta em duas questões, a primeira relativa à dificuldade ao nível dos acessos aos espaços mais interiores dos talhões, e a segunda, pela função que serve, a de inumação pelo período de 3 a 5 anos, não proporciona um tratamento da superfície muito cuidado. Contribuindo para uma imagem pouco digna. Os talhões de inumação perpétua apresentam-se melhor cuidados. Este tipo de ocupação tem dois tipos de materialização, o primeiro acompanhando a pendente do terreno em que se implanta, de nível com a circulação ou por vezes elevado em relação à mesma, aproximadamente 1m. O segundo mantém-se de nível face à pendente levando à criação de muros de contenção que muitas vezes são ocupados por ossários/jazigos municipais. A opção variada entre ambas as situações dota os talhões de imagens distintas, que é o que se verifica no cemitério do Alto de São João e no cemitério de Benfica, levando a uma desconexão ao nível da leitura global do recinto. O mesmo não se verifica no cemitério de Carnide, com a mesma opção pelas plataformas de nível, embora seja produto de um planeamento ao nível do interior do recinto. Associados maioritariamente ao limite físico do cemitério surgem os dois últimos tipos de ocupação, tipo (D) e tipo (E), que variam um do outro porque o primeiro inclui um corredor de circulação entre duas frentes de ossários/jazigos municipais, e o segundo apresenta-se como uma única frente. Em todos os recintos se opta pela colocação destes tipos a acompanhar os limites murados, embora pontualmente se verifiquem integrados em talhões exclusivamente de inumação.

No entanto, apenas no cemitério de Carnide esta opção não se verifica, libertando o limite físico como um elemento de definição espacial. Interessante reparar que esta libertação proporciona um tratamento diferente ao elemento, com a integração de áreas gradeadas que permitem uma maior permeabilidade visual entre exterior e interior. Como referido anteriormente o uso funciona assim como muro de contenção das plataformas de inumação.

No âmbito dos eixos de circulação interessa referir que se identifica o eixo alinhado com o acesso ao interior do espaço como eixo principal. Este carácter deve-se sobretudo ao facto da quase totalidade dos casos só terem uma entrada e ainda pela conformação que lhe é conferida, através do edificado que conforma o acesso, do tipo de ocupação, em jazigo capela, e ainda pelo alinhamento com o edificado religioso, não tanto pelo uso, mas pelo enquadramento. O cemitério de Benfica e o do Lumiar são os únicos casos em que não se identifica esta axialidade. No primeiro devido à necessidade de criação de um segundo acesso, o que contribui para a divisão ao nível das acessibilidades e irrigação do espaço interior, a partir de dois pontos distintos. No segundo devido à configuração do recinto, em “U”, que induz a um tipo de irrigação do espaço distinto do conferido pelo eixo central, fazendo-se ao nível mais geral em sentido semi-circular. Relativamente ao cemitério de Carnide, a axialidade central está patente embora em menor expressão devido não finalização do projecto, assumindo-se assim como tangencial. No entanto neste caso, recorre-se a um elemento natural e compositivo paralelamente ao qual surge o eixo de circulação que posteriormente distribui para os talhões de inumação. Na situação do cemitério dos Olivais identifica-se um eixo de acesso central, alinhado com a entrada, e tangente à estrutura original do cemitério. Nasce devido à ampliação do recinto no sentido poente e distribui para poente e para nascente, detentores dos seus próprios eixos de circulação. Ainda de referir o caso dos Prazeres, o único recinto cuja axialidade é identificada como central, por se implantar ao centro do recinto equilibrando a sua estrutura interna. Os traçados são regulares aproximando-se na maioria dos casos da ortogonalidade. A grande diferença verifica-se no cemitério de Carnide, onde os eixos assumem uma forma mais orgânica ainda que se reconheça um certo paralelismo entre eixos longitudinais, parecendo mais uma subversão da malha ortogonal.

Não se identifica uma clareza ao nível da hierarquia de circulação, o que se deve ao não planeamento das ampliações de que os recintos têm sido alvo e ainda devido à não adequação do traçado às características topográficas do terreno de implantação, fazendo surgir disparidades de soluções por oposição a uma linguagem de continuidade ainda que em si possa integrar variedade. O cemitério do Alto de São João é o único onde se identifica uma estrutura principal mais demarcada em relação aos restantes casos, e esta ainda seria detentora de maior expressão, não fossem os sucessivos acrescentos que o recinto foi sofrendo no sentido nordeste, acompanhando a encosta do vale. Aqui identifica-se uma estrutura cruciforme com centro no equipamento religioso.

Relativamente aos espaços de permanência, não assumem uma expressiva relevância no âmbito do recinto, apresentando-se pontualmente e meramente associados quer à existência de mobiliário urbano que o propicie, quer à presença de arborização que resguarde a permanência e a proteja das condições climáticas. Normalmente os espaços de permanência localizam-se no acesso principal ao recinto, devido à maior expressão que representa e ainda às bolsas de dilatação do próprio eixo, na continuidade do acesso, normalmente em forma semi-circular. No entanto estes assumem-se mais como espaços de recepção. Interessa fazer referência a três casos em que se verifica a existência de espaços de permanência e o modo como se relacionam com os eixos de circulação. Em relação ao cemitério do Alto de São João identificam-se alguns espaços de permanência embora, sem uma linguagem comum, nem numa sequência planeada, antes vão surgindo consoante as necessidades. Neste recinto é de referir que existem dois espaços de estada no miolo dos talhões delimitados por jazigos capela, um associado ao cendário e outro associado às instalações sanitárias. Ainda de referir um terceiro, na proximidade dos anteriormente referidos, que surge em continuidade com um eixo de circulação, apresentando-se como uma dilatação do mesmo, de forma elipsoidal. No cemitério dos Olivais a situação é idêntica no sentido em que não há articulação entre os espaços de permanência definidos, variando em linguagem e forma, assim como em localização no âmbito do traçado. De facto, neste recinto identificam-se variados espaços de permanência, a maioria associados à ampliação no sentido poente. De referir ainda o cemitério de Carnide, cujos espaços de permanência se localizam associados aos eixos transversais interiores, todos com a mesma linguagem e enquadramento.

De resto, o que se verifica no desenho dos recintos cemiteriais é um descuido nas novas abordagens. De facto, não se exige uma continuidade ou manutenção da traça original, cega, mas antes uma resposta reflectida, concordante com o preexistente mas que se assuma como uma nova leitura, contextualizada, que efectivamente é. Pretende-se que resista a questões de maximização da ocupação por talhões, detendo-se em questões de planeamento, por forma a proporcionar melhores condições de habitabilidade ao próprio espaço. De facto, a inumação temporária, aquela que permite maior rotatividade ao nível da ocupação, acaba por ser alvo de piores condições de habitabilidade por parte dos utilizadores do cemitério, devido ao constante movimento de terras que se verifica – ainda que se agrupem pela data do falecimento. Esta situação acaba por se tornar preocupante ao nível da vivência do recinto e ao nível do culto, não proporcionando aos utilizadores do espaço, as melhores condições de fruição.

## 03

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Nem sucessivas e sucessivas migrações de aves  
Perfarão a distancia que agora nos separa  
Mas esta nau não me levará a casa  
E seguir-te não será morrer*

No âmbito do presente capítulo mais do que apresentar respostas concretas ou ainda formular um texto de índole teórico sobre a temática da morte e respectivas materializações, apresentam-se caminhos e levantam-se questões, ambos fruto de um misto entre investigação, reflexão e observação. Esta opção é ainda muito reveladora da necessidade que se tem vindo a identificar ao longo do desenvolvimento do trabalho, a de um envolvimento crescente por parte da disciplina de Arquitectura na definição dos recintos cemiteriais e consequentes implicações na envolvente que o integra. De facto, a temática em estudo é demasiado densa e inesgotável para uma definição concreta e palpável. No entanto esta consciência impele a um desejo de resposta ou pelo menos de uma aproximação à mesma, e é neste sentido que as considerações finais se integram.

A presente dissertação tinha como objectivo efectuar uma análise dos cemitérios municipais de Lisboa enquanto realidade urbana que são, compreendendo sobre o modo como se integram na sua estrutura, ou por outra, o modo como a estrutura urbana se foi aproximando dos recintos. E ainda a forma como o desenho e o tratamento do espaço interior podem contribuir para a sua dignificação urbana, propiciando ainda uma maior abertura à população em geral, contribuindo para uma dignificação maior, a da Morte.

Para tal procedeu-se a uma análise, produto de três factores importantes: investigação sobre a temática da Morte e respectivos recintos, observação *in loco* dos cemitérios, e finalmente a definição de uma metodologia de análise e consequentes parâmetros. A análise é efectuada em dois momentos, o primeiro relativo à malha urbana envolvente e o segundo relativo ao espaço cemiterial.

Seguidamente apresentam-se os resultados obtidos, numa síntese, que assim como a análise, distingue malha urbana envolvente de recinto cemiterial, concluindo conjuntamente sempre que se justificar.

Assim, no âmbito da malha urbana envolvente, depreende-se do panorama global dos cemitérios municipais de Lisboa, que a necrópole não é considerada como um equipamento com significado na condição citadina e que não tem merecido atenção no sentido da sua integração urbana. Há efectivamente um descuido e uma despreocupação ao nível da ocupação do território envolvente aos recintos cemiteriais, factor que se deve ao carácter de espaço lúgubre que lhe está associado, contribuindo para a sua não integração. A falta de planeamento na aproximação urbana aos recintos cemiteriais está patente nas seguintes situações identificadas:

1. Distinção entre fachada principal e restantes fachadas do recinto, no desenho urbano e no tipo de ocupação que se identificam numa e noutra situação. Assim reduz-se a integração a um momento, associado ao acesso ao interior do recinto, proporcionando um enquadramento cénico pontual, por oposição a um enquadramento geral do equipamento urbano. A questão da delimitação física, a par da topografia do território envolvente contribui para esta distinção.
2. Há uma dificuldade no tratamento que se deve dar ao espaço envolvente aos recintos cemiteriais, quer através do edificado que se apresenta como desconecto, pouco revelador de uma estratégia de intervenção geral e articulada com as realidades que integra; quer ainda através da inexistência de edificado, optando-se simplesmente pela não ocupação, deixando-se o território vazio;

No entanto identificam-se ainda oportunidades de dignificação e conseqüente integração, nomeadamente:

1. O momento pontual anteriormente referido denomina-se por parada e proporciona um enquadramento urbano ao nível do acesso ao recinto. Pensa-se que é interessante a existência de um espaço público exterior, não dissociado do recinto cemiterial, mas antes em complementaridade com este. Define-se de extrema relevância sob o ponto de vista da dimensão social, participando da urbanidade e da sua vida activa, e ainda enquanto espaço de transição entre cortejos fúnebres, o viário e o pedonal. Assim é interessante a sua definição como espaço mediador entre interior e exterior.
2. A aproximação ao recinto deve ser encarada como um percurso processional, não em toda a extensão da rede de distribuição viária, mas exclusivamente aos eixos que se localizam nas suas imediações, especificamente o que se direcciona ao acesso principal.

De facto a integração é enaltecida pela complementaridade entre eixos viários, espaço de enquadramento – parada – e ainda o ponto de acesso ao recinto cemiterial. O desenho do espaço de enterramento deveria ser complementado pela dimensão urbana envolvente.

No âmbito do recinto cemiterial identifica-se novamente a questão da falta de planeamento. No entanto também se reconhece a dificuldade de intervenção no âmbito das estruturas dos cemitérios oitocentistas. Assim conclui-se, em termos gerais, que:

1. Não há uma adequação do recinto à topografia local, identificando-se uma sobreposição do recinto sobre as características naturais do terreno. De facto, a opção por uma matriz idêntica à urbana, com a definição de uma malha ortogonal, não se adequa a pendentes acentuadas, pelo que se verifica uma desvinculação do recinto face à envolvente, contido pelos muros que o delimitam fisicamente.
2. Existência de um eixo central de distribuição, que é delimitado lateralmente no acesso ao recinto por edificado de apoio, e que integra o edificado de carácter religioso. Presentemente o edificado de carácter religioso perde significado, uma vez que a laicização do campo sagrado e consequente definição como equipamento municipal, induz a uma maior responsabilização por todos os munícipes, e por isso uma maior abertura aos mesmos, assegurando condições iguais para todos. Deste modo revela-se importante a definição de espaços ecuménicos na substituição dos exclusivamente religiosos.
3. Ainda relativamente à integração, esta deve contemplar não só o edificado de celebração, mas também os espaços de culto, contribuindo para uma multidisciplinaridade do espaço da morte, assim como o é a cidade de Lisboa.
4. Deve-se repensar as dimensões dos talhões de inumação temporária, por dois motivos: o primeiro porque constitui as áreas de maior rotatividade/movimento mortuário, e por isso deveriam ser dotados das melhores condições de habitabilidade ao nível do culto; e segundo, porque quanto maior for a área, mais difícil é a manutenção e o tratamento da mesma, ao nível da superfície do talhão. O facto de se constituírem áreas muito amplas, também dificulta o acesso aos espaços mais interiores das mesmas.
5. Dignificação do equipamento de apoio e ainda repensar a sua localização por forma a facilitar e melhorar a vivência dos espaços por parte de quem deles usufrui. Assim é interessante distinguir rede de serviços relacionados com o espaço, e rede de serviços associadas aos utilizadores do mesmo, racionalizando o funcionamento interior. A par com esta distinção surge a questão relativa à arquitectura, que contribua para o enaltecimento do espaço interior, conferindo a poética arquitectónica e proporcionando melhores condições de habitabilidade, ao nível de quem usufrui e de quem trabalha.
6. O excesso de ocupação identificado, produto de uma maximização na rentabilização dos territórios cemiteriais, está igualmente patente na não definição de uma hierarquia ao nível dos eixos de circulação, nomeadamente na distinção entre eixo viário e pedonal, assim como ao nível dos espaços de permanência, que são poucos e desarticulados, não seguindo nenhuma lógica compositiva. Neste âmbito compositivo, de enaltecer o papel relevante desempenhado pela inclusão de arborização.



De facto, interessa enfatizar a importância de uma leitura de globalidade por oposição à ocupação sucessiva e não planeada, meramente ao ritmo das necessidades que vão surgindo e às quais é preciso dar resposta rápida e eficaz. Daqui que se torne a referir a importância do planeamento, que de resto é parte significativa da abordagem arquitectónica. A questão mais relevante prende-se com o excesso de ocupação, contribuindo para a definição do recinto como um espaço que serve meramente a função, descuidando da vivência.

Espaço exterior e interior complementam-se, ao nível da dignificação de ambos, contribuindo cada um para o enaltecimento do outro, com enfoque específico no seu ponto de contacto: a entrada. A grande conclusão que se retira remete para o planeamento, e aqui de novo o papel da arquitectura, que deve responder e acrescentar ainda a poética própria da disciplina na definição espacial, contribuindo para uma melhoria da sua habitabilidade, e acredita-se, da própria postura face à Morte, não compactuando com o seu escamoteamento, e consequentemente com a descontextualização do homem enquanto ser temporal e finito.

# 04

## BIBLIOGRAFIA

*Seja o que for*

*Será bom.*

*É tudo.*

ARAÚJO, A. C. (1997)

*A morte em Lisboa: atitudes e representações: 1700-1830*. Lisboa: Editorial Notícias.

ARIÉS, P. (2000)

*O Homem perante a morte*. Mem Martins: Europa-América.

ASSOCIAÇÃO DOS MÉDICOS CATÓLICOS PORTUGUESES (1988)

*Da vida à morte*. Coimbra: Gráfica de Coimbra.

COELHO, A. M. (1991)

*Atitudes perante a morte*. Coimbra: Minerva.

DIAS, V. L. (1963)

*Cemitérios, jazigos e sepulturas*. Coimbra: (Ed. Do autor)

ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA (1966)

*4º e 13º volumes*. Lisboa: Editorial Verbo.

FERREIRA, M. F. (1996)

*A luta contra os cemitérios públicos no século XIX*. Sep. de: Ler História.

FLORES, F. M. (1993)

*Cemitérios de Lisboa: entre o real e o imaginário*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.

GAFO, J. (1996)

*10 Palavras chave em Bioética*. Estella (Navarra): Editorial Verbo Divino.

MORIN, E. (1988)

*O homem e a morte*. 2ª ed. Mem Martins: Europa América, D.L.

NORMAS PARA A CONSTRUÇÃO E POLÍCIA DE CEMITÉRIOS (1962)

*Decreto no 44220*. Lisboa: Direcção-Geral dos Serv. de Urbanização.

NOUWEN, H. J. M. (2002)

*Viver é ser Amado*. 3ª ed. Lisboa: Paulinas.

OLIVEIRA, M. (2007)

*In memoriam, na cidade*. Guimarães: Tese de Doutoramento em Arquitectura, ramo do conhecimento Cultura Arquitectónica, Universidade do Minho.

OLIVEIRA, A. (1999)

*O Desafio da Morte*. Lisboa: Editorial Notícias

PEREIRA, L. (1983)

*A forma urbana no planeamento físico*. Lisboa: Laboratório Nacional de Engenharia Civil

SECRETARIADO NACIONAL DA PASTORAL DA CULTURA (2008)

*Do tempo livre à libertação do tempo*. Lisboa: Sicómoro.

SHIELDS, D. (2009)

*A grande chatice da vida é... acabar*. Lisboa: Estrela Polar, 2009.

SIMÕES FERREIRA, J.M. (2009)

*Arquitectura para a morte: A Questão Cemiterial e os seus reflexos na Teoria da Arquitectura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

TERRASA, J. (1996)

*La muerte plenitud de la vida – Diálogo con el P. Antonio Oliver*. Leonard Muntaner.

VIEIRA, P. (1999)

*Cemitérios de Lisboa no século XIX: pensar e construir o novo palco da memória*. Dissertação de Mestrado, História de Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa.

05

ANEXOS

*Deponho as armas:*

*Primeiro a voz*

*Depois a luz*

*Por fim as mãos*

*E então posso morrer*

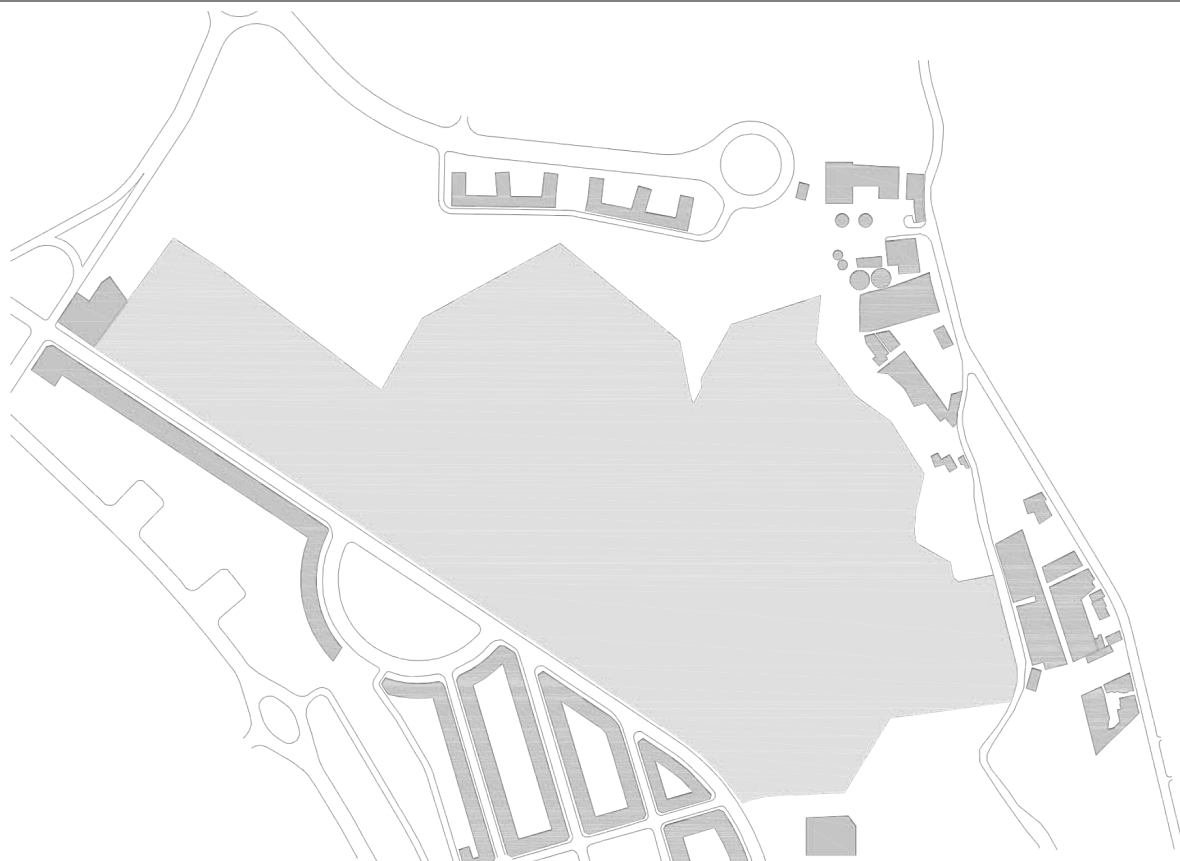
*Se não for noite*

## MALHA URBANA ENVOLVENTE

# ALTO DE SÃO JOÃO. MALHA URBANA ENVOLVENTE

# 01

## 1. PLANTA sem escala



## 2. FOTOGRAFIAS





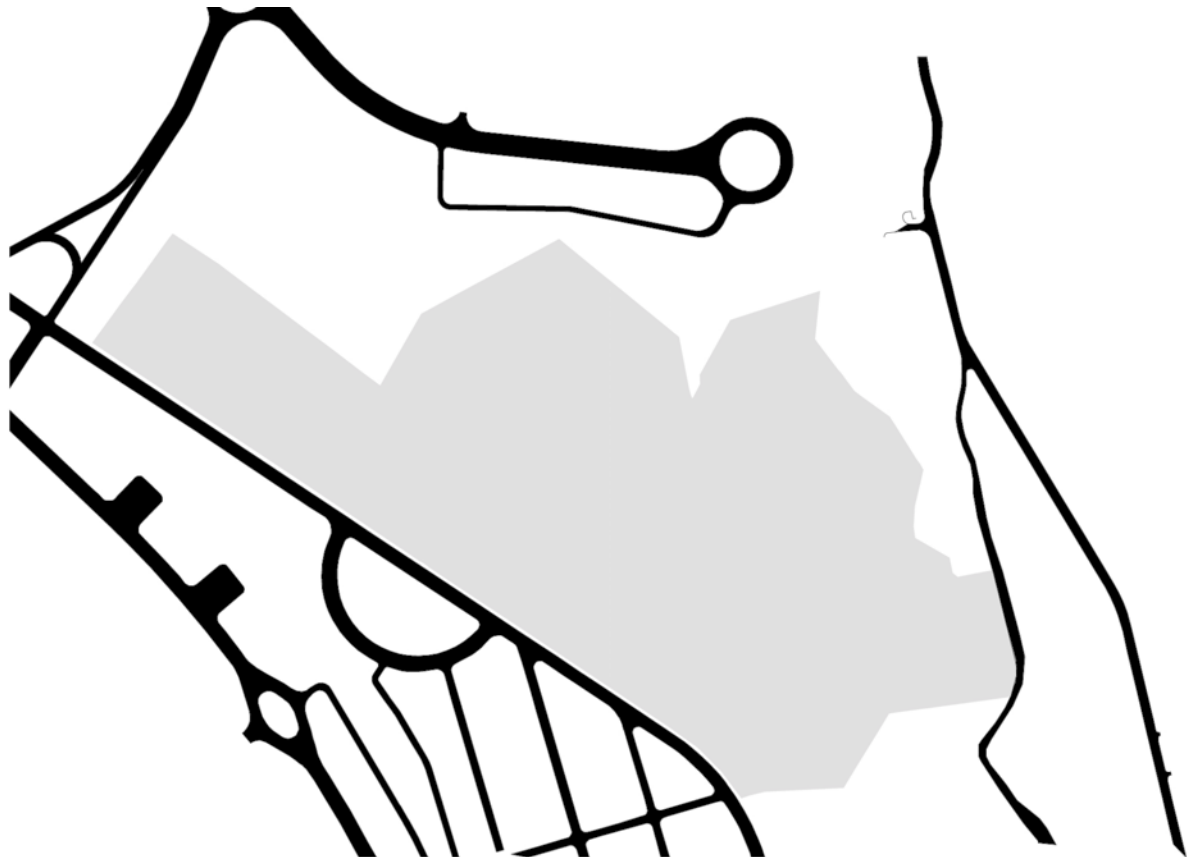
ALTO DE SÃO JOÃO. MALHA URBANA ENVOLVENTE

01

3. CHEIO



4. VAZIO

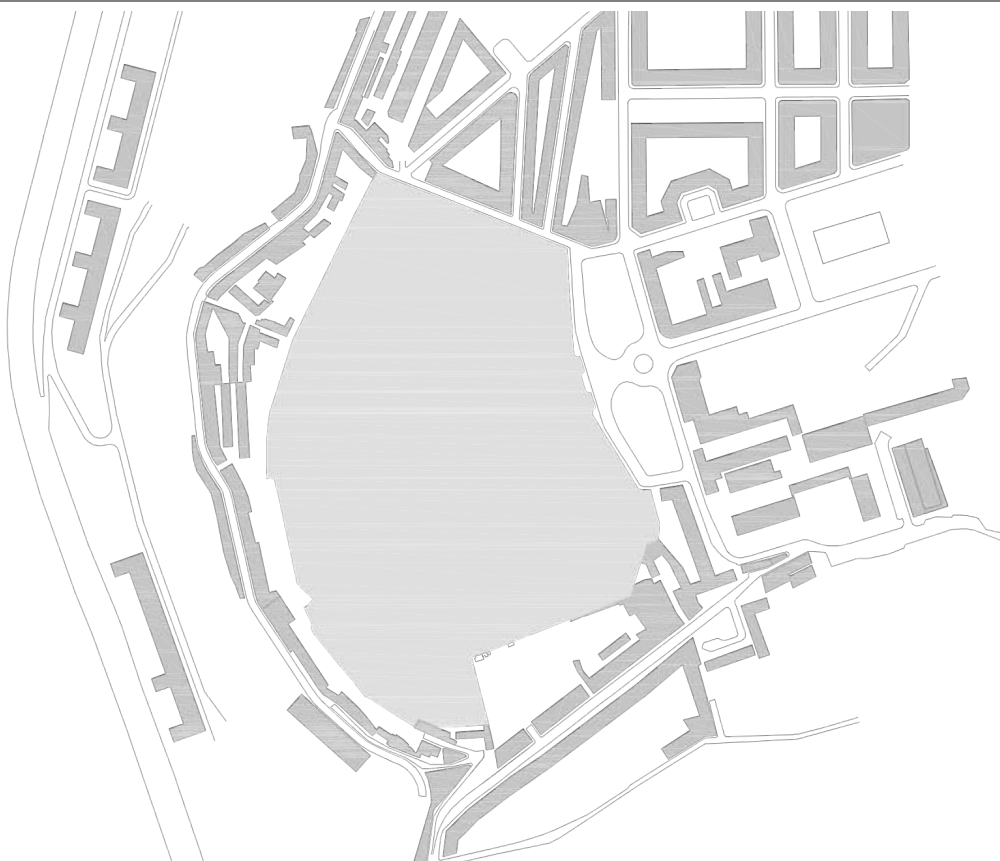


05. ANEXOS

PRAZERES. MALHA URBANA ENVOLVENTE

02

1. PLANTA sem escala



2. FOTOGRAFIAS



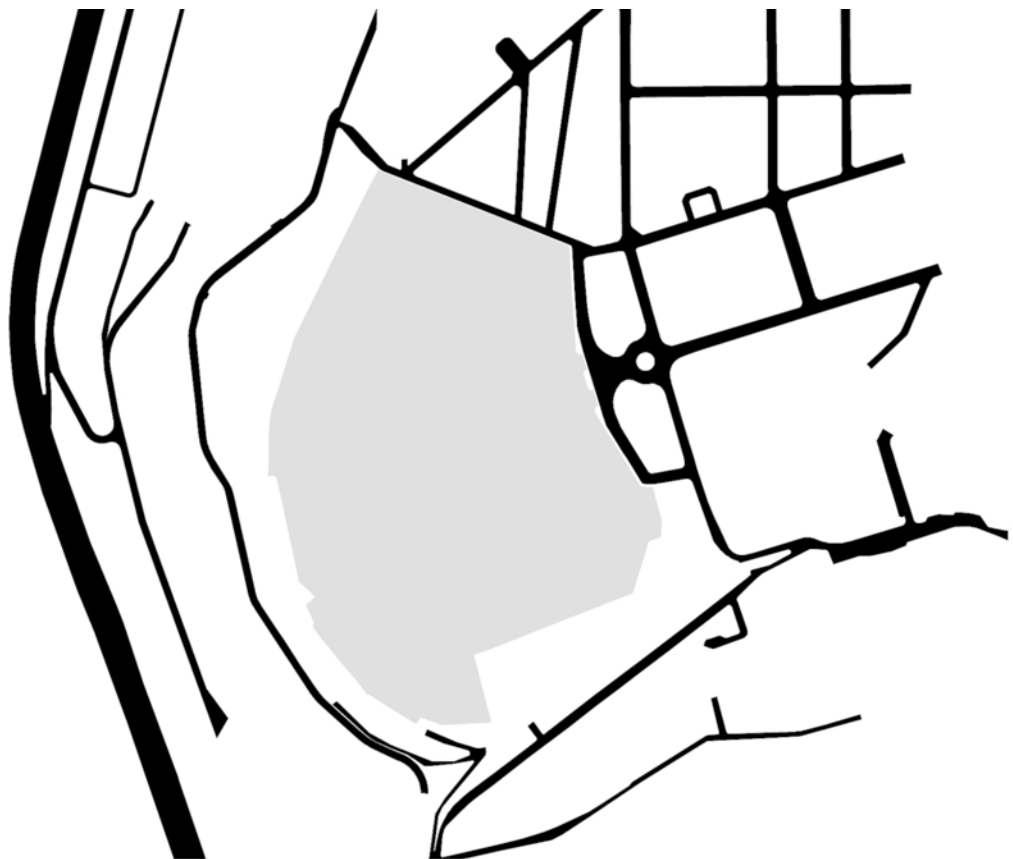
PRAZERES. MALHA URBANA ENVOLVENTE

02

3. CHEIO



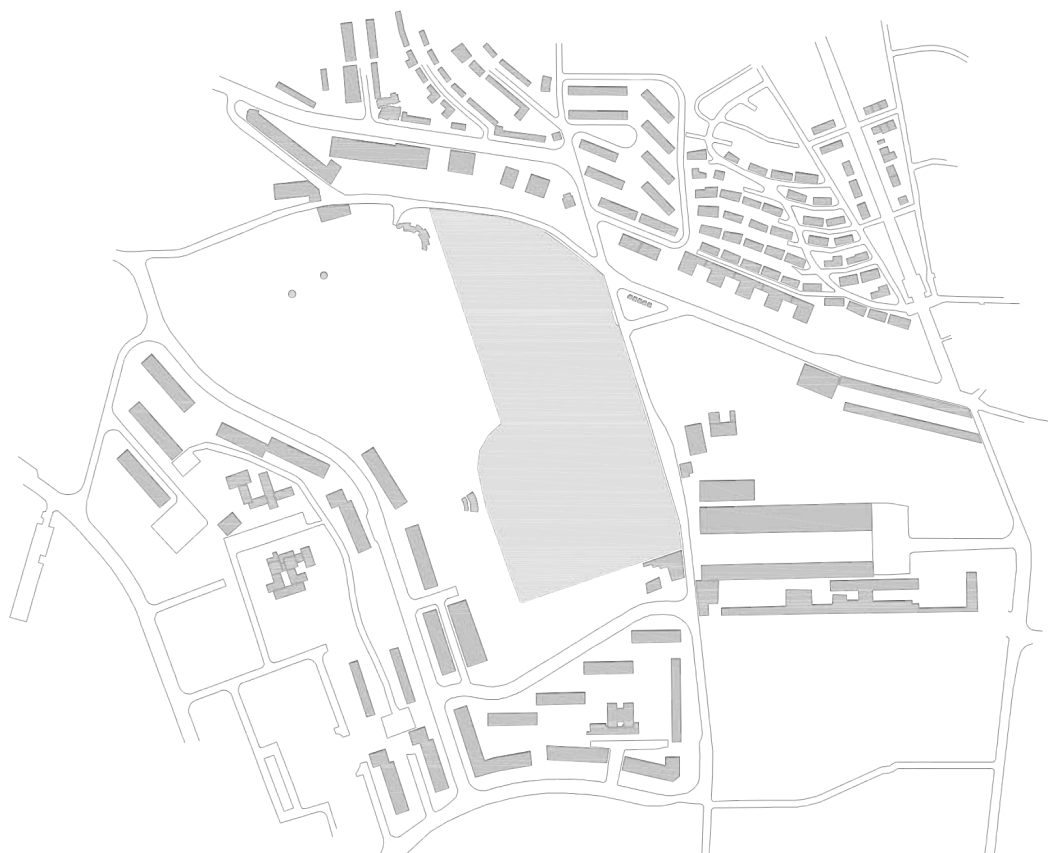
4. VAZIO



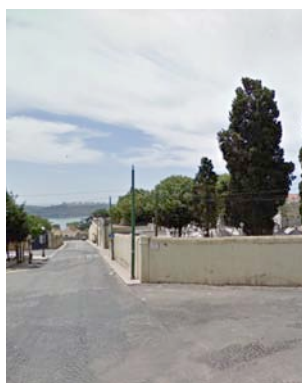
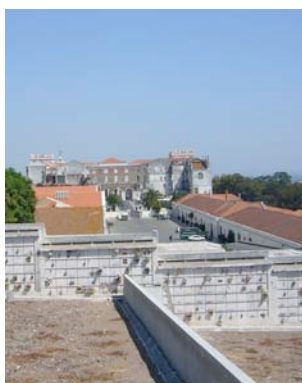
AJUDA. MALHA URBANA ENVOLVENTE

# 03

1. PLANTA sem escala



2. FOTOGRAFIAS





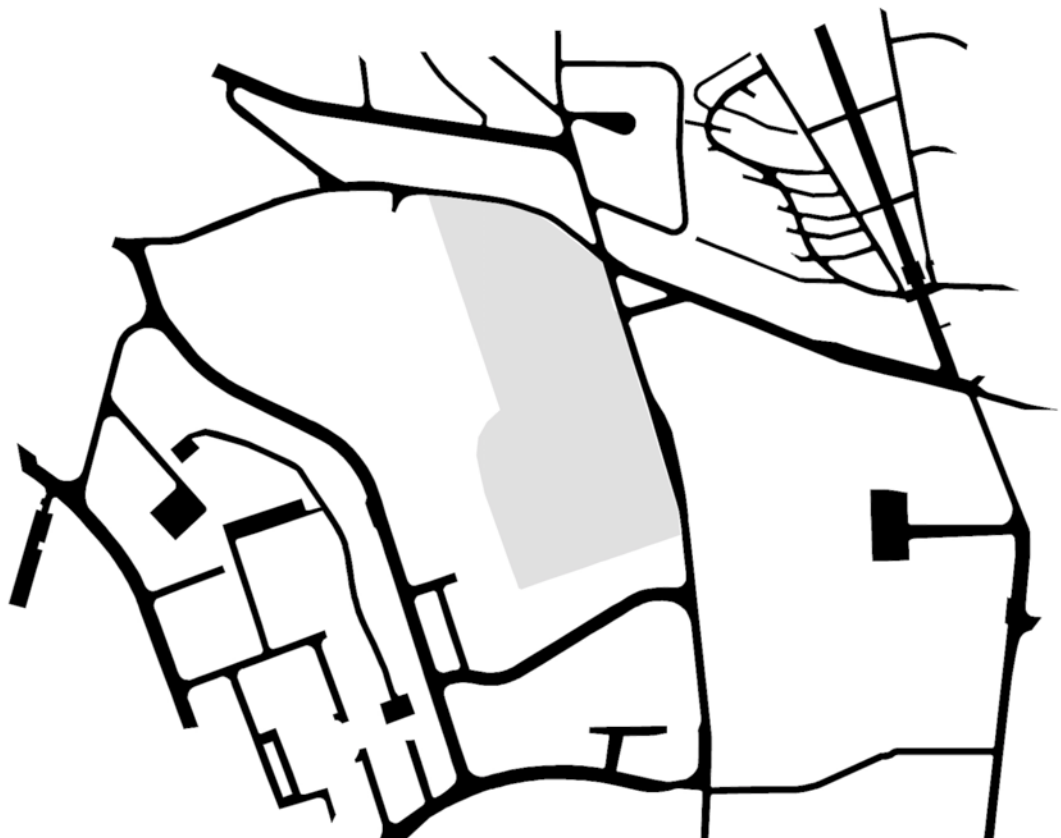
AJUDA. MALHA URBANA ENVOLVENTE

03

3. CHEIO



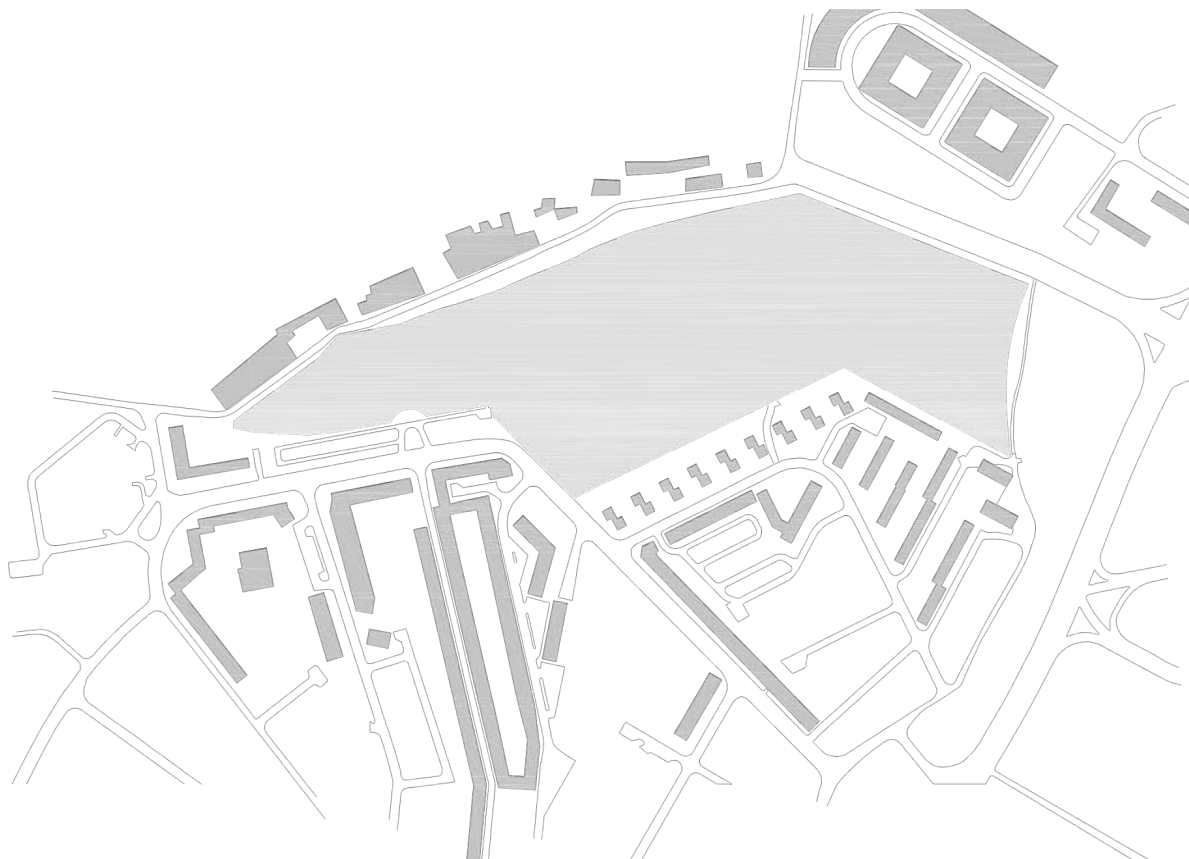
4. VAZIO



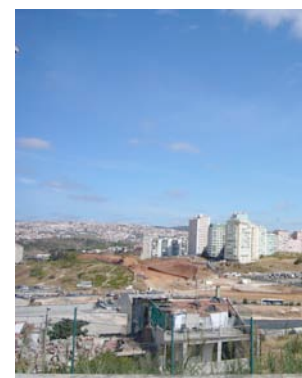
BENFICA. MALHA URBANA ENVOLVENTE

04

1. PLANTA sem escala



2. FOTOGRAFIAS



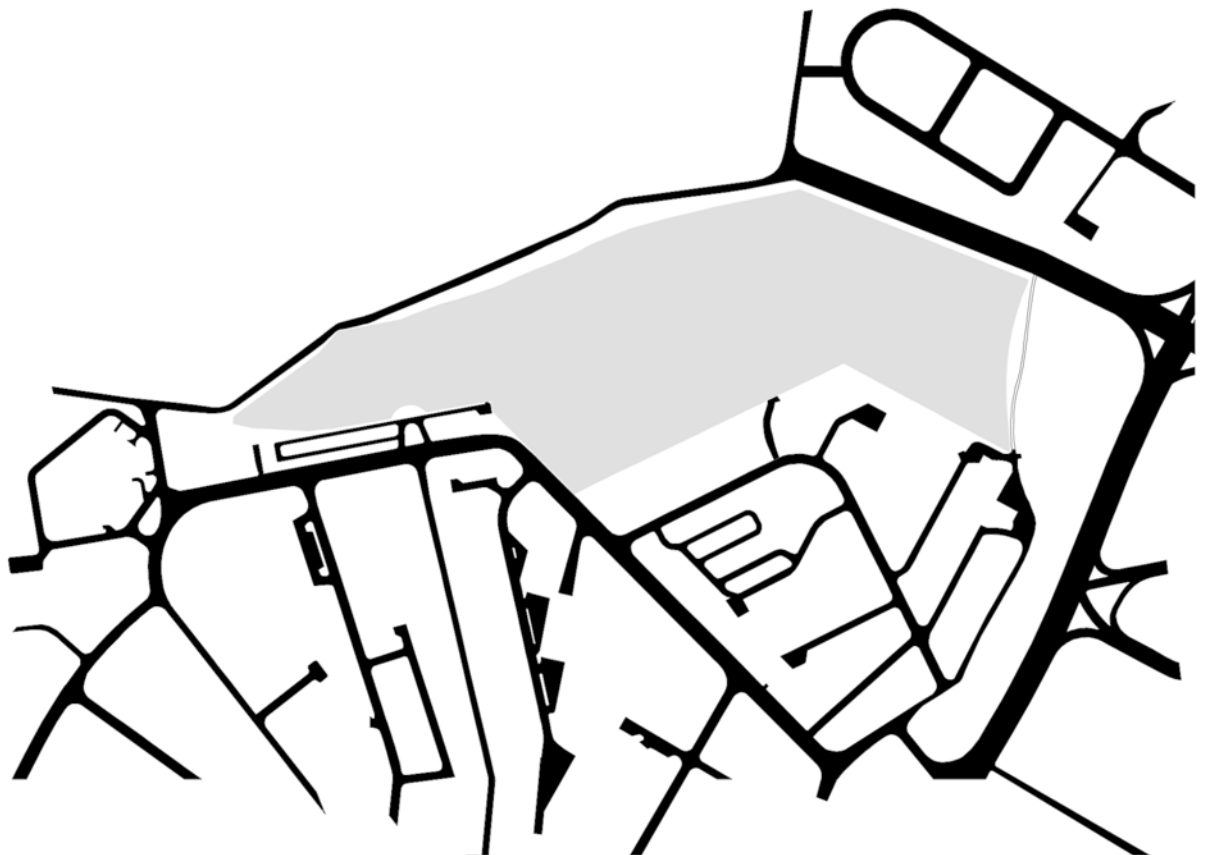
BENFICA. MALHA URBANA ENVOLVENTE

04

3. CHEIO



4. VAZIO

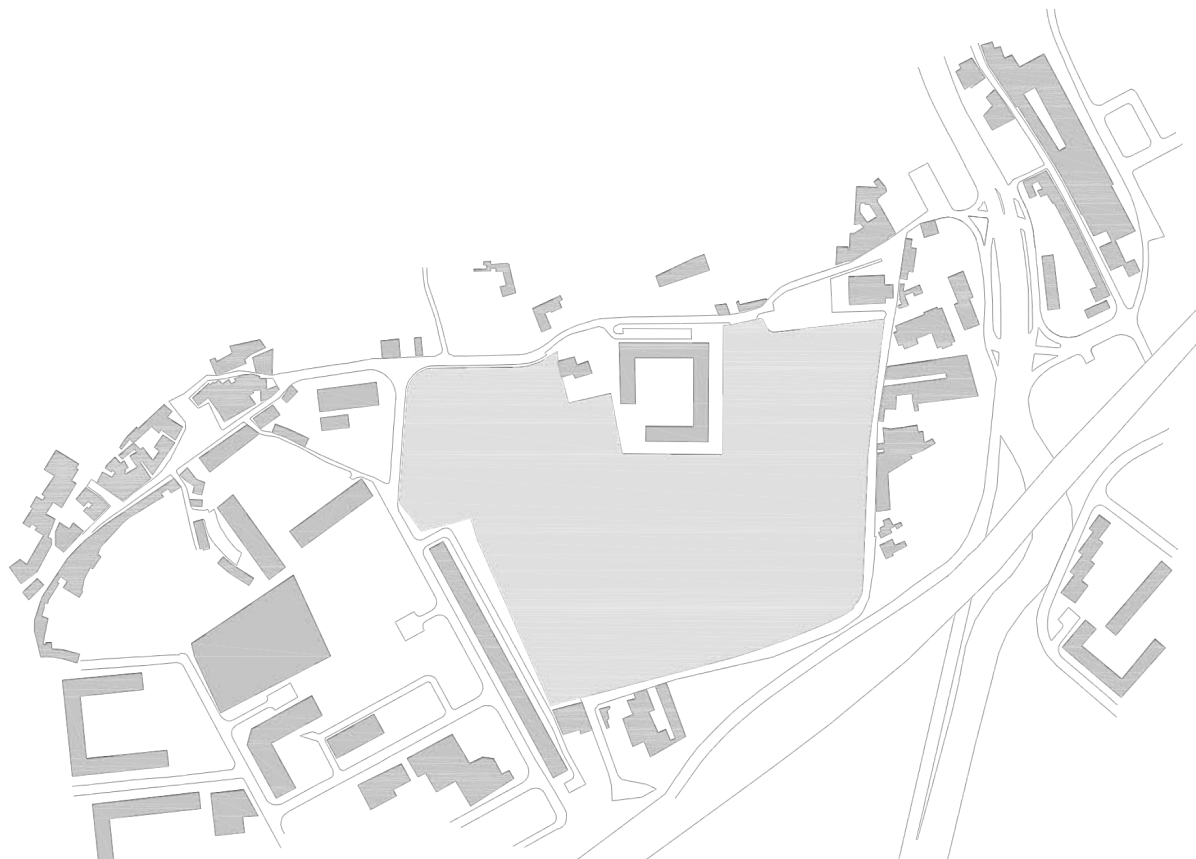




LUMIAR. MALHA URBANA ENVOLVENTE

# 05

1. PLANTA sem escala



2. FOTOGRAFIAS



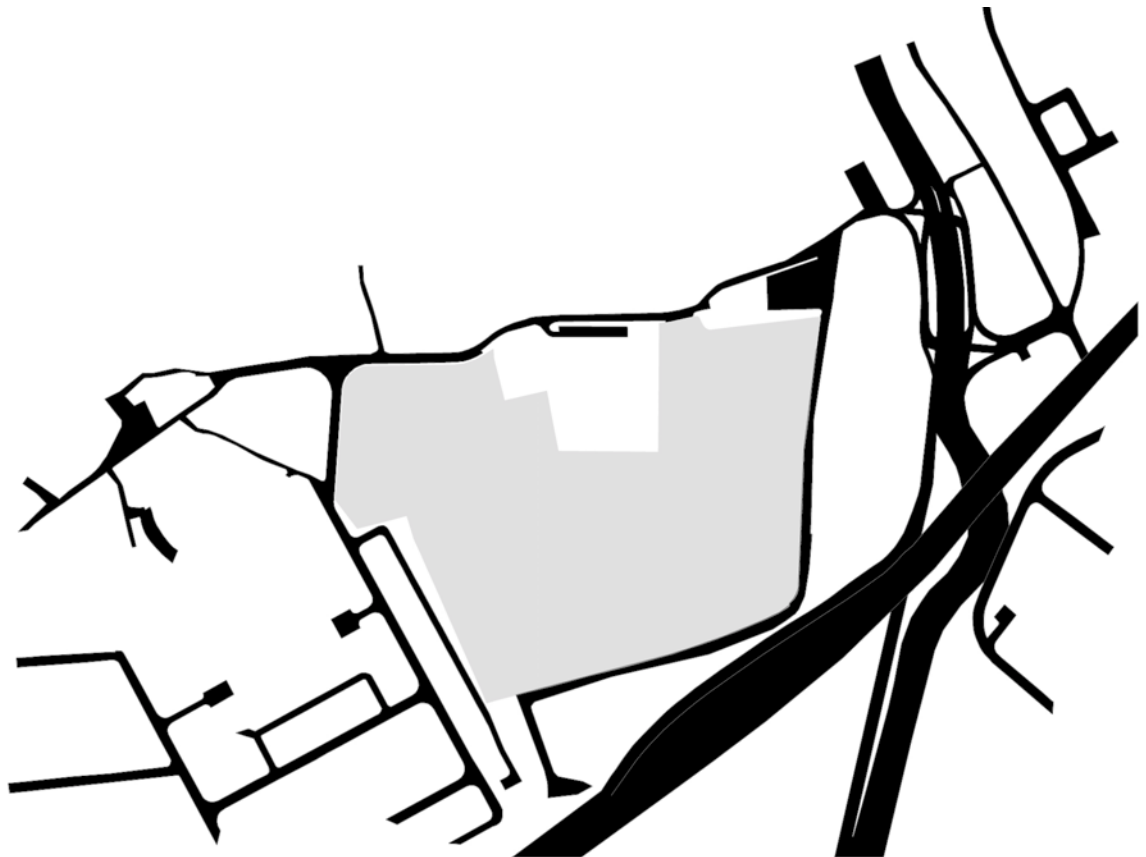
LUMIAR. MALHA URBANA ENVOLVENTE

05

3. CHEIO



4. VAZIO



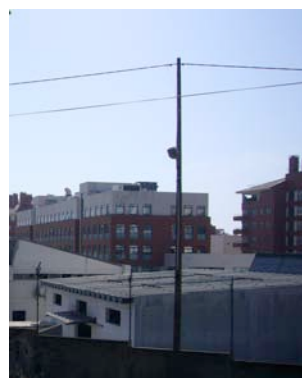
OLIVAIS. MALHA URBANA ENVOLVENTE

06

1. PLANTA sem escala



2. FOTOGRAFIAS



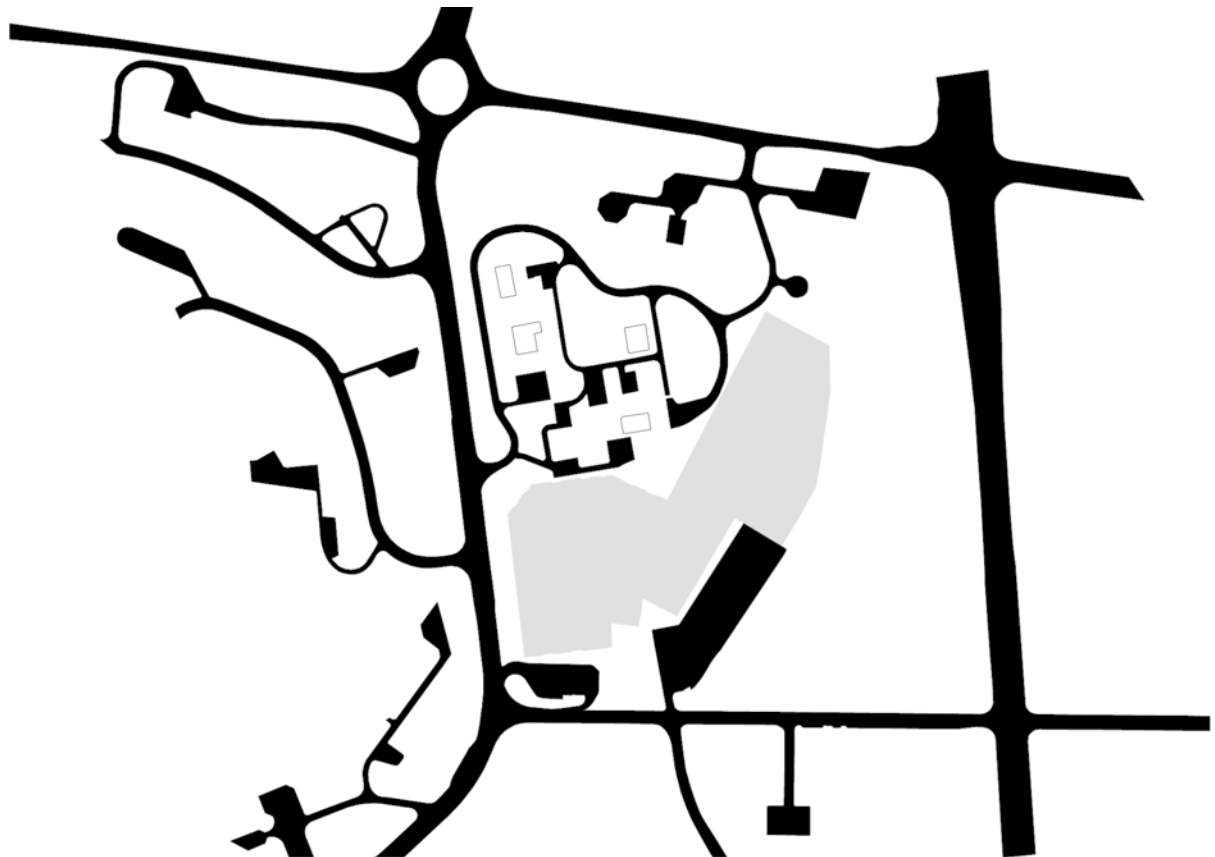
OLIVAIS. MALHA URBANA ENVOLVENTE

06

3. CHEIO



4. VAZIO

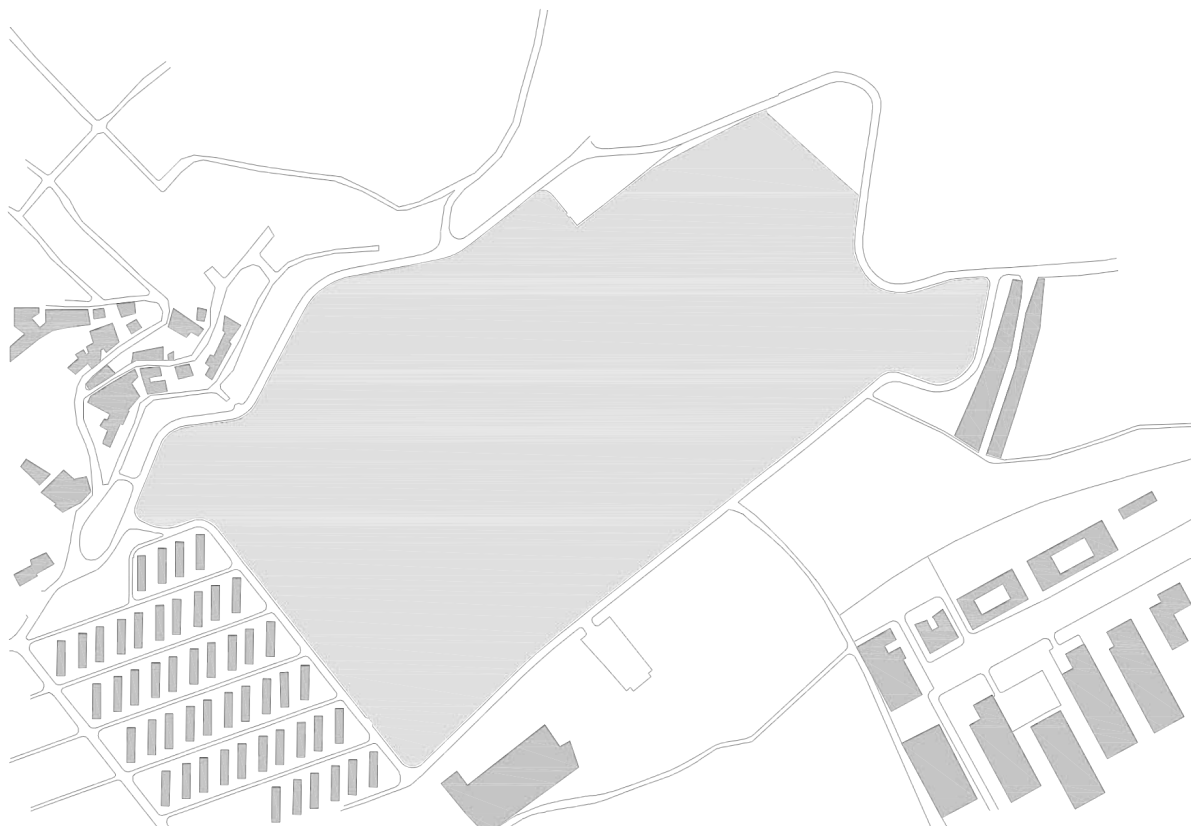




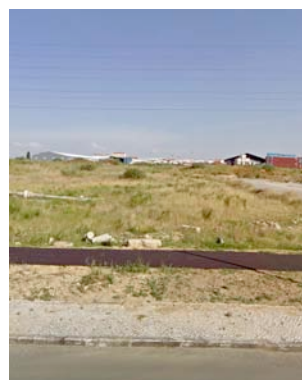
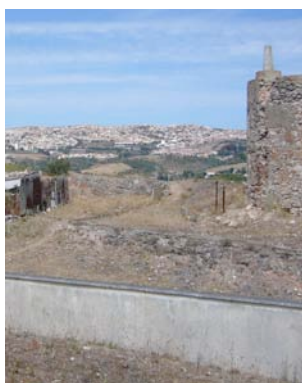
CARNIDE. MALHA URBANA ENVOLVENTE

07

1. PLANTA sem escala



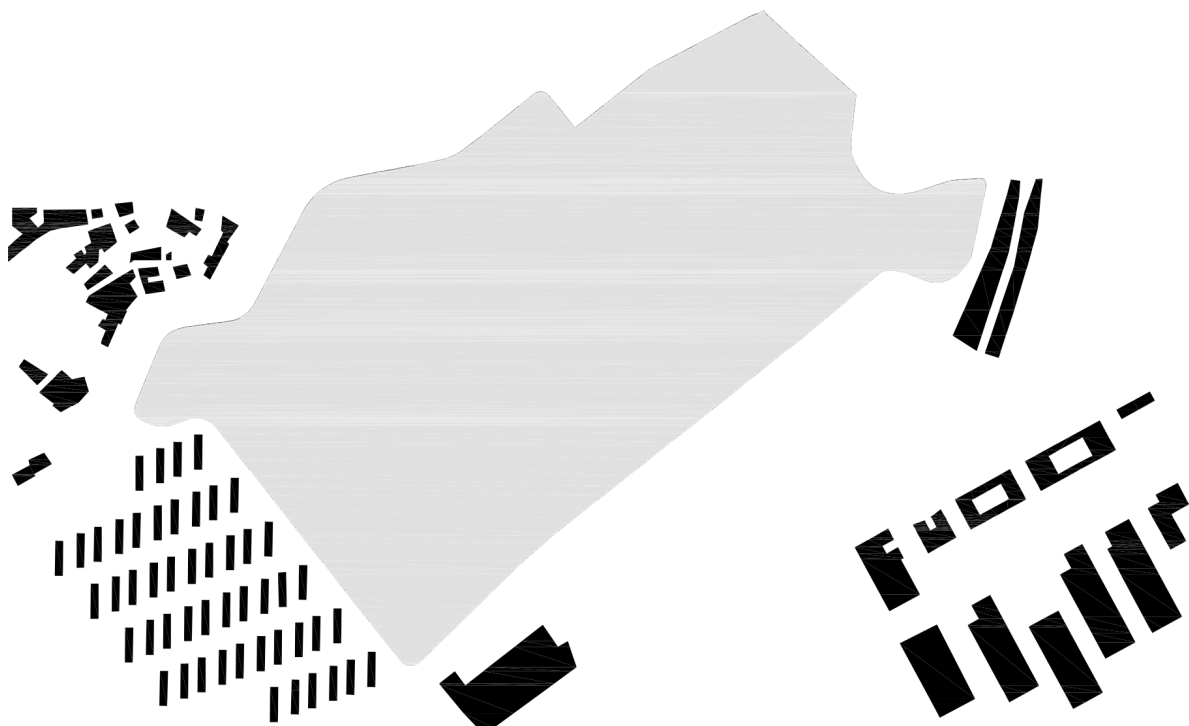
2. FOTOGRAFIAS



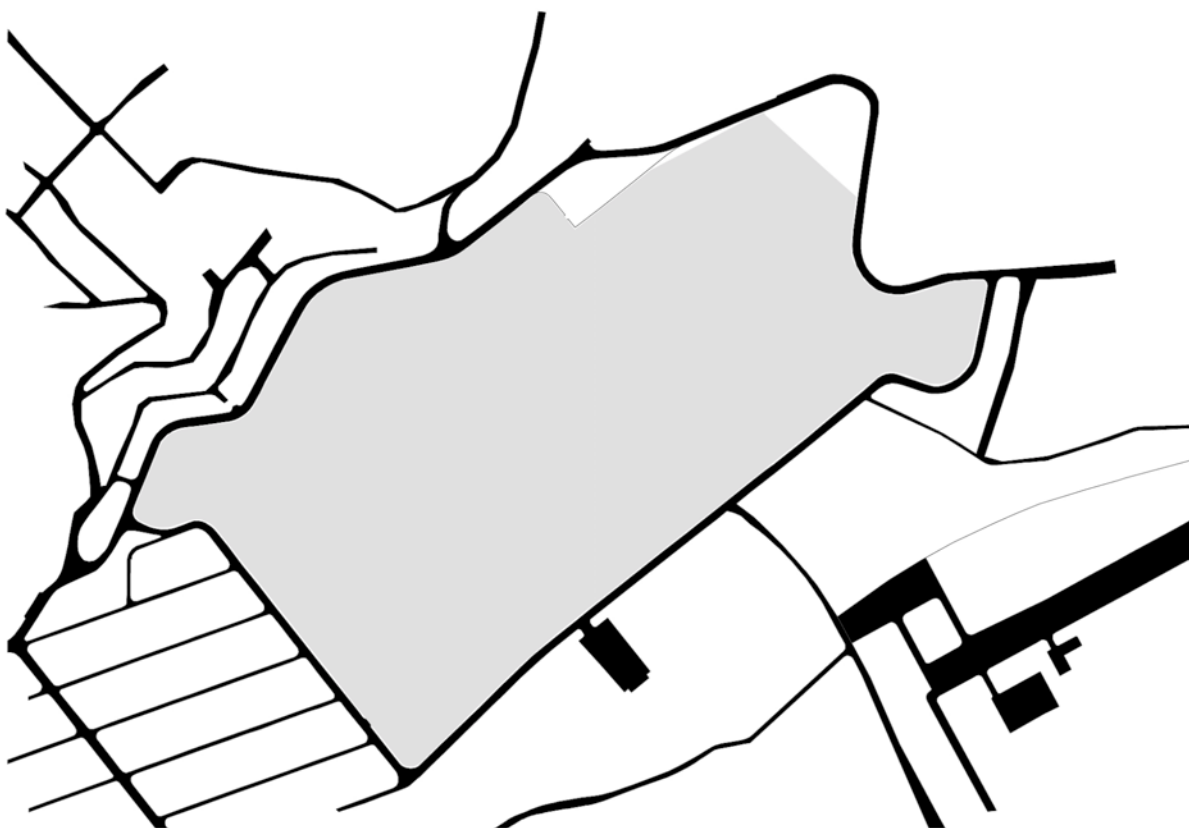
CARNIDE. MALHA URBANA ENVOLVENTE

07

3. CHEIO



4. VAZIO



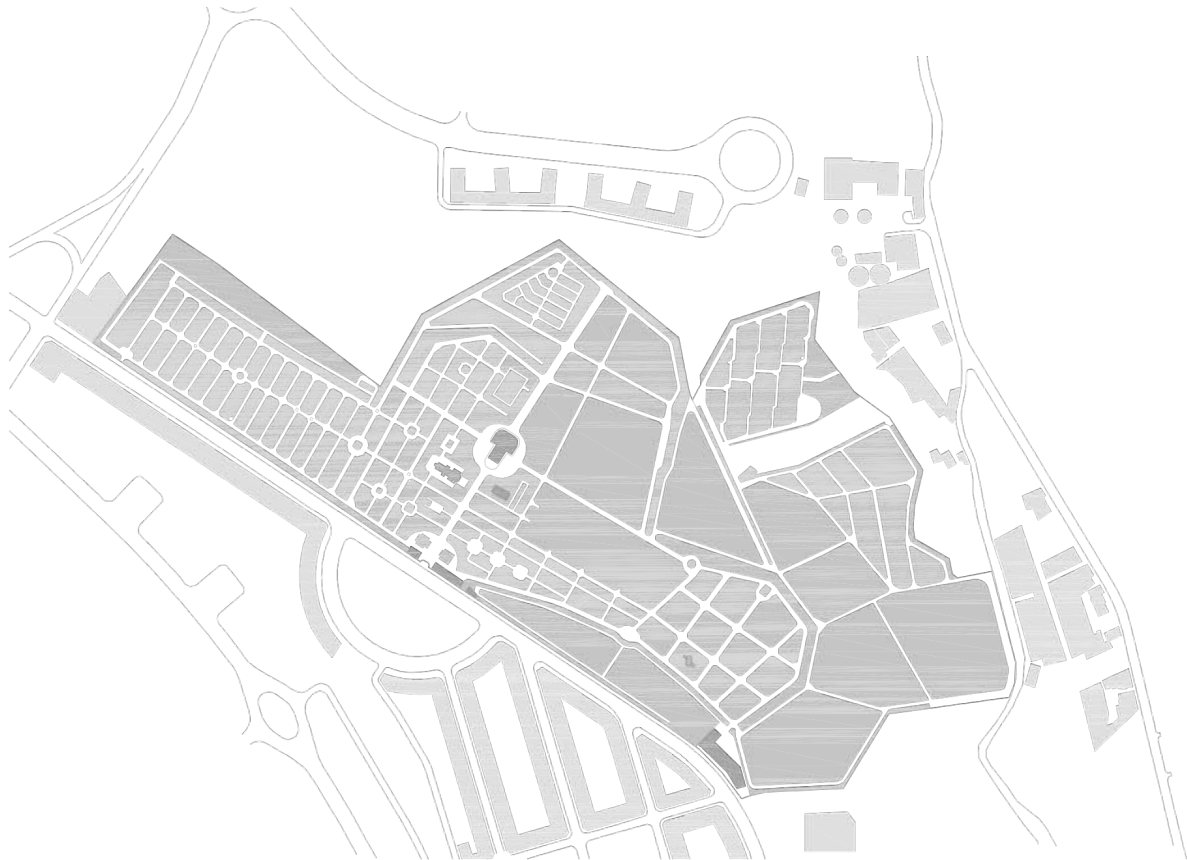
05. ANEXOS

## RECINTO CEMITERIAL

# ALTO DE SÃO JOÃO. RECINTO CEMITERIAL

# 01

## 1. PLANTA sem escala



## 2. FOTOGRAFIAS

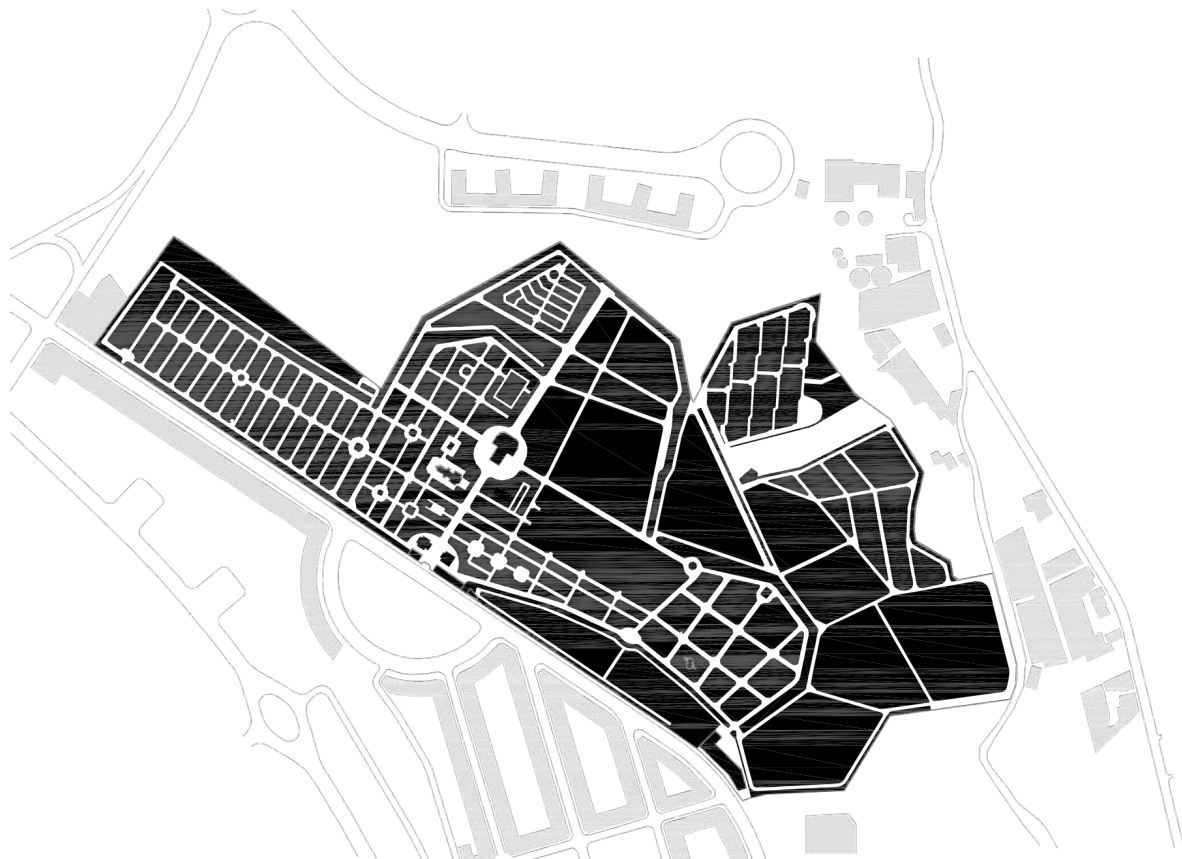




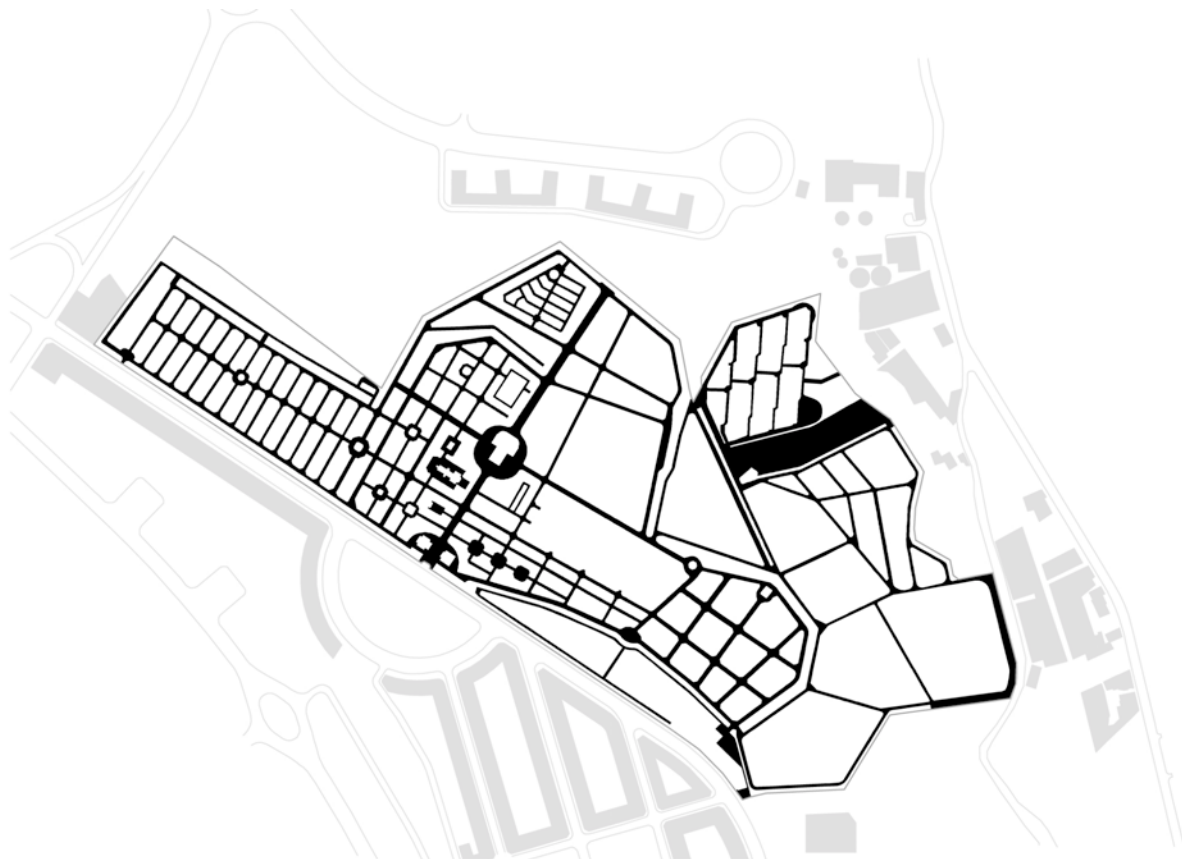
ALTO DE SÃO JOÃO, RECINTO CEMITERIAL

01

3. CHEIO



4. VAZIO



# PRAZERES. RECINTO CEMITERIAL

# 02

## 1. PLANTA sem escala



## 2. FOTOGRAFIAS



PRAZERES. RECINTO CEMITERIAL

02

3. CHEIO



4. VAZIO

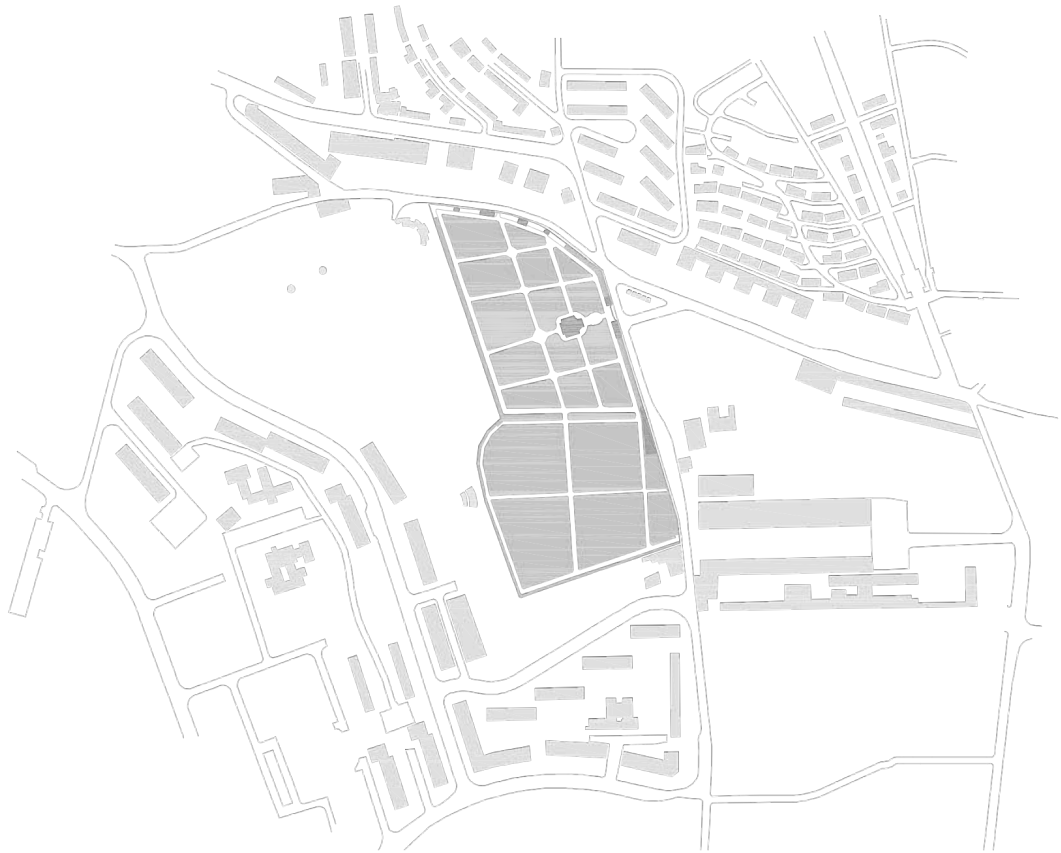




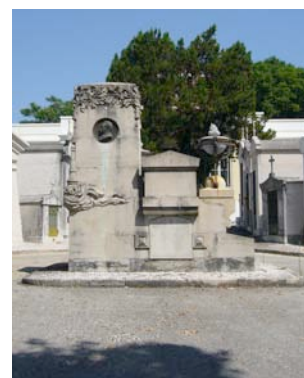
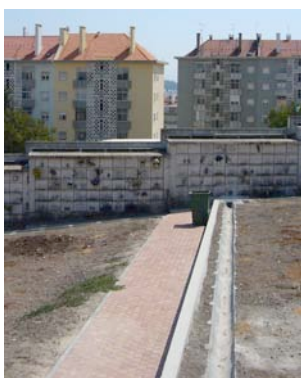
AJUDA. RECINTO CEMITERIAL

# 03

1. PLANTA sem escala



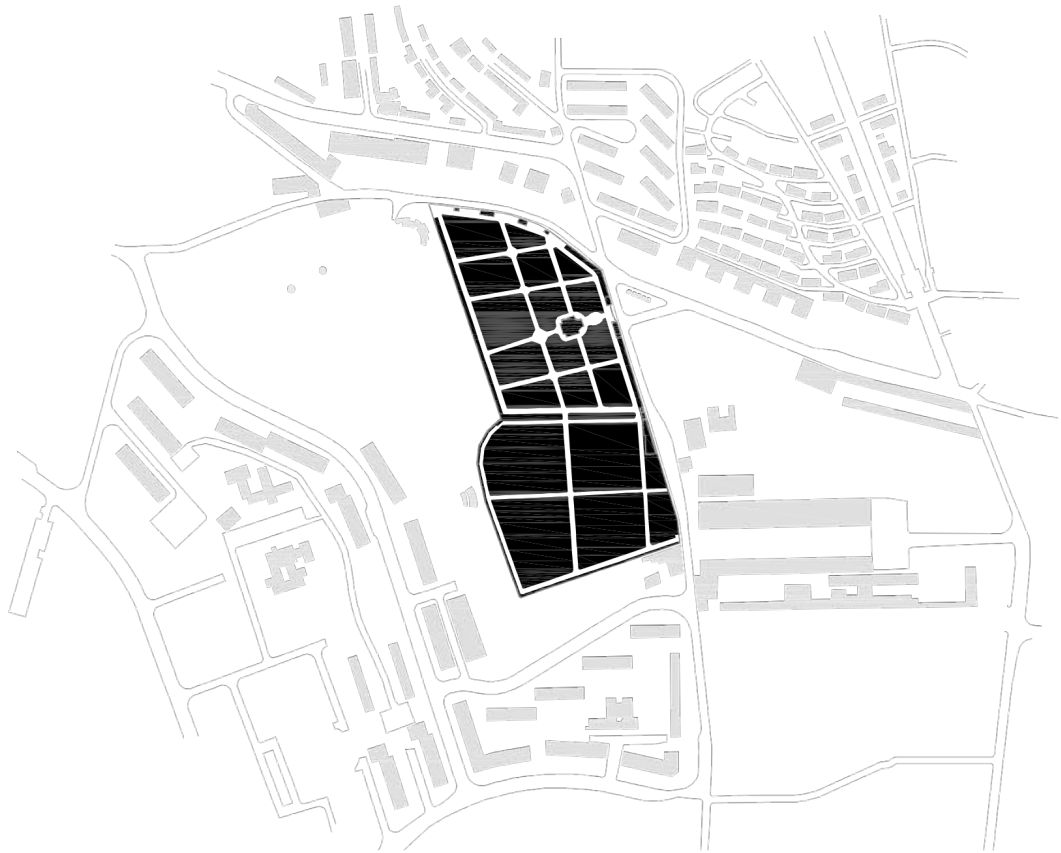
2. FOTOGRAFIAS



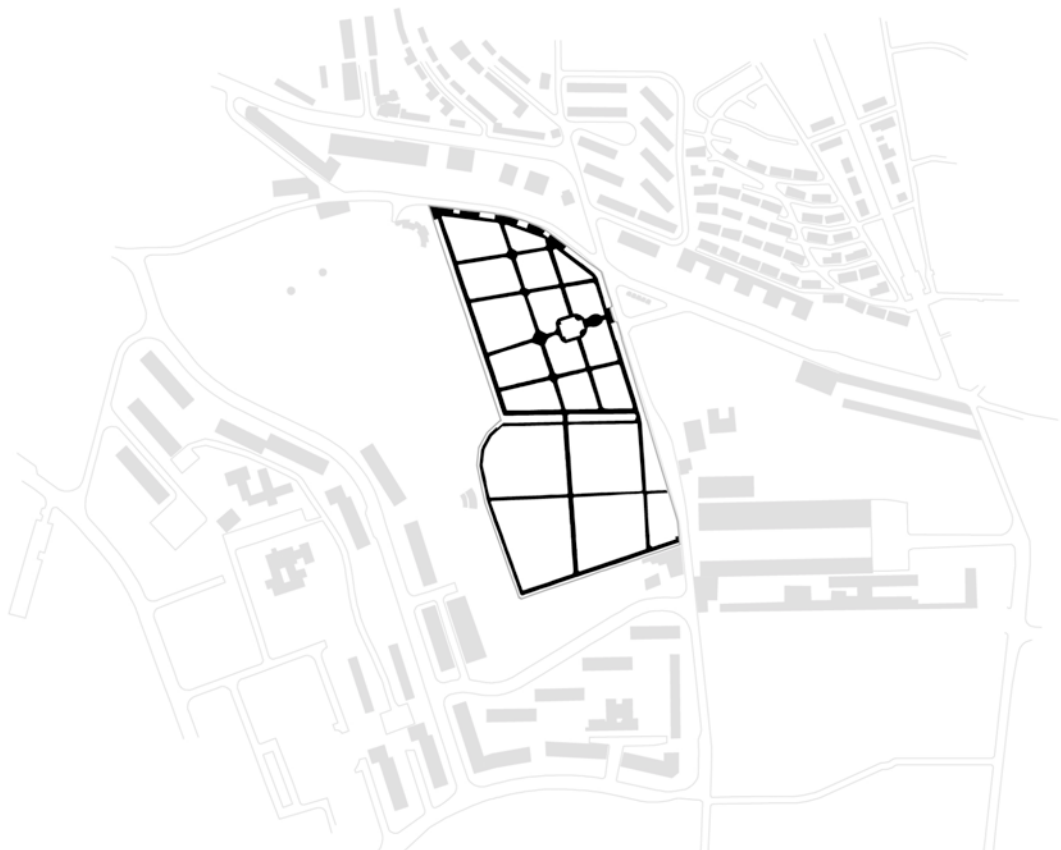
AJUDA. RECINTO CEMITERIAL

03

3. CHEIO



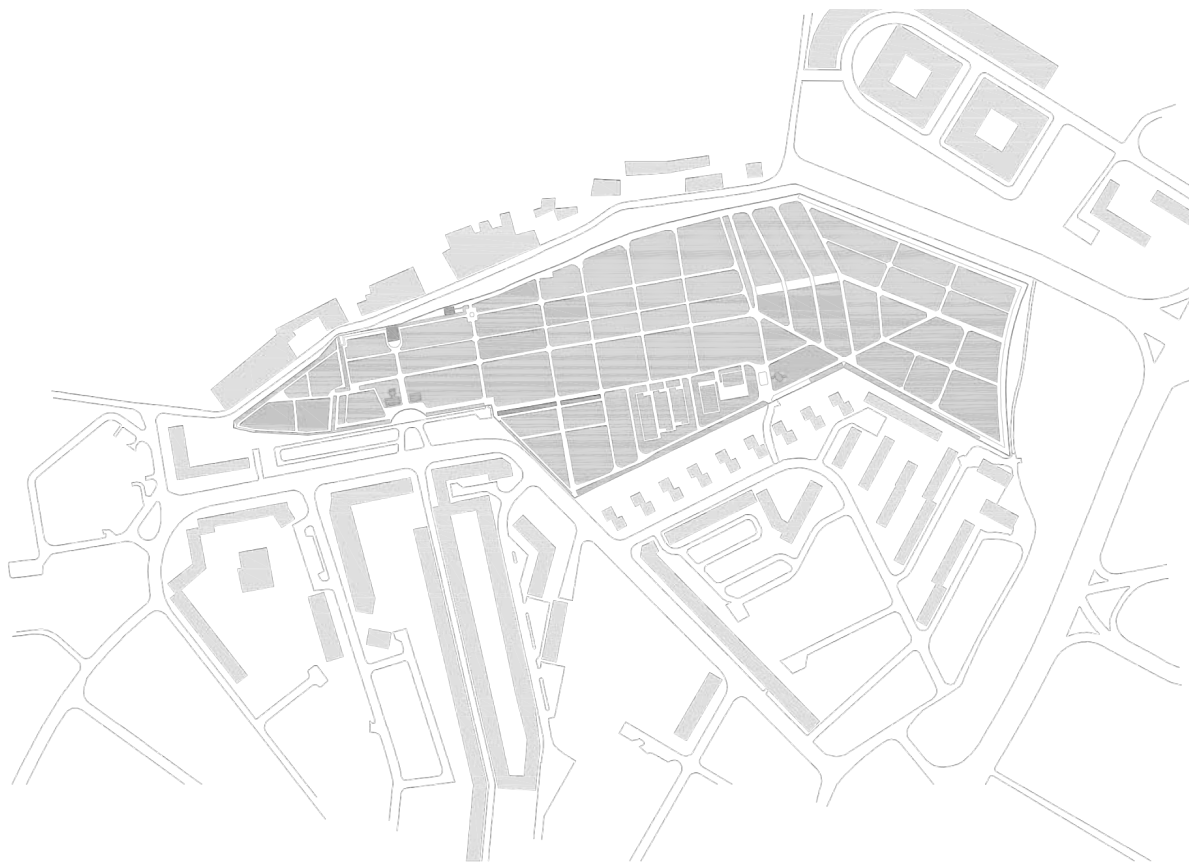
4. VAZIO



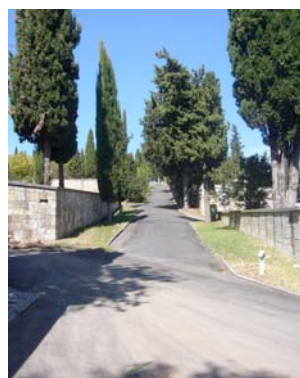
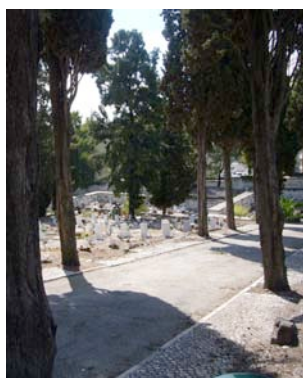
**BENFICA.** RECINTO CEMITERIAL

# 04

1. PLANTA sem escala



2. FOTOGRAFIAS

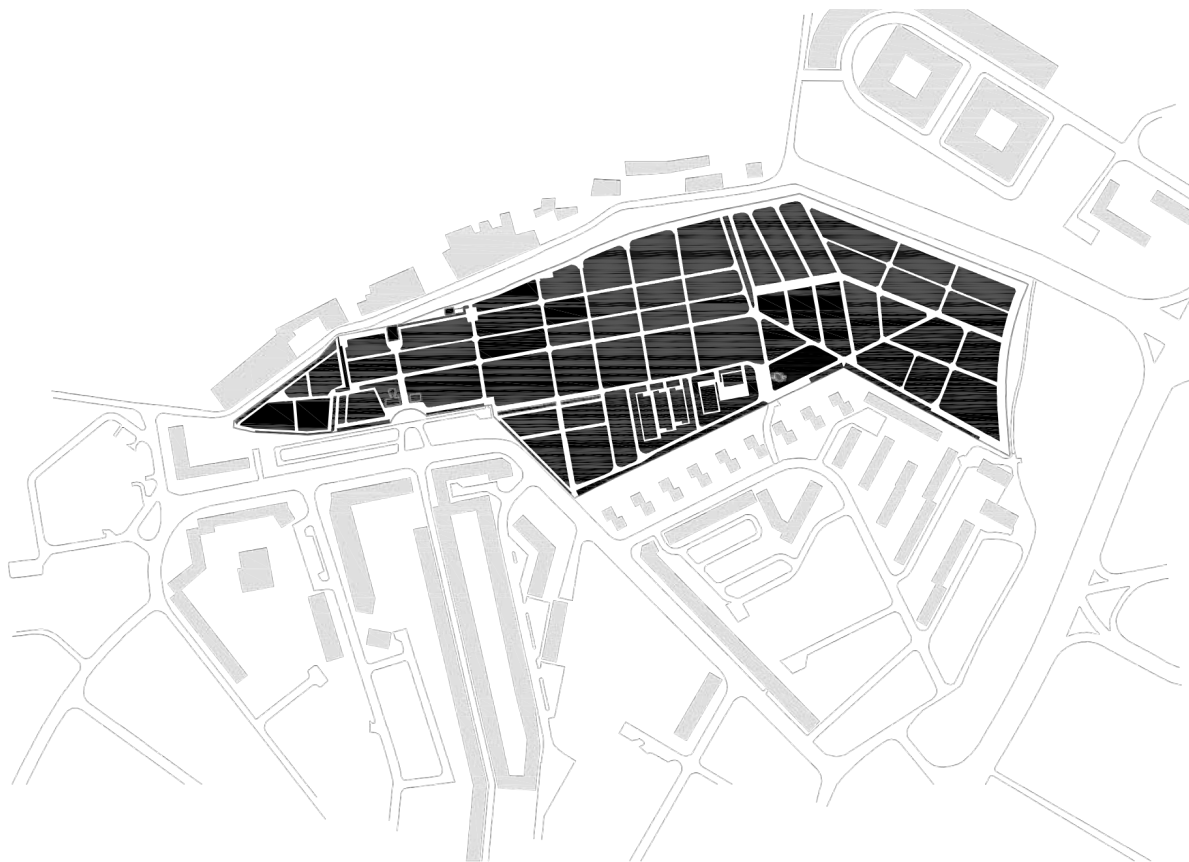




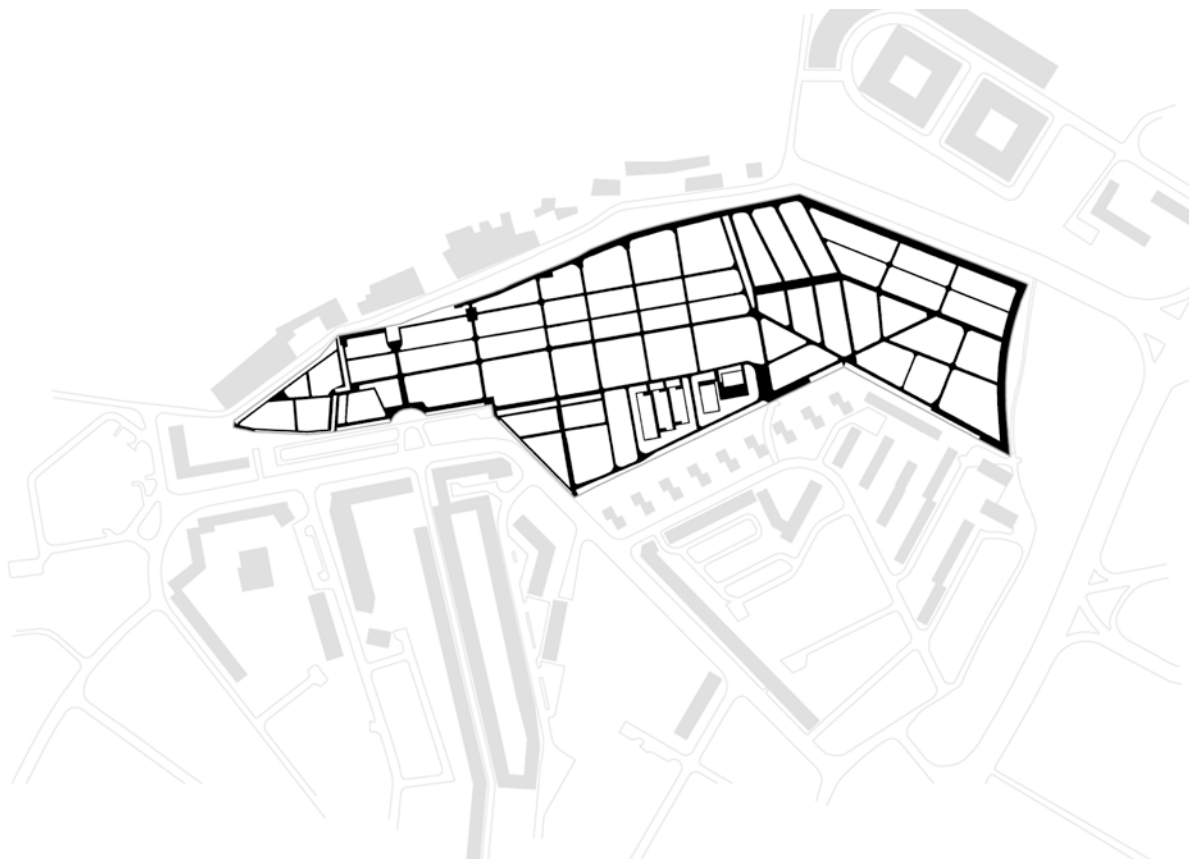
**BENFICA.** RECINTO CEMITERIAL

# 04

3. CHEIO



4. VAZIO

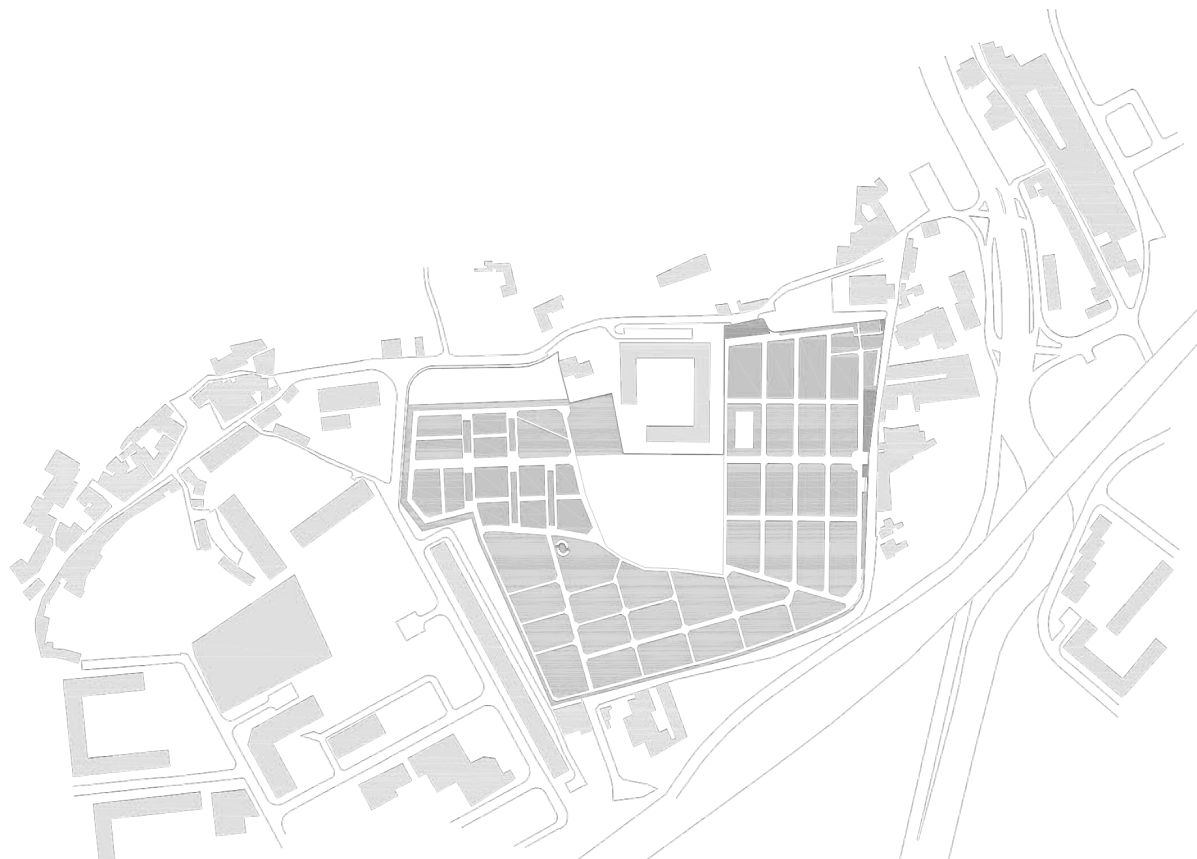




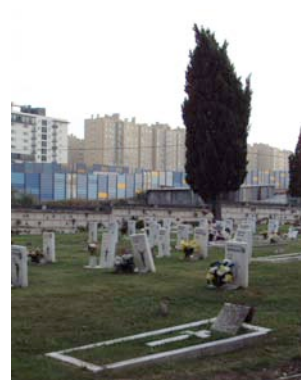
LUMIAR. RECINTO CEMITERIAL

# 05

1. PLANTA sem escala



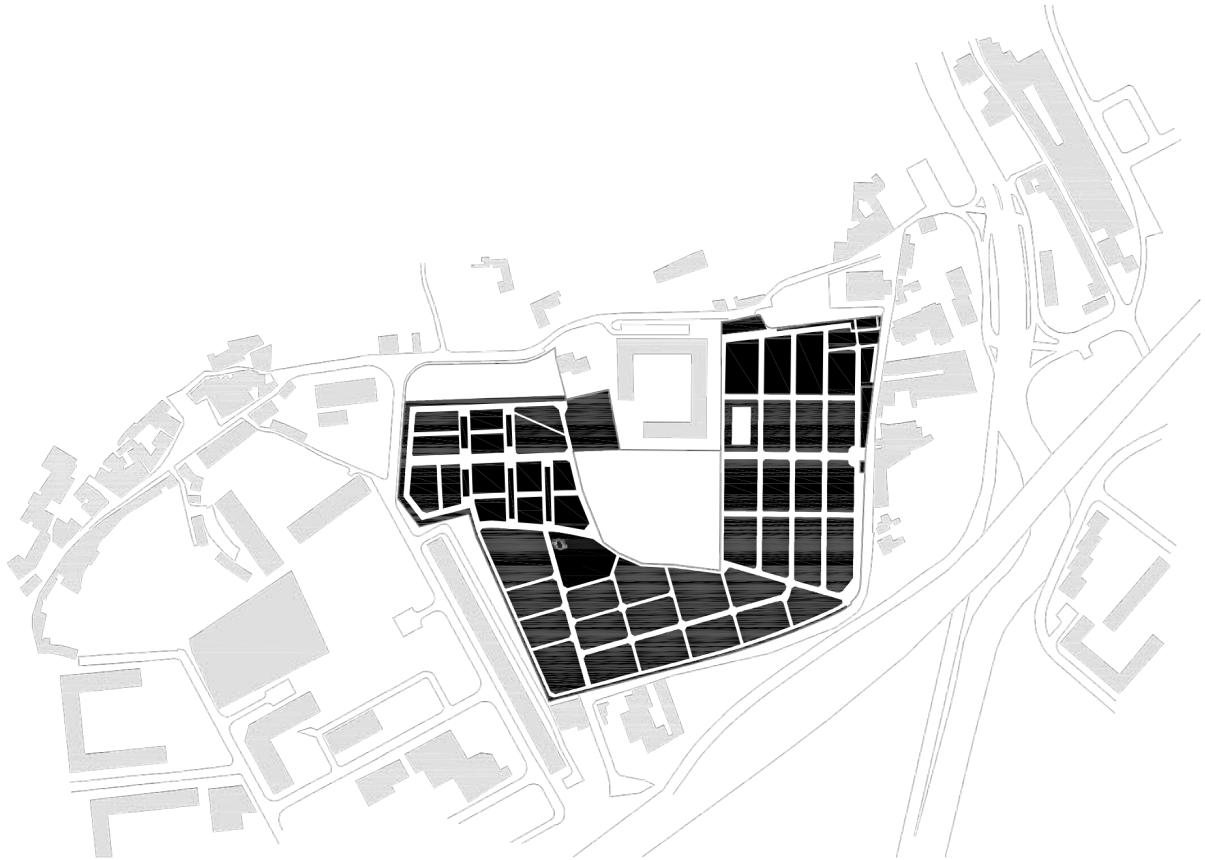
2. FOTOGRAFIAS



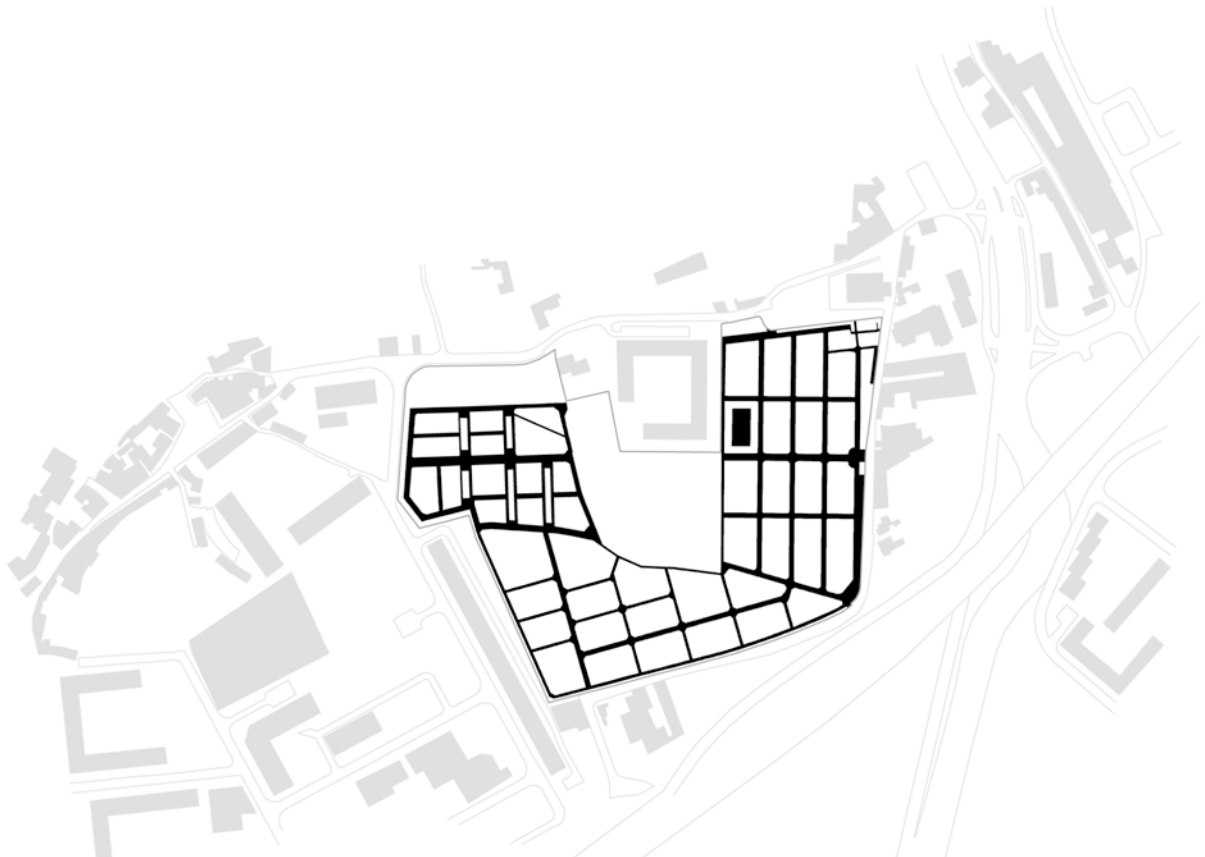
LUMIAR. RECINTO CEMITERIAL

# 05

3. CHEIO



4. VAZIO



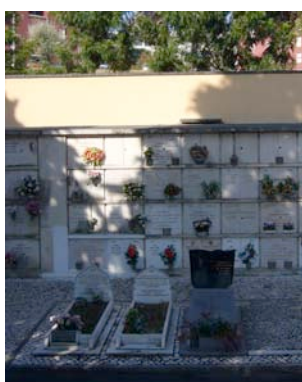
# OLIVAIS. RECINTO CEMITERIAL

# 06

## 1. PLANTA sem escala



## 2. FOTOGRAFIAS

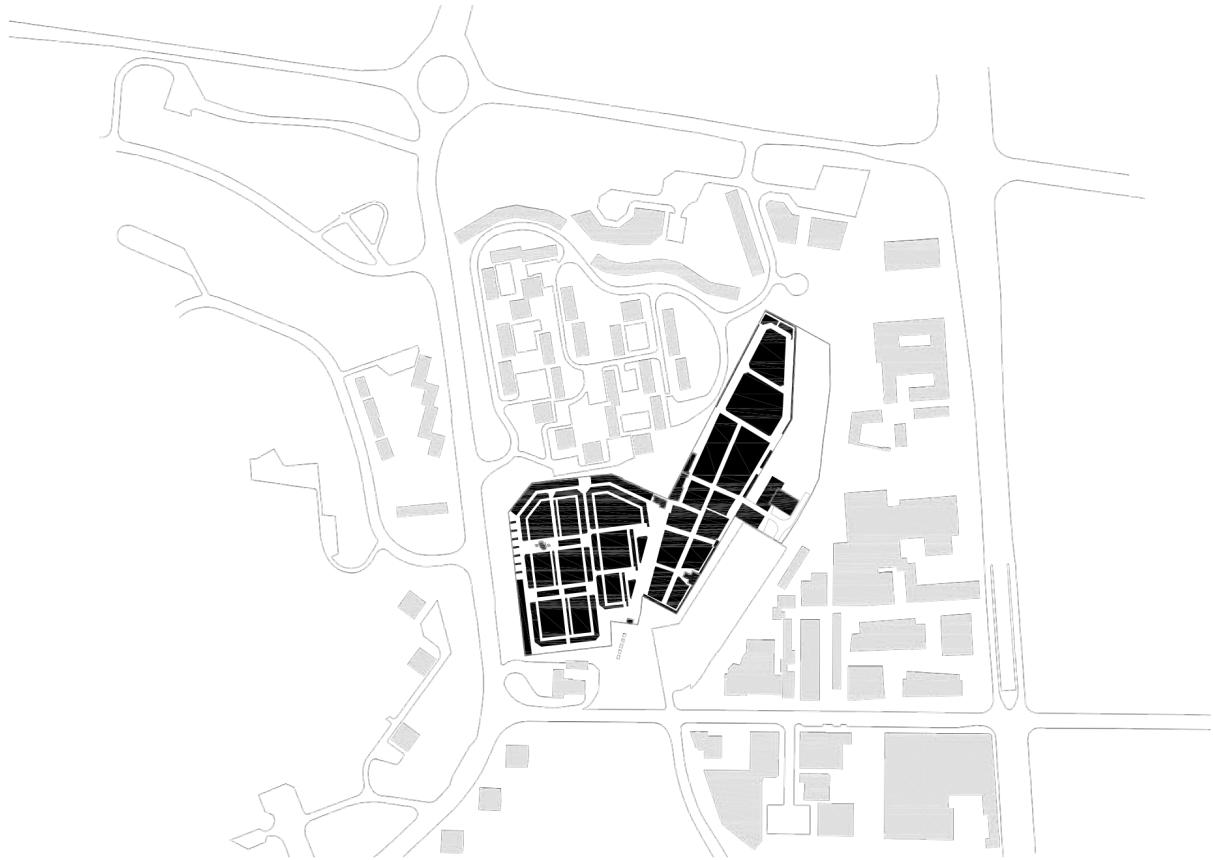




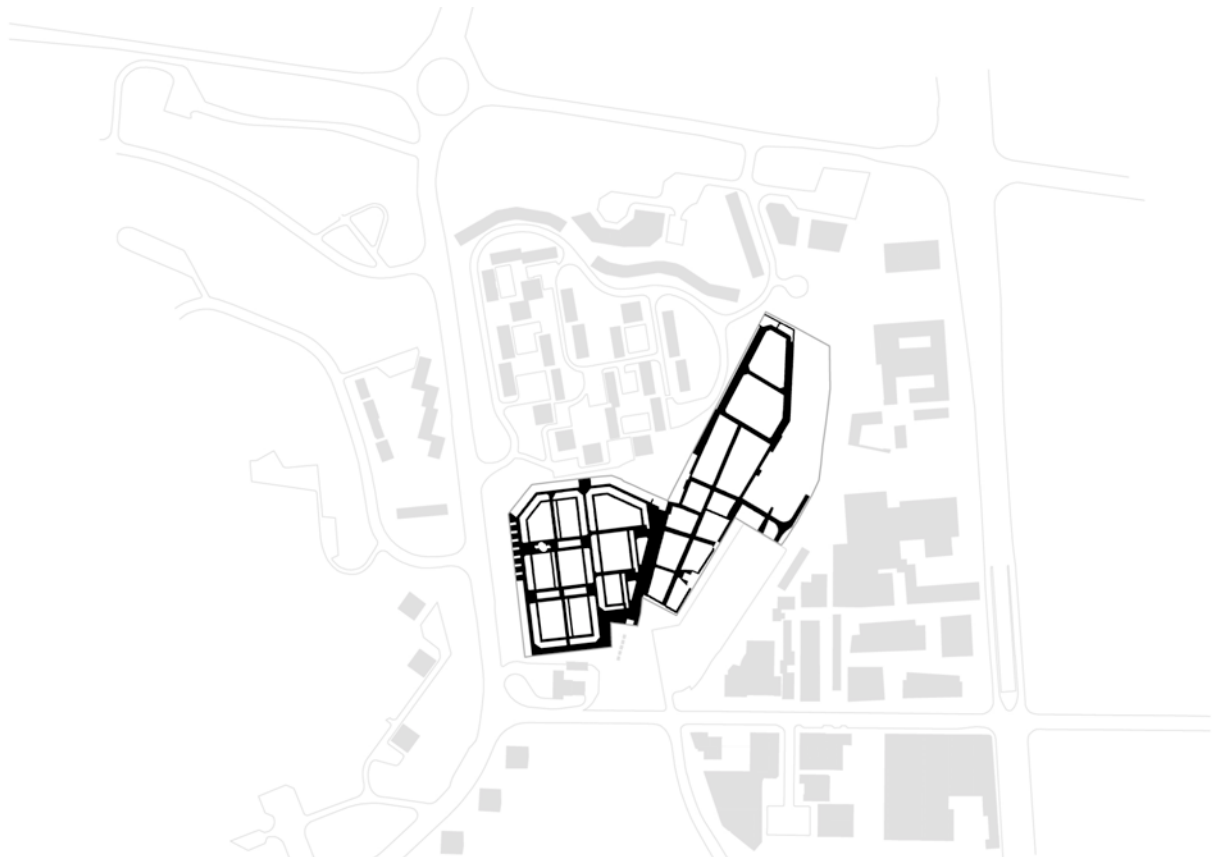
OLIVAIS. RECINTO CEMITERIAL

06

3. CHEIO



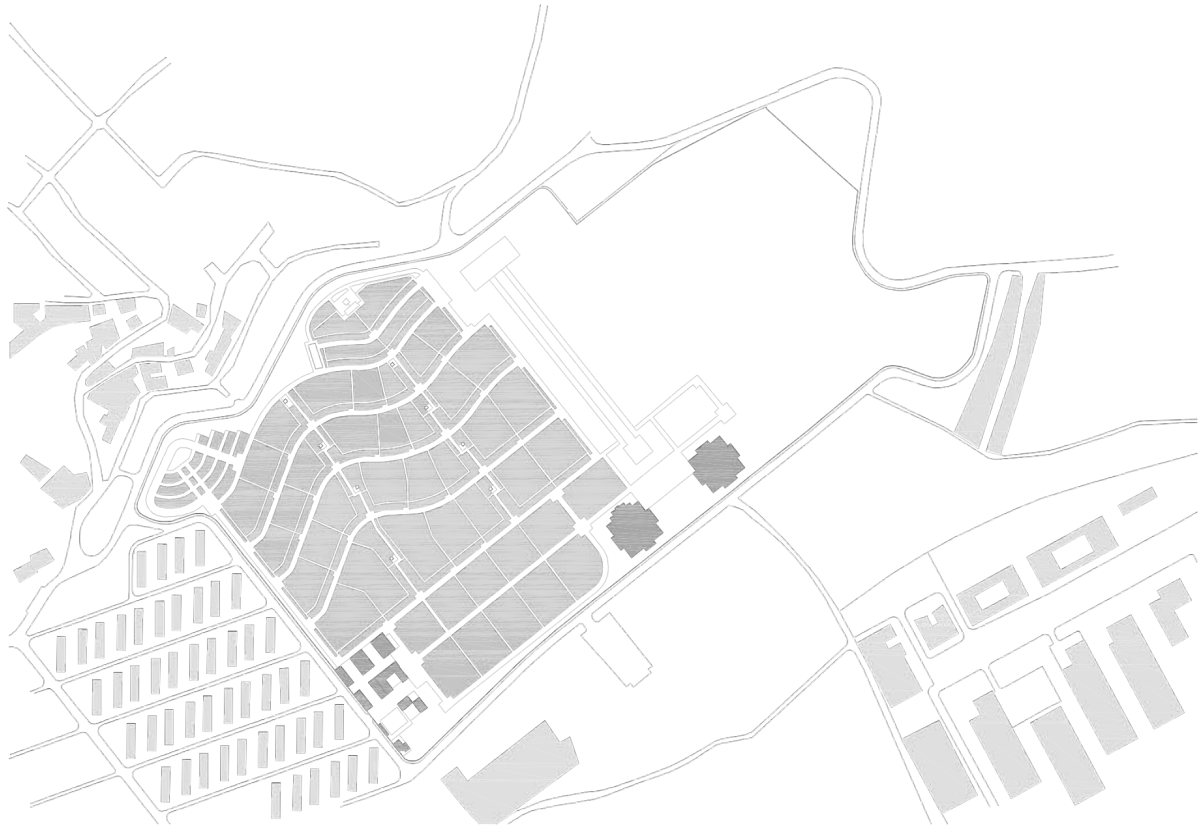
4. VAZIO



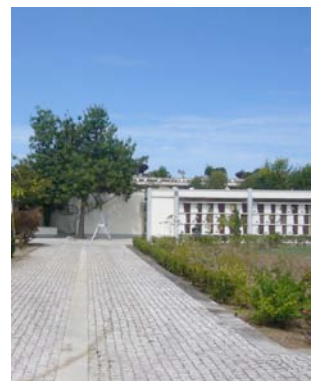
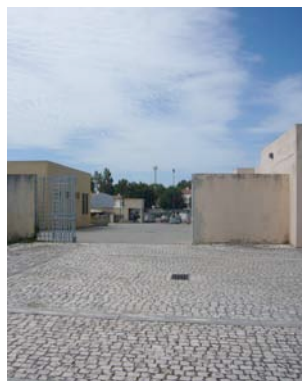
CARNIDE. RECINTO CEMITERIAL

07

1. PLANTA sem escala



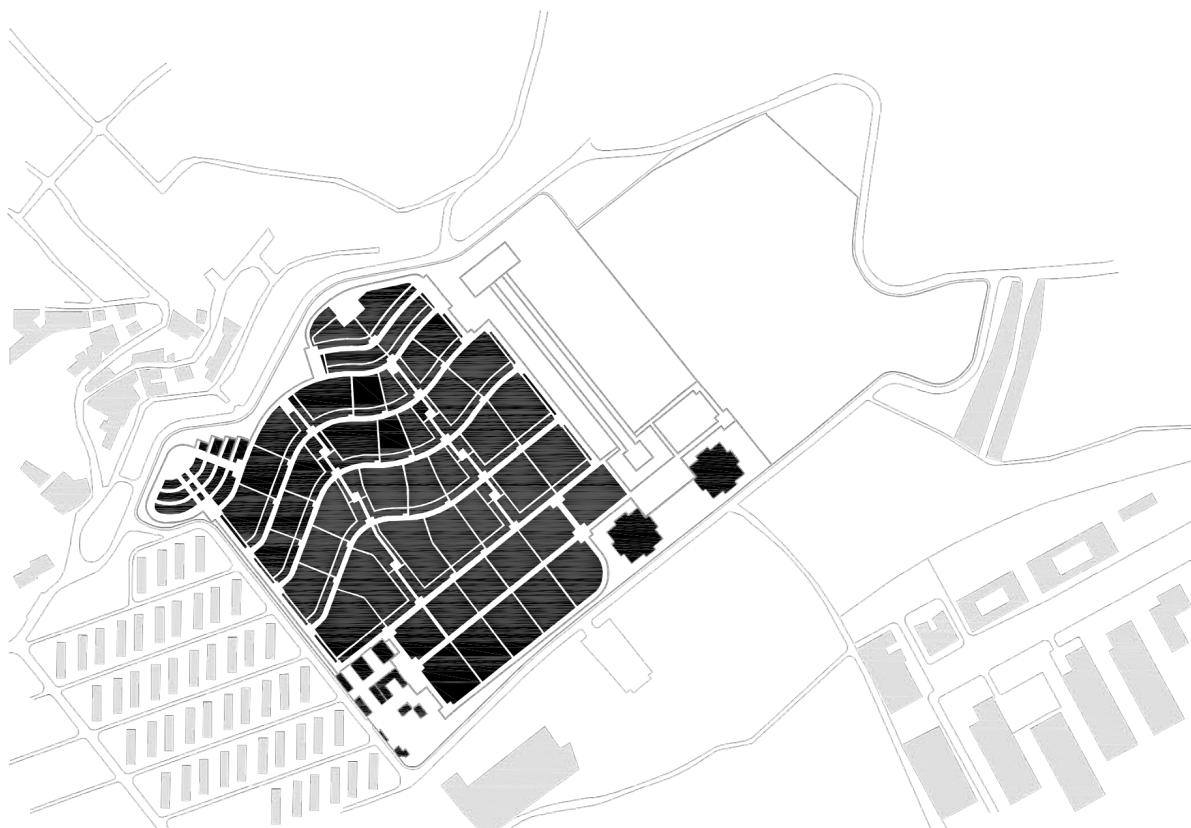
2. FOTOGRAFIAS



CARNIDE. RECINTO CEMITERIAL

07

3. CHEIO



4. VAZIO

